

**ARTE NAMBAN NO MERCADO LEILOEIRO INTERNACIONAL
E NACIONAL**

Ana Teresa Guimarães Romero

**Projeto de Mestrado
em Gestão de Mercados de Arte**

Orientador(a):

Prof. Doutor Luís Urbano Afonso, Prof. Auxiliar, (FLUL)

Co-orientador(a):

Dr. Miguel Cabral de Moncada

Março de 2013

- Lombada -

ABSTRACT

A chegada dos primeiros mercadores portugueses ao Japão significou o primeiro contacto entre duas civilizações distintas, até então completamente separadas: a europeia e a japonesa. A arte nipo-portuguesa que resultou deste encontro, mais conhecida como “arte namban”, beneficia hoje de uma grande procura no mercado leiloeiro, atingindo frequentemente preços elevados.

O objectivo deste projecto de mestrado é analisar o valor mercantil de objectos de arte namban, tendo em conta o seu valor artístico, histórico e documental.

Palavras-chaves: Arte namban, mercado leiloeiro

The arrival of the first Portuguese traders in Japan meant the first contact between two distinct civilizations, up until then completely separated: the European and the Japanese. Nipo-portuguese art which resulted after this encounter, best known as “namban art”, benefits nowadays from great interest in the auction market, often reaching high hammer prices.

The goal of this master’s project is to analyze the market value of namban art objects, considering their artistic, historic and documental value.

Keywords: Namban art, auction market

AGRADECIMENTOS

Quero expressar os meus agradecimentos aos meus orientadores, o Professor Doutor Luís Urbano Afonso e o Dr. Miguel Cabral de Moncada por todo o apoio prestado e pela disponibilidade em me ajudar e aconselhar sempre que necessitava.

Um especial agradecimento à equipa de trabalho da Cabral Moncada Leilões, em especial à Dr. Marta Nunes e ao Dr. Filipe Costa, por todo o apoio prestado na recolha de dados. Quero agradecer também à Dr. Clara Ferreira Marques da Leria & Nascimento e ao Palácio do Correio Velho, pela sua simpatia em fornecerem-nos dados de martelo solicitados. Um agradecimento a Alessandro Conficioni da Bridgeman Art Library por me ter fornecido algumas imagens de lotes antigos leiloados pela Christie's.

Por último, um grande agradecimento aos meus pais e à minha irmã pelo apoio e motivação que me deram.

ÍNDICE

Parte I - Contexto histórico	1
Permanência e expulsão dos portugueses	1
A “nau do trato” e as rotas comerciais	5
Expansão do cristianismo nos séculos XVI e XVII	8
Parte II - Arte namban nos séculos XVI e XVII: lacas, pintura, escultura, outros objectos (traje, cerâmica, metais, artefactos militares)	10
Influências da arte europeia e outros objectos importados pelos portugueses na arte namban	10
Lacas namban	12
1. Lacas namban para o mercado europeu	16
2. Lacas “Kirishitan”	20
3. Lacas namban para o mercado japonês	21
Pintura namban	23
1. Biombos namban com representação de namban-jin	23
2. Biombos cartográficos	27
3. Biombos e pinturas com temas ocidentais	28
4. Pinturas de devoção para altares portáteis e ex-voto	28
Escultura namban	29
1. Esculturas cristãs	29
2. Esculturas profanas	29
Outros objectos namban	30
1. Objectos para uso militar	30
2. Traje namban	30
3. Cerâmica namban	30
4. Objectos metálicos de arte Kirishitan	31
Parte III: Arte namban no mercado leiloeiro (Introdução)	32
Primeiros estudos e exposições de arte namban no Ocidente	32
Primeiros estudos, exposições e mercado de arte namban em Portugal	38
Parte IV: Arte namban no mercado leiloeiro internacional e nacional	44
1. Lacas namban para o mercado europeu	44
1.1. Arcas	44
1.2. Bandejas	46
1.3. Baús	47
1.4. Caixas	49
1.5. Cofres	50

1.6. Contadores	51
1.7. Escritórios	52
1.8. Mesas	54
1.10. Tabuleiros de jogo	55
1.11. Ventós	55
1.12. Outros objectos	56
2. Lacas Kirishitan	56
2.1. Oratórios	56
2.2. Estantes de missal	57
2.3. Píxides e Caixas de hóstias	58
3. Lacas namban para o mercado japonês	59
3.1. Caixas para guardar material de escrita e documentos	59
3.2. Polvorinhos	60
3.3. Selas e estribos	60
4. Pintura namban	62
4.1. Biombos namban com representação de namban-jin	62
4.2. Biombos cartográficos	63
5. Escultura namban	63
5.1. Esculturas cristãs	63
5.2. Esculturas profanas	64
6. Outros objectos namban	64
6.1. Aprestos militares	64
6.6.1. <i>Kabuto</i>	64
6.6.2. <i>Koshirae</i>	65
6.6.3. <i>Tsuba</i>	65
6.2. <i>Fumi-e</i>	66
6.3. <i>Inrō</i>	67
6.4. Cerâmica	68
6.5. Diversos	68
6.5.1. Espelho de cabo	68
6.5.2. Namban boshi	68
6.5.3. Taça	69
Conclusão	70
Bibliografia	74
Anexo I – Tabelas de valores de objectos leiloados	83
Anexo II – Imagens	92

SUMÁRIO EXECUTIVO

A arte namban é um tema que tem fascinado historiadores e colecionadores, mas também é um tema que carece de estudos aprofundados. Visto ser um campo da história da arte muito específico e com presença relativamente pequena no mercado leiloeiro, existe uma grande diversidade e flutuação de valores nas estimativas atribuídas pelas leiloeiras.

O objectivo deste estudo é analisar a arte namban sob o ponto de vista histórico, artístico e comercial (na atualidade). Desde modo, a estrutura desta tese de mestrado foi dividida em quatro partes. A primeira parte contextualiza a presença portuguesa na história do Japão, sublinhando a importância da missão jesuíta em Nagasáqui. A segunda parte analisa o que é a arte namban no âmbito da história da arte. A terceira parte reflecte sobre a evolução dos estudos efectuados por historiadores e investigadores sobre o tema “namban”, assim como as primeiras exposições dedicadas exclusivamente à arte namban no mundo ocidental, e a relação do mercado da arte atual para com a arte namban. A quarta parte analisa os objectos de arte namban vendidos em mercado leiloeiro internacional (Sotheby’s, Bonhams e Christie’s) e nacional (Leiria & Nascimento, Palácio do Correio Velho e Cabral Moncada Leilões), sendo que esta análise é acompanhada de um levantamento de dados de vendas de leilão entre os anos 1986 e 2012.¹

¹ Parte da investigação realizada para esta dissertação foi realizada na qualidade de investigadora do projeto "O mercado leiloeiro de arte antiga e contemporânea em Lisboa (2005-2011)" financiado pela FCT e com a referência PTDC/EAT-HAT/103690/2008.

PARTE I: CONTEXTO HISTÓRICO

PERMANÊNCIA E EXPULSÃO DOS PORTUGUESES NO JAPÃO

Em 1510, a comando de Afonso de Albuquerque, os portugueses estabelecem-se em Goa, na costa ocidental da Índia. No ano seguinte apoderam-se de Malaca, na actual Malásia, um dos centros estratégicos no comércio marítimo com o Extremo Oriente. No final desse ano os portugueses já tinham enviado embarcações até às ilhas Molucas, um arquipélago situado nos mares da Indonésia, que naquela época era conhecida como “Ilha das Especiarias” por ser a única fornecedora de noz-moscada e cravo-da-índia, especiarias muito valorizadas pelos europeus cujo comércio para o Ocidente estava até então exclusivamente nas mãos de mercadores árabes. Mais tarde, nos finais do século XVI, os espanhóis e os holandeses irão disputar o monopólio desse comércio.

Em 1513, partindo de Malaca, Jorge Álvares chega aos mares da província de Cantão, no sul da China. Em 1557 os portugueses obtiveram autorização para se estabelecerem permanentemente no porto de Macau. A última paragem da Ásia Oriental, o Japão, deu-se em 1543 quando uma fragata portuguesa desembarca em Tanegashima, na ilha de Kyūshū.² Encontramo-nos no final da época de Muromachi (1333-1573) da história do Japão, também conhecida como “Era de Ashikaga”³. O último período da época de Muromachi, o chamado “Período Sengoku” (1465-1573) é assim denominado pelos historiadores japoneses como referência ao Período dos Reinos Combatentes na China, um período de guerras políticas e feudais que precedeu a unificação do reino.

Durante o Período Sengoku assistiu-se à emergência de uma nova classe de clãs militares poderosos que vai a pouco e pouco suplantando a classe aristocrática dos antigos *daimyo* (chefes militares), que serviam o governo de Ashikaga. No final do século XV, estes emergentes clãs militares já tinham dividido o Japão em pequenos estados marciais com regime

² Existe algumas divergências entre historiadores em relação à data oficial. Há quem refira que os portugueses naufragaram dois anos antes nas ilhas de Kyūshū (Elisseeff, 1980). Alexandra Curvelo no entanto afirma que a data de 23 de Setembro de 1543 é a que “*reúne maior consenso*” (Campos, 2007: 76, nota 197). Em relação à identidade dos primeiros portugueses a chegarem ao Japão, a maioria dos historiadores inclina-se para a versão de António Galvão, apoiada por Diogo de Couto e pelo Jesuíta Georg Schurhammer, nomeando Francisco Zeimoto, António Mota e António Peixoto como os primeiros a pisar solo japonês (Costa, 1993).

³ A Época Muromachi inicia-se em 1336 com *shōgun* (antigo título do governo japonês, constituído por senhores militares nomeados pelo Imperador) dos clãs Muromachi e Ashikaga, e termina em 1573, quando o último governante, Yoshiaki Ashikaga, é expulso da capital do Japão.

de feudo, e os *daimyo* de cada clã combatiam entre si na ambição constante de expandir os seus territórios. À medida que alguns *daimyo* caíam em submissão perante outros mais poderosos, os territórios conquistados pelos *daimyo* vitoriosos eram consolidados e o Japão fracturado ia ficando cada vez mais unificado.

O Período Azuchi–Momoyama, entre 1573 e 1603, constituiu-se na primeira fase da unificação do Japão, levada a cabo por Oda Nobunaga (1534-1582) e seu sucessor Toyotomi Hideyoshi (1536-1598). Filho do *shōgun* de Owari, o general Oda Nobunaga foi uma figura proeminente na assimilação dos portugueses no Japão. Apesar de a chegada dos portugueses ter coincidido com um dos períodos mais sangrentos da história do Japão, estes não podiam ter encontrado melhores oportunidades de comércio num cenário de guerra onde a procura por armamento e metais para uso militar era desmedida, e os mosquetes de pavio dos portugueses rapidamente chamaram a atenção dos locais, inclusive Nobunaga. Após terem desembarcado em Tanegashima, os portugueses terão oferecido armas de fogo a Shimazu Takahisa, o *daimyo* de Satsuma que os recebeu (Tani e Sugase 1973, 13). Shimazu terá oferecido uma destas armas ao *shōgun* de Quioto (Lidin, 2002, 160). Os japoneses terão copiado “o modelo deixado pelos portugueses ao senhor de Tanegaxima” (Pinto, 1990: 34), e o uso de armas de fogo eventualmente dispersou-se por todo o país.⁴ Segundo Olof G. Lidin (2002: 160), “*that the manufacture of the new weapon was considerable on Tanegashima is proven by the fact that Hideyoshi asked for 200 teppō⁵ instead of a contingent of samurai for his Odawara campaign in 1590*”. O General Nobunaga empregou mosqueteiros na batalha de Nagashino⁶, os quais foram decisivos para a sua vitória (Naohiro 1990, 54).

Quando Nobunaga morre em 1582, um terço do Japão já tinha sido unificado. Um dos seus aliados mais próximos, o general Toyotomi Hideyoshi, sucede-lhe no poder e continua o trabalho de unificação do país. Ao contrário de Oda Nobunaga, que mantinha boas relações com os portugueses e jesuítas, usando frequentemente as doutrinas cristãs para motivar revoltas contra aqueles que se lhe opunham⁷; quando Hideyoshi chegou ao poder de um Japão já praticamente unido, os jesuítas começaram a ser considerados mais uma ameaça do que uma ajuda. As doutrinas cristãs entravam em conflito com os princípios neo-

⁴ O nome da ilha de “Tanegashima” entrou no vocabulário japonês para passar a significar “mosquete de pavio”, ou espingardas reproduzidas a partir do modelo português.

⁵ Nome japonês para designar “arma de fogo”.

⁶ A Batalha de Nagashino ocorreu em 1575 perto do Castelo de Nagashino, onde as tropas de Takeda Katsuyori confrontaram-se com as tropas de Oda Nobunaga e Tokugawa Ieyasu, acabando por sair derrotadas.

⁷ Nobunaga usou as doutrinas cristãs para justificar uma guerra contra os monges guerreiros do Monte Hiei, os quais não só praticavam “paganismo” como também exerciam algumas práticas “*sodomitas*” (Spence, 1985: 225).

confucionistas de um Japão Imperial.⁸ Ao mesmo tempo, os jesuítas começavam a enfrentar a concorrência dos franciscanos nas suas campanhas de evangelização, resultando em tensões entre ambas as partes.

Em 1587, Hideyoshi apodera-se de Nagasáqui e ordena a retirada dos missionários da ilha. No entanto, o édito não foi implementado a fundo. Hideyoshi apreciava as mercadorias trazidas pelos portugueses, e não tinha qualquer intenção em acabar com o comércio português, pelo que muitos jesuítas continuaram a viver na região pacificamente. Todavia, o édito foi emitido e tal só pode ter resultado de um crescente sentimento anti-cristão e, de algum modo, anti-português. Ironicamente, quem acabou por sofrer primeiro a ira anti-cristã foram os franciscanos⁹, quando em 1597 Hideyoshi reforça o édito anti-cristão. Nesse ano, seis franciscanos e vinte japoneses convertidos são crucificados em Nagasáqui, tornando-se os primeiros mártires cristãos no Japão (Varley, 1984, 166).

Ainda em 1597, às portas da morte, Hideyoshi passou a regência a um grupo de cinco generais, já que o seu filho bastardo de 4 anos ainda não tinha idade para governar, e apontou Tokugawa Ieyasu (1543-1616) como o guardião do filho. Após a sua morte, enquanto os cinco regentes disputavam entre si o trono, Ieyasu aproveitou a confusão para começar a angariar apoio de poderosos *daimyo*, instigando dúvidas já existentes sobre a legitimidade do governo de Hideyoshi Toyotomi, e agora, do seu sucessor.¹⁰ Ganhando o apoio esmagador destes, Ieyasu investe numa guerra contra os outros regentes, cujo desfecho culminou na batalha de Sekigahara.

Entretanto, os portugueses viram a sua concorrência no mercado aumentar com a entrada dos espanhóis e dos holandeses. Até 1606 os portugueses detinham o monopólio do comércio internacional nipónico, e os jesuítas controlavam a evangelização cristã no Japão, poder dado pelo próprio Papa e acordado com Espanha. Os conselheiros castelhanos entendiam que não deviam misturar o comércio entre a Ásia (dominado pelos portugueses) e a América (dominado pelos espanhóis). Mas com Filipe III de Espanha o cenário mudou, para

⁸ No Japão tradicional, o Imperador herda uma aura semi-divina, e o povo flecte aos seus pés como um ídolo. Esta ideologia contraria um dos mandamentos cristãos, pelo que a sua submissão ao imperador era comprometida. Por outro lado, alguns *daimyo* convertidos, entre os quais Ômura Sumitada, assumiram a sua fé com fervor implacável, destruindo templos budistas e xintoístas, e forçando os seus vassallos a converterem-se. Estas situações apenas instigaram o aumento da desconfiança e de tensões entre cristãos e não-cristãos.

⁹ Em 1596 um galeão espanhol naufragou na ilha Shikoku e a sua carga foi confiscada pelos oficiais de Hideyoshi. O piloto, aborrecido com a perda de mercadoria, ameaçou os militares japoneses de que uma invasão da Espanha iria chegar baseada no trabalho espião conduzido pelos franciscanos no Japão. A versão franciscana da histórica conta que os jesuítas, e não o piloto, é que fabricaram a história da espionagem e da conquista (Spate, 2004, 174).

¹⁰ Ainda que Hideyoshi tenha contribuído para a unificação do Japão, a sua descendência modesta e o seu sangue rural continuava a não agradar a muitos *daimyo* aristocratas (Spate, 2004).

prejuízo dos portugueses, tendo a partir de 1606 começado a autorizar o comércio entre as Filipinas e o Japão. Tal levou à abertura da concorrência espanhola na ilha, tanto em termos de comércio como de religiosos. Adicionalmente, com o aumento das tensões entre cristãos e não-cristãos, as viagens portuguesas até ao Japão começaram a escassear à medida que os riscos aumentavam. Apesar dos riscos, os lucros do comércio continuavam a multiplicar-se (Campos 2007, 98-99).

À entrada dos espanhóis adicionaram-se os holandeses, cuja superioridade marítima obrigava os portugueses a alterarem as rotas no Mar da China para não sofrerem emboscadas dos navios holandeses, passando também a dividir a carga em galeões rápidos em vez de usarem a mais volumosa e vulnerável nau (Boxer 1989, 15). Por volta de 1600, a caravela holandesa *Liefde* aporta em Sashio, a nordeste de Kyūshū. Para agravar a situação já algo fragilizada dos portugueses no Japão, o carismático comandante inglês da *Liefde*, William Adams, conquista as graças de Ieyasu e torna-se seu conselheiro, tendo sido até naturalizado com a alcunha honorífica de *Anjin-sama*. Em 1609 a Companhia das Índias holandesa estabelece uma feitoria em Hirado¹¹, Nagasáqui, passo que foi seguido pela Companhia Britânica das Índias Orientais em 1613.¹² Entretanto, ainda em 1600, Ieyasu derrota os apoiantes de Toyotomi na decisiva batalha de Sekigahara, e reclama o poder de *shōgun* para si. Em 1615 mata o filho sucessor de Hieyoshi e destrói o clã Toyotomi e seus apoiantes.

Ainda mais que o seu antecessor, Ieyasu nutria uma enorme desconfiança pelos missionários e não gostava do poder comercial e religioso que os portugueses detinham na ilha de Kyūshū. Neste sentido, promulgou um édito de proibição do Cristianismo com ameaças de morte em 23 de Dezembro de 1614, ordenando a saída dos missionários do país e fechando a Igreja de Nagasáqui. Até 1622, Ieyasu ordenou a execução de 120 missionários e convertidos, em Quioto e Hizen. Alguns missionários continuaram a desembarcar em Nagasáqui disfarçando-se de mercadores, o que levou à expulsão dos portugueses da cidade em 1623 (Correia, 2009). Também no mesmo ano, a feitoria da Companhia Britânica das Índias Orientais em Hirado é fechada e os ingleses são expulsos do Japão. Em 1624 conseguiu expulsar todos os espanhóis da ilha e entre 1633 e 1639 promulgou uma série de éditos que culminaram no fechar de portas permanente ao exterior, proibindo os japoneses de viajarem para fora do Japão ou mesmo de regressarem, para aqueles que tivessem saído. Entretanto os

¹¹ Primeira feitoria da Companhia das Índias holandesa no Japão, que permaneceu em funcionamento até 1641, ano em que os holandeses foram relegados à ilha artificial de Deshima na baía de Nagasáqui (Roessingh, 1964).

¹² Os ingleses chegaram ao Japão, à ilha de Hirado, em 1613, e graças a Adams, foram bem recebidos tanto pelos holandeses que se haviam já estabelecido na ilha, como pelo *daimyo* local. Os ingleses mantinham aliança comercial com os holandeses, e permaneceram na ilha até 1623 (Turnbull, 2006).

portugueses tinham ficado restritos a Deshima, uma pequena ilha artificial criada com o objectivo de receber e controlar o comércio com os estrangeiros, na baía de Nagasáqui, mas após a revolta de Shimabara¹³, os portugueses foram expulsos de Deshima em 1639, sendo a ilha ocupada pelos holandeses. Para tentar reactivar laços comerciais, uma última embaixada de Macau foi enviada em 1640, mas os membros da embaixada foram todos executados pelo *shōgun* em 1641. Em 1647 D. João IV enviou outra embaixada, de modo a tentar reactivar as relações, mas esta também não trouxe resultados positivos (Pinto 1990, 37). Termina assim o século português no Japão.

Entretanto os holandeses (juntamente com os chineses) viram também a sua actividade comercial restrita à ilha de Deshima, e durante o período de Tokugawa foram os únicos europeus autorizados a fazer comércio com o Japão (Varley 1984).

A NAU DE TRATO E AS ROTAS COMERCIAIS

Desde o século IX que os mercadores muçulmanos controlavam as trocas comerciais entre o Médio Oriente e o Sul da China, abastecendo a Europa de especiarias, corantes, pigmentos, algodão e seda chinesa, e levando aos países do Extremo Oriente, metais e gemas preciosas. De todos os metais preciosos, a prata era a mais procurada pela China, sendo que grande parte dela vinha de minas no sul da Alemanha. Ao passar pelo Mediterrâneo, os muçulmanos adquiriam o seu controlo comercial e negociavam a sua venda com os chineses.

Na década de 1530, a produção de prata a partir da exploração das minas de Omori, na província de Iwami, e de Ikuno, na província de Tajima, aumentou em largas quantidades (Okamoto 1972, 12). Nessa altura, a produção de prata no Novo Mundo ainda não tinha atingido um décimo do que iria ser daí a 30 anos, por isso ninguém conseguia prever o crescimento deste comércio na altura.¹⁴ Os depósitos japoneses de prata eram os únicos conhecidos no Extremo Oriente, e não é difícil imaginar a atracção destes para os navegadores

¹³ Revolta na península de Shimabara motivada pela carga fiscal imposta às populações pelos *daimyo*. A revolta foi comandada por um cristão, Amakura Shirō (1612-1638), e grande parte dos revoltosos eram cristãos, o que levou a que as autoridades japonesas interpretassem os motivos como político-religiosos. Os revoltosos acabaram por ser derrotados pelo exército do *shōgun*, ajudado pela artilharia holandesa e cerca de 37.000 revoltosos foram mortos (Correia, 2009).

¹⁴ Décadas mais tarde, a exploração dos espanhóis no chamado Novo Mundo, o centro e sul da América revelou minas de prata no México e no Peru. A partir de 1560, a exploração da prata do Novo Mundo produzia cerca de sete a oito vezes mais o total do resto do mundo, e o valor da prata desceu. Com a apoderação das Filipinas por parte dos espanhóis, a prata espanhola era comercializada na China por via das Filipinas, originando uma verdadeira revolução de preços.

comerciantes, principalmente para a China. Inúmeros comerciantes vinham da China para o Japão nos seus juncos para trocar a seda chinesa, muito desejada pelos japoneses, por prata, adquirida mais barata e depois vendida na China ao preço *standard* comercial. O lucro era grande, mas devido aos conflitos internos que ocorriam no Japão nessa altura, além da pirataria japonesa descontrolada nas águas costeiras, os comerciantes chineses só conseguiam aportar os seus juncos nos portos rurais e semi-abandonados de Stasuma e Osumi (Okamoto 1972, 13).

Os portugueses chegaram ao Japão, vindos do sul da China, mais ou menos na mesma altura em que se deu este crescente comércio dos juncos chineses¹⁵, e perceberam rapidamente que, com a abundância de prata na região, podiam operar de modo muito mais lucrativo ali do que em qualquer outro país oriental onde estiveram até então. A sua rota consistia em abastecer os seus barcos de pimenta da Sumatra e Java (Malaca), trocá-la em seda e outros produtos chineses na China, converter essa seda por prata, cobre e outros metais no Japão, e depois com a prata japonesa voltar a comprar seda chinesa, e retornar à Índia para uma nova troca de seda por especiarias. A pólvora e o almíscar, entre outros produtos, também se encontravam nos produtos comercializados. Com esta rota, o seu lucro comercial deverá ter aumentado quatro vezes (Okamoto, 1972).

Ainda assim, o sucesso do comércio luso-nipónico dependia largamente das relações com os chineses, que não eram fáceis. João Paulo Oliveira e Costa (1993: 19) aponta a arrogância dos portugueses e a xenofobia dos chineses como a principal causa das discórdias. Após terem sido expulsos de Liampo e de Chincheu em Fukien, China, voltaram para a região de Cantão, e aventuraram-se pelas ilhas do Delta do Rio das Pérolas. Felizmente para os portugueses, as autoridades locais de Cantão aceitaram abrir-lhes as portas para o negócio. Em 1557 foi-lhes cedido o porto de Macau, que acabou por se tornar a base do comércio português no Extremo Oriente.

Após o estabelecimento de Macau era preciso encontrar um porto permanente no Japão. Só o conseguiram em 1571, após o estabelecimento permanente da rota Macau-Nagasaki. Até então, os portugueses iam aportando ora em Bungo, na costa oriental, região controlada por Ōtomo Yoshihige (1530-1587), ora em Hirado, na costa ocidental, uma região subordinada aos Shimazu, senhores de Satsuma. A partir de 1562 os navios portugueses começaram também a aportar nas praias de Ōmura, um território na costa ocidental de Nagasaki governado por Ōmura Sumitada (1533-1587) que acabou por se tornar o primeiro

¹⁵ Alexandra Curvelo (Campos 2007, 81) afirma que os primeiros portugueses terão mesmo desembarcado no arquipélago nipónico em juncos chineses, após se terem estabelecido na costa chinesa.

daimyo cristão convertido.¹⁶ Em 1580 a cidade de Nagasáqui foi doada por Ōmura à Companhia de Jesus, e durante o período de permanência portuguesa no Japão, a cidade de Nagasáqui cresceu exponencialmente, transformando-se numa autêntica cidade comercial com uma malha urbanística que se assemelhava mais a uma cidade europeia do que japonesa (Canavarro, 1990; Rodrigues, 2006).

No início, o comércio entre Macau e Nagasáqui ainda estava exclusivamente nas mãos de comerciantes portugueses privados, mas em 1556 foi apontado um capitão-mor para o controlo desta rota¹⁷. O capitão-mor exercia a sua jurisdição sobre os portugueses que viviam no Japão ou que lá faziam comércio. Cada ano era enviada uma enorme embarcação de carga, a “Nau do Trato”, que aportava na costa de Nagasáqui, e aí faziam as trocas. Inicialmente estas naus teriam cerca de 400 a 600 toneladas, mas no final do século XVI atingiram a média de 1200 a 1600 toneladas, havendo mesmo umas a chegar a pesar 2000 toneladas (Boxer 1989, 11). Estas naus gigantescas permaneciam no porto de Nagasáqui durante um período bastante longo, pois tinham de esperar pelos ventos favoráveis para voltar a Macau (Canavarro 1989, 24). Durante este tempo de espera, os portugueses aproveitavam para estreitar as relações com a população local. Estes momentos prolongados foram mais tarde ilustrados nos famosos *biombos namban*.

Em 1560 os juncos chineses terão desaparecido do comércio da prata, devido à crescente ameaça da pirataria japonesa no sul da China, tendo os chineses tomado medidas extremas de controlo da actividade comercial dessa zona. Consequentemente os portugueses acabaram por ficar com o monopólio do comércio da prata japonesa, e isto deu aos portugueses uma enorme vantagem no comércio no Extremo Oriente, fortificando as relações sino-portuguesas e nipo-portuguesas: os portugueses acabaram por ser, durante várias décadas, os únicos intermediários no comércio entre Japão e China. Em termos de interferência histórica e política, o papel dos portugueses é indispensável. Por um lado, os portugueses conseguiram o domínio de Macau ao ajudar os chineses a combater a pirataria; por outro, ajudaram indirectamente o general Oda Nobunaga a unificar o Japão e fundaram a cidade de Nagasáqui.

¹⁶ Após o seu baptismo, Sumitada passou a ser conhecido como Dom Bartolomeu.

¹⁷ Pedro Canavarro (1989, 24) refere que isto sucedeu a partir de 1550. Mais tarde durante a primeira metade do século XVII este posto foi vendido em hasta pública, quando o império português no Oriente perdia poder. A partir de 1623 o capitão-mor da rota Macau-Nagasáqui era também o Governador de Macau interino, mas esse posto causou fricção entre os vereadores do Conselho Municipal de Macau, os quais eram eleitos por proprietários na colónia. Em 1623 foi nomeado um Capitão Geral para governador de Macau e o capitão-Mor deixou de exercer autoridade em Macau (Boxer 1989, 9)

EXPANSÃO DO CRISTIANISMO NO JAPÃO

Foram os membros da Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada em 1534 e liderada pela mente de Íñigo López de Loyola (1491-1556), que abriram as primeiras vias de missionação no Extremo Oriente. Um dos membros fundadores, o padre Francisco Xavier (1506-1552), foi quem tomou a iniciativa em estender a missão de evangelização ao Japão. Tal aconteceu após Fernão Mendes Pinto e Jorge Álvares voltarem a Malaca do Japão, em 1547, acompanhados por três japoneses, os quais foram introduzidos a Francisco Xavier (Costa 1993: 20). Francisco Xavier aceitou a sugestão dos mercadores de ir visitar o Japão, na companhia dos três japoneses, após uma breve passagem por Goa.¹⁸ Francisco Xavier chegou à ilha de Kyūshū em 1549, e outros jesuítas seguiram a sua missão. O trabalho missionário era concentrado mais em Quioto¹⁹ (capital) e Yamaguchi, assim como noutras partes de Kyūshū. Após a sua morte em 1552, coube ao seu sucessor Cosme de Torres (c. 1551-1570), e depois a Gaspar Vilela (c. 1526-1572), a liderança do trabalho de evangelização iniciado por Francisco Xavier. Estima-se que por volta de 1580 já havia duzentas igrejas no Japão, cerca de 75 missionários e mais de dois mil convertidos (Akio 1991, 170).

À medida que a actividade jesuíta floresce em Nagasáqui, a cidade vai-se tornando palco de grande actividade comercial e atracções exóticas: tabaco, seda, pão e outros produtos eram comercializados em Nagasáqui, animais estranhos e escravos negros vestidos luxuosamente passeavam na cidade junto com o resto da mercadoria das naus. Ao mesmo tempo, mercadores portugueses assentaram na cidade e casaram com japonesas, os jesuítas construíram igrejas, casas, hospitais e fundaram seminários. A actividade jesuíta estava intrinsecamente ligada ao comércio: 92% dos baptizados japoneses viviam em Shimo, região onde a Nau do Trato aportava (Campos, 2007). Os jesuítas precisavam dos comerciantes para sustentarem a sua actividade no Japão, recebendo uma quota da seda comercializada, e os comerciantes precisavam dos jesuítas como “*intermediários indispensáveis, visto serem linguisticamente peritos e terem os contactos adequados nas altas esferas*”. (Boxer, 1989: 10)

¹⁸ Esta passagem por Goa foi importante no sentido de apresentar o Japão ao mundo ocidental e o mundo ocidental ao Japão, deixando este de ser um arquipélago desconhecido (Costa, 1993)

¹⁹ Em 1575 é inaugurada a igreja de Nossa Senhora da Assunção na capital Quioto, também conhecida como Namban-ji (Templo dos Bárbaros do Sul) pelos japoneses. A ideia de construir uma igreja na capital partiu de Francisco Xavier. Era uma igreja de três pisos, o que era raro na altura, onde o interior era “*«ao modo romano» e possuía uma sala japonesa forrada de esteiras [tatami], e outra para a cerimónia do chá.*” (Moura, 1976: 6). A igreja parece ter sido destruída em 1588 depois do primeiro édito de proscricção do Cristianismo.

O sucesso da missionação jesuíta nos habitantes da ilha de Kyūshū e redondezas (Costa, 1993: 27), deveu muito à sua própria ideologia que valorizava a educação²⁰, e também na influência de figuras de autoridade. Oda Nobunaga, embora nunca se tenha convertido oficialmente ao Cristianismo, era um grande simpatizante dos jesuítas e usou doutrinas cristãs como pretexto político. No entanto, foi essencialmente a classe baixa e os mais desfavorecidos da sociedade que abraçaram o Cristianismo com mais entusiasmo. Actividades de caridade, como as do Irmão Luís de Almeida (c.1523-1583), que usou a sua fortuna para construir um orfanato e um hospital na cidade de Funai a partir de 1555 atraíram muita gente ao Cristianismo (Costa 1993, 27). Os pobres e os doentes viram pela primeira vez os seus males curados ou atenuados pelos padres cristãos, e Nagasáqui recebia de braços abertos os cristãos refugiados de outras partes do país (Pacheco, 1970). Mesmo após a expulsão dos portugueses do Japão, muitos japoneses mantiveram-se fiéis à fé cristã durante séculos, escondendo e protegendo das perseguições cristãs os (agora raros) objectos *kirishitan* que outrora teriam sido produzidos aos milhares durante a época namban.

Por último, destaca-se a importância, tanto a nível religioso como diplomático, da Missão Tenshō (*Tenshō Ken'ō Shisetsu*), uma embaixada japonesa enviada em nome dos “Três *Daimyo* Cristãos”²¹ de Kyūshū ao Papa em Roma em 1582, onde foram recebidos pelo então muito doente Gregório XIII e pelo seu sucessor Sisto V. A embaixada, era composta por quatro jovens missionários japoneses, acompanhados por dois servos, o seu tutor, o tradutor Diego de Mesquita e o mentor Alessandro Valignano (este apenas os acompanhou até Goa), e as suas memórias foram registadas no livro do jesuíta Duarte de Sande *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam*, publicado em 1590. Os jovens chegaram a Lisboa em 1584, e durante a viagem de Lisboa a Roma conheceram “*dois papas, um rei, cardeais, duques, arcebispos, prelados, embaixadores e um grande número de nobres europeus*” (Campos, 2007: 277). Adicionalmente, a embaixada levou consigo oferendas, como era costume nestas visitas, e é possível que durante as várias “*couzas*” que ofereceram a D. Catarina de Bragança, à Imperatriz Maria de Áustria e ao Rei de Espanha Filipe II, se encontrassem objectos de arte namban, como, pelo menos, um “*escritório*” (Campos, 2007: 275).

²⁰ “St. Ignatius Loyola, de founder of the Society of Jesus, said that education was «the most effective weapon for propagating the faith», and that one of its aims was to teach the young and those who were not baptized.” (Masuda, 1965: 73)

²¹ “Três *Daimyo* Cristãos” – “D. Bartolomeu” Sumitada Ōmura (1532–1587), “D. Francisco” ou Yoshishige Ōtomo (c. 1569/1670-?), e Harunobu Arima (1567–1612)

**PARTE II - ARTE NAMBAN NOS SÉCULOS XVI E XVII: LACAS, PINTURA,
ESCULTURA, OUTROS OBJECTOS (TRAJE, CERÂMICA, METAIS, ARTEFACTOS
MILITARES)**

**INFLUÊNCIAS DA ARTE EUROPEIA E OUTROS OBJECTOS IMPORTADOS PELOS
PORTUGUESES NA ARTE NAMBAN**

O termo “namban” vem da palavra “*nanban-jin*”, que em japonês significa “bárbaro do sul”, nome que os japoneses terão dado aos portugueses quando entraram em contacto com eles pela primeira vez. “Arte namban” é um termo usado na história da arte japonesa para identificar um tipo de arte japonesa que surge dos primeiros contactos com os europeus, nomeadamente portugueses e espanhóis. Podemos dizer que objetos de arte namban são objetos de arte japonesa com influências de arte europeia, produzidos sensivelmente entre finais do século XVI e meados do século XVII, notando no entanto que estas balizas temporais não são estanques. Quer isto dizer que o termo “arte namban” é usado para designar um tipo de arte japonesa com determinadas características formais, iconográficas e/ou decorativas cujo período de produção coincidiu com a permanência dos portugueses no Japão, e que, após a sua expulsão, a sua produção terá decrescido drasticamente, até eventualmente se ter totalmente extinguido.

Para melhor entender a contextualização da produção de objectos de arte namban e as suas características intrínsecas, é necessário abrir uns parágrafos sobre a influência da arte europeia trazida pelos missionários europeus. Cristais venezianos, relógios, mobiliário europeu e indo-português e roupas e têxteis europeus, asiáticos e do Médio Oriente deram entrada no arquipélago nipónico pela primeira vez, transportados pelas grandes naus portuguesas (Costa, 1993). Estudos de astronomia, cartografia e construção naval ocidental foram igualmente difundidos no Japão. Este novo conhecimento do mundo que os Portugueses trouxeram para o Japão é testemunhado pelos biombos cartográficos e pelos famosos biombos namban com representação dos *nanban-jin*, onde naus relativamente bem desenhadas figuram em relativa abundância. Os seminários jesuítas também ensinavam pintura ocidental, e alguns artistas da escola Kanō tiveram contacto com esta instituição.

Valime Elisseeff (1980: 1) escreve na introdução do catálogo da exposição do Musée Cernuschi “*les premiers de ces objets furent – gravures sur cuivre ou peinture – des images, des instruments – objets du culte et, même, outils comme une presse à imprimer – et des livres de piété que les missionnaires apportaient avec eux dans les églises ou, plus encore, dans les séminaires qu’ils tentaient d’instituer afin de former un clergé local.*” A introdução da prensa de impressão levou à publicação de livros religiosos e de estudo de línguas (Costa, 1993), que ajudaram à disseminação do Evangelho e a uma melhor integração dos jesuítas na cultura japonesa.

Pedro Dias escreve a partir dos dados recolhidos na “Relaçam” do padre Fernão Guerreiro que Francisco Xavier ofereceu treze dos objectos que trazia consigo ao *daimyo* local aquando a sua chegada ao Japão, e também há registo de ter feito oferendas a vários convertidos, entre elas “*uma relíquia do Santo Lenho, dois rosários, um jarro de porcelana com água benta, uma imagem de Nossa Senhora da Assunção, que não sabemos se era esculpida ou gravada, e um frontal e um dossel de seda*” (Dias, 2008: 35). João Paulo Oliveira e Costa aponta que o padre Alessandro Valignano na sua embaixada ofereceu um relógio, um vaso e “*uma cadeira de estrado coberta com seda recamada de ouro*” (Costa, 1993: 25) que recebera de um comerciante de Macau. O mesmo autor realça também que as inúmeras referências bibliográficas escritas por jesuítas na época provam a abundância dos objectos religiosos por entre os crentes naturais de territórios orientais por onde os portugueses passaram e evangelizaram. Os produtos trazidos pelos portugueses e jesuítas eram alvo de curiosidade e fascínio por parte dos autóctones, e as igrejas e escolas jesuítas não eram apenas locais de culto religioso, mas também locais de visita para os locais.

Também o capitão-mor, quando visitava as casas de *daimyo* importantes durante as suas estadias, enquanto esperava pelos ventos favoráveis para voltar para a China, oferecia aos lordes feudais objectos de qualidade superior de produção europeia, que fascinavam os senhores. As elites japonesas desenvolveram um gosto por objectos ocidentais, ou objectos com deoração retratando *nanban-jin*, os quais eram considerados exóticos (Jörg, 2008: 44).

Segundo Maria Helena Mendes Pinto (1990: 56): “*Por estranho que pareça, num país onde a arte de lacar atingira tal perfeição, passaram a importar-se durante o período de permanência portuguesa lacas vindas dos mais diversos pontos do Oriente.*” Segundo a autora, a importação de lacas de *Ryūkū*, agora Okinawa, mas na altura um arquipélago tributário da China a que os portugueses chamavam de Ilhas Léquias, influenciou a decoração das peças *namban* que os portugueses encomendavam aos artífices japoneses. Por fim,

existem algumas peças de produção indiana ou do sudeste asiático lacadas em estilo namban²², confirmando que a produção destas ocorreu em várias etapas e envolvendo mais de um local. “*Tal hipótese, ou tal facto, é um expressivo reflexo do intercâmbio cultural entre os portugueses e as várias regiões na Ásia (possibilitado pela complexa rede de rotas comerciais estabelecidas na época dos Descobrimentos) e ilustra a influência portuguesa nas artes asiáticas, tendo como consequência uma profusa mistura de temas e técnicas decorativas.*” (Frade e Körber, 2011: 44)

LACAS NAMBAN

“*As célebres lacas namban, de origem japonesa mas que testemunham igualmente a interacção das técnicas de lacas chinesa e coreana, assim como o encontro entre os Portugueses e os Japoneses, revelam a riqueza dos contactos então estabelecidos e a versatilidade artística de quem as fabricava.*” (Curvelo, 2001: 48).

Apesar de a documentação referente ao comércio da laca japonesa (e namban) nos séculos XVI e XVII ser muito escassa (Impey e Jörg, 2005), é provável que as primeiras lacas namban tenham sido encomendadas por jesuítas. Uma vez em Quioto, os jesuítas terão ficado fascinados com as lacas *kodaji maki-e*²³ (ver figura 43 em Anexo II) que decoravam o interior dos palácios dos *daimyo*, as quais serviram de modelo base para a produção das lacas namban (Akio 1999, 170). Estes missionários, tanto na qualidade de compradores como de intermediários entre os mercadores portugueses e artífices japoneses, terão encomendado lacas a oficinas locais, situadas em Nagasáqui, Osaka, e (a maioria delas) em Quioto (Hutt e Impey 1984, 92). Desenhos de modelos europeus foram certamente utilizados para instruir os lacadores. No século XVII o comércio da laca para exportação ter-se-á desenvolvido e lacadores japoneses terão sido contratados para trabalhar sob orientação dos europeus em oficinas, produzindo em grandes quantidades cofres, baús, escritórios e contadores, entre outros. Todo o mobiliário namban tem dimensões portáteis, isto é, salvo umas poucas excepções, como a cama de laca namban exibida pelo Museu Oriente em 2010-2011,²⁴ não

²² Sobre este ponto, ver “Parte IV: 1.2 Bandejas”, na página 46.

²³ *Kōdai-ji maki-e*: Estilo decorativo em *maki-e* que se caracteriza pelos desenhos elegantes de motivos vegetalistas e folhagens estilizadas a dourado sobre fundo negro da laca. “*The predominant feature of Kōdai-ji lacquer is a design of autumn plants and grasses, known as akikusa. The plants are in clumps, either free-standing or attached to a small patch of earth, and are portrayed in a naturalistic manner, frequently appearing to sway gently in a light breeze.*” (Hutt, Impey, 1984: 89)

²⁴ Existe uma cama em laca namban exibida pelo Museu do Oriente na exposição ““Encomendas Namban. Os portugueses no Japão da Idade Moderna” (Martins, Curvelo, 2010), a qual decorreu entre 17 de Dezembro de

existem móveis de arte namban de grandes dimensões, ao contrário do mobiliário indo-português. Jorge Gonçalves presume que esta característica portátil do mobiliário namban tem “ *a ver com a concepção estética japonesa e com a apropriação do espaço nas suas casas tradicionais e possivelmente também, por motivos de transporte ao serem exportadas.*” (Gonçalves 1996: 15)

Oliver Impey (2001) baliza o período de produção namban sensivelmente entre 1580 e 1639 (ano de expulsão dos portugueses). O estilo decorativo que caracteriza o “namban”, em especial a técnica de incrustação de madrepérola, parece ser uma influência das lacas coreanas que terão sido enviadas para o Japão aquando das campanhas de Hideyoshi, na década de 1580. Sabe-se que Filipe II recebeu em 1584 “*algũas peças de Japão*” (Pinto, Okamoto e Bernard, 1942: 88) da embaixada enviada pelos *daimyo* cristãos, onde se conta um escritório com seis gavetas e um vaso (bacia) para lavar as mãos, “*mui bem dourado cõ ouro moído, q lhe poem debaixo de charão*”, possivelmente executados em técnica *nashiji* (Impey, 2001: 108).

O exemplar namban inventariado mais antigo que se conhece, e que pertença a uma colecção existente, é um contador da colecção da Schloss Ambras no Museu Kunsthistorisches, inventariado em 1596 pelo Arquiduque Fernando II da Áustria, Conde de Tirol (1529 – 1595). A colecção do Castelo Gripsholm possui um baú namban que foi presenteado ao Rei Gustavo Adolfo II da Suécia (1594 – 1632) pelos Estados Gerais dos Países Baixos em 1616 (Impey, 1981). Sabe-se também que a caixa de “*toilette*” namban do Museu Nacional de Copenhaga foi inventariada em 1617 (Ferrão 1990, 235). Em Portugal, o documento mais antigo com uma referência directamente relacionada a uma peça namban é a legenda inscrita no altar onde se encontra o oratório namban da Igreja de Nossa Senhora da Caridade, património da Misericórdia do Sardoal. Nessa legenda, lê-se que o oratório foi oferecido à Igreja a 7 de Setembro d 1670 (Pinto 1990, 64).

A documentação referente a lacas namban pode ser escassa, mas sabe-se que a sua produção foi abundante na altura, devido aos numerosos exemplares espalhados em museus de todo o mundo, comparando com as lacas chinesas que rareiam no mercado. Após a expulsão dos portugueses do Japão, alguns japoneses mudaram-se para Macau, entre os quais alguns artesões (Campos, 2007). É neste contexto que parece resultar a arca de trabalho de carpintaria chinesa e laca “namban” no Museu de São Roque, existente na Santa Casa da

2010 a 31 de Maio de 2011. É possível que o fabrico desta cama seja indiano, e que a cama tenha sido lacada no Japão. De qualquer maneira, é um objecto único, e não se conhece outro exemplar.

Misericórdia (inv. 328), mas sobre esta produção sino-nipo-portuguesa não iremos tratar aqui por ser um campo muito específico.

O mobiliário dito “namban” distingue-se visualmente pelo seu estilo híbrido. Segundo o conservador-restaurador Pedro Cancela Abreu (2008) as madeiras comuns mais usadas eram o cipreste do Japão (*hinoki*) e em menor instância a criptoméria (*sugi*) para estruturas de mobiliário, e a *zelkova serrata* (*keyaki*) para objectos mais pequenos como caixas para hóstias. O cobre dourado e o latão “*tratado a ouro fino e de prata branca*” (Pinto, 1990: 95) era o mais utilizado para as fechaduras, cantoneiras, dobradiças, puxadores e outras aplicações metálicas no mobiliário namban de exportação, e menos frequentemente, o cobre prateado e a prata. Segundo a mesma autora, na mesma página, “*botões prateados e chapas recortadas em forma de borboleta serviam para ocultar a fixação das argolas ou da fechadura embutida.*”

Kitagawa (2008) explica que as próprias características da laca japonesa chamada de *urushi* (extraída da árvore *Uroshinoki*, família *Rhus verniciflua*), tornam-na diferente das suas principais concorrentes na época, as lacas chinesas, devido à sua extrema dureza e dificuldade acrescida em ser trabalhada. A alta qualidade e o brilho resultante das lacas *urushi* contribuiu para a valorização destas lacas no mercado, mas o facto destas lacas não serem removíveis por solventes, e serem vulneráveis aos raios ultravioletas, obriga a ter cuidados especiais de preservação e conservação, pois quando as cores começam a empalidecer o processo é irreversível. Não é de admirar que os objectos japoneses lacados em perfeito estado de condição, preservando as cores originais, atingem frequentemente valores elevadíssimos no mercado.

O fundo preto (*ro-iro*), seguido do fundo vermelho (*shu-nuri*), dominam a decoração das lacas do período Momoyama. A cor negra da laca era geralmente resultante do processo químico²⁵, e a cor vermelha era obtida misturando pigmento cinábrio. A laca vermelha era mais utilizada para o revestimento interior, e bem mais comum de se observar em objectos com decoração de *nanban-jin*, produzidos para consumo nipónico, do que objectos namban para consumo europeu, sendo nestes mais comum o revestimento interior com laca negra. A laca vermelha podia ser também utilizada na decoração exterior após lacada, para dar cor a

²⁵ Segundo Kitagawa (2008), o *urushi* preto *ro-iro* era obtido através de mistura de *urushi* cru em água com hidróxido de ferro ou acetato de ferro (que podia ser água de afiar ferramentas, ou água com pó de ferro ou outros resíduos de ferro). Depois de filtrado e de seco o *urushi* ganha uma cor escura e transparente. Adicionalmente, “*Os refinadores modernos de urushi preferem misturar o urushi com sulfeto de ferro para fazer ro-iro, urushi preto. No entanto, o preto resultante desta reacção química, com o tempo, reverte ao castanho-escuro original. Para evitar esta inversão nalgumas peças iniciais decoradas com urushi preto, este podia ser misturado com fuligem de pinheiro.*” (Kitagawa, 2008: 75)

certos pormenores, ou obter decorações de estilo *negoro*, um estilo decorativo japonês que se caracteriza pelos contrastes vermelho e negro.

O processo de aplicação de laca era lento e moroso, e, como iremos referir mais à frente, era provável que muitas lacas *namban* para consumo europeu não obedecessem a todas as etapas de lacagem e secagem. Ao contrário destas, as lacas encomendadas por *daimyo* e outros compradores japoneses com posses são peças de grande qualidade de execução, tal como acontece com as lacas com decoração *nanban-jin*. De modo geral, o processo de lacagem começava com a aplicação de uma pasta *kokuso* (enchimento de pedaços de tecido ou tela misturados com laca crua ou transparente) sobre a superfície de madeira (ou cartão) preparada, e cobrindo a superfície em seguida por um fino tecido embebido em laca crua, que iria consolidar as camadas posteriores. Cada peça levaria cerca uma dezena de camadas de laca, sendo que cada camada era intervalada pelo tempo de secagem e era polida antes de se colocar a seguinte camada. O processo de lacagem estava dependente das condições atmosféricas, condicionado não só às alturas do ano propícias para o sangramento das árvores como às condições do tempo e secagem entre a aplicação de cada camada de laca, e por isso lacar uma peça de boa qualidade podia levar um ano.

A profusão de técnicas decorativas em *maki-e*²⁶ de laca que se encontra nas lacas *namban* já eram empregues no Japão aquando a chegada dos portugueses. As lacas *namban* eram maioritariamente decoradas em *hiramaki-e*,²⁷ e, com menos frequência a *takamaki-e*,²⁸ e o desenho decorativo era às vezes enriquecido com *heidatsu*²⁹ ou *kirikane*³⁰ (Pinto 1990, 47). A técnica *nashiji*³¹ era também usada em revestimento de fundos, como no caso do polvorinho do Museu Nacional de Arte antiga, conferindo um efeito fulgurante e texturado à peça, e em menor instância, a técnica *tsukegaki*³² (Shimizu 1988, 189). Mesmo a técnica de

²⁶ *Maki-e*: Termo genérico que engloba uma variedade de técnicas de pintura usadas na decoração de lacas – *hiramaki-e*, *takamaki-e*, *togidashie*... Consiste em polvilhar uma superfície lacada (geralmente preta) ainda húmida com pós metálicos (ouro ou prata) ou coloridos. A superfície decorada a *maki-e* recebe novas camadas de laca transparente e é polida até atingir uma superfície completamente lisa (*togidashi*), ou de modo a que o desenho se destaque em baixo-relevo (*hiramaki-e*) ou em alto-relevo (*takamaki-e*). (Impey & Jörg, 2005)

²⁷ *Hiramaki-e*: Pintura em *maki-e* plana. O desenho é coberto com uma camada de laca transparente e polido. Difere-se no entanto da técnica *togidashie* por o desenho apresentar ainda assim um ligeiro relevo (Hutt, 2001).

²⁸ *Takamaki-e*: Pintura em *maki-e* com relevo. O desenho é relevado com adição de pó de carvão ou argila sob as camadas de lacas (Hutt, 2001).

²⁹ *Heidatsu*: Adição de lâminas metálicas recortadas (ouro ou prata) a um desenho ou motivo decorativo a preencher. (Pinto 1990, 47)

³⁰ *Kirikane*: Adição de minúsculos quadradinhos metálicos recortados (ouro ou prata) a um desenho ou motivo decorativo a preencher. (Pinto 1990, 47)

³¹ *Nashiji*: Uso de pequenas lascas ou partículas irregulares metálicas (ouro) sobre superfície de laca transparente ou ligeiramente dourada, ainda húmida, em diversos ângulos. O efeito final resulta num manto texturado que lembra a casca de uma pêra japonesa (*nashi*).

³² *Tsukegaki*: Técnica caracterizada pelo desenho de linhas finas relevadas sobre a superfície lacada com uma mistura de laca preta e óleo, as quais eram pulverizadas a ouro depois.

incrustações de madrepérola (*raden*) não era desconhecida no Japão, mas tinha entrado em desuso desde o período Nara. Uma outra técnica que se pode encontrar principalmente nos móveis de exportação namban é o emprego de pele de raia ou de cação sobre superfícies de baús ou arcas, com *urushi* negro (Pinto 1990, 48).

1. Lacas namban para o mercado europeu

As lacas que apresentam este tipo de decoração, caracterizada pelo uso excessivo de incrustações de madrepérola, padrões de “folhagens namban” (*namban karakusa*) e motivos geométricos a ornamentar as arestas, compõem um grupo diverso de objectos namban de tipologias maioritariamente europeias obedecendo a um gosto decorativo mais “lusitano”. São objectos de mobiliário com formas europeias e essencialmente produzidos para este mercado³³, principalmente o português e o espanhol. Nestes objectos contam-se os cofres, os baús, as arcas, os escritórios, os contadores, os ventós, entre outros³⁴. Embora não sejam considerados objectos de exportação, também se pode incluir aqui mesas e outro mobiliário produzido para portugueses instalados no Japão, por apresentarem o mesmo tipo de decoração.

A produção destas lacas namban não parece obedecer ao tradicional método de laca japonês, sendo comumente consideradas “grosseiras” pelos especialistas. Segundo Impey (2000: 42) *“Namban lacquer is characterized by its somewhat coarse and relatively thick application onto a wooden core, often without a layer of textile underneath, into which is set as inlay pieces of pearl-shell that may be cut to shape or merely fragmented, to form a pattern or Picture, or part thereof, and with gold lacquer overpainted.”* Andrew J. Pekarik (1996) escreve que as lacas de estilo namban eram produzidas com maior frequência e abundância do que as outras lacas japonesas, devido ao aumento da procura por parte de recém-convertidos e missionários jesuítas, e às exigências do mercado externo europeu. Assim, era comum a produção de lacas namban saltar “passos” no seu processo moroso de produção, dispensando muitas vezes o forro a papel ou tecido, sendo que em muitos casos os artesões desenhavam directamente sobre a madeira nua do objecto. Oliver Impey (2000, 42) considera evidente que as lacas namban ditas de exportação não representavam o gosto japonês da época, pois elas

³³ Existem no entanto algumas excepções. Sabe-se que Nobunaga possuía alguns móveis namban de “exportação” (Pinto 1990, 78). Por outro lado, existem objectos de tipologia nipónica lacados com este tipo de decoração “de exportação”, como conjuntos de garrafas de *sake* e caixas para seu armazenamento (ver figura 36).

³⁴ Conhece-se também um prato de laca namban pertencente à Coleção do Los Angeles County Museum of Art (LACMA, inv. M.88.149), e uma bacia namban do Victoria & Albert Museum (inv. W.13-1957). Pressupõe-se terem existido também jarros a acompanhar estas bacias namban, mas não se conhece nenhum exemplar sobrevivente (Impey, 2005).

destacam-se em relação a toda a produção do período Momoyama. Como o autor aponta, “*this is a material specifically invented for and made for the Portuguese market, though it was also bought by the English, the Dutch and the Spanish spasmodically.*” (Impey, 2000: 42).

Um dos elementos de construção comum e facilmente identificável no mobiliário namban de tipologias europeias diz respeito às pequenas tampas de cobre dourado em forma de calote baixa, gravadas com uma folha de crisântemo, que são colocadas no interior do móvel para ocultar os espigões de fixação de pegas ou fechos. As dobradiças e cantoneiras eram frequentemente “*ornadas com flores gravadas a buril (crisântemos, campânulas chinesas ou simples quadrifólios)*” (Pinto, 1990: 95). Maria Helena Mendes Pinto distingue três ou quatro tipos de fechaduras para os móveis de exportação namban: “*Passa-se do clássico formato quadrado, de canos acentuados e prolongados, de bordadura recortada, usada no século XVI, para escudetes coroados de bordos ondulantes. A estes seguem-se os de forma ovalada marcadamente recortados e vazados para, finalmente, se adoptar um tipo de escudete losangular com eixo maior na horizontal que, sem ser muito diferente das ferragens dos móveis europeus, se aproxima também das chinesas.*” (Pinto, 1990: 110-112). Mas mesmo a decoração das aplicações metálicas parecia estar dependente do gosto da clientela. É possível que o destinatário principal dos cofres com um espelho da fechadura gravado com cabeças de bois tenha sido Espanha (Yu-kuan, 1972).

A decoração de folhagens douradas repetidas, ou *namban karakusa*, que caracteriza grande parte do mobiliário namban de “exportação” parece ser uma derivação das lacas japonesas *kōdai-ji maki-e*, lacas características do período Momoyama. Executadas primariamente em técnica *harigaki*³⁵ com pintura em *hiramaki-e*³⁶ então já aperfeiçoada nas lacas *kōdai-ji* pelos lacadores de Quioto, a grande novidade estilística, que diferencia as lacas de estilo namban das lacas japonesas propriamente ditas, encontra-se principalmente na repetição copiosa das folhagens douradas sinuosas, que se entrelaçam entre si e preenchem todos os espaços vazios do fundo negro deixados pelas lacas *kōdai-ji*. Entre os motivos vegetalistas mais comuns estão os enrolamentos de *kuzu* (feijoeiro do Japão), cabaceiros, *take* (bambu alto) e *sasa* (bambu rasteiro ou anão), laranjeiras *tachibana*, trevos do Japão,

³⁵ *Harigaki*: “*A time-saving technique in which design are drawn with a sharp instrument in lacquer which is not yet fully dried.*” (Watson (ed.), 1981: 353)

³⁶ Apesar da maioria dos autores descreverem a pintura usada na decoração de lacas namban como *hiramaki-e*, da mesma família da pintura *maki-e*, Oliver Impey (2000, 42) considera que a pintura destas lacas namban não é “*maki-e*” propriamente dita, mas simplesmente pintura normal.

cerejeiras, campainhas-da-China, *paulownia*, cravos singelos, crisântemos, campânulas, camélias, damasqueiros, peónias, ameixeiras e também glicínias e alismas.³⁷

A esta profusão de *nanban karakusa* é adicionada a madreperola, culminando num efeito final cintilante e exuberante, muito ao gosto português. A técnica da incrustação de madreperola (chamada de *raden*) é uma influência directa das lacas coreanas, que nesta época terão sido importadas da Coreia com as campanhas de Hideyoshi. Existem diferenças entre a técnica *raden* e a técnica coreana (Webb, 2000), mas as semelhanças decorativas e o contexto histórico justifica para muitos historiadores e especialistas o balizamento da produção *nanban* a partir de 1580. Oliver Impey (2000) e Maria Helena Mendes Pinto (1990) também afirmam que os estilos decorativos e padrões caracterizadores das lacas *nanban* foram influenciados pelos acharoados de Guzarate, que os portugueses já conheciam de Goa. Durante este período importaram-se e exportaram-se lacas e peças de regiões onde Portugal mantinha actividade económica, muitas delas passando pelo Japão, resultando certamente numa apropriação de estilos decorativos de diversas origens.

Para além das folhagens, outro motivo decorativo muito comum nas lacas ditas *nanban* são os padrões geometrizados, que ora recheiam as bandas verticais e horizontais que circunscrevem as “*nanban karakusa*” em painéis rectangulares, ora preenchem a decoração total da peça (ver figura 16 em Anexo II). Estes padrões podem partir da repetição de enrolamentos de gavinhas, de “*chevrons*”, de motivos axadrezados ou de losangos estrelados, e a sua origem tanto pode estar na decoração das tapeçarias de Bruxelas que foram trazidas pelos portugueses nesta época, como nas lacas chinesas do século XVI que apresentam os mesmos padrões de “*chevrons*” e losangos com incrustações de laca (Shimizu 1988) (ver figuras 18 e 21 em Anexo II). Outro padrão geométrico comum nas lacas *nanban*, denominado de “*shippo-tsunagi*” (ver figura 13 em Anexo II), que consiste no repetitivo entrelaçamento em malha circular, encontra-se também registado nas lacas de Ryūkū³⁸ do século XVI (Shimizu 1988)³⁹. Por último, alguns objectos apresentam a decoração exterior coberta de *mon* (escudos heráldicos japoneses) dispostos simetricamente, embora este motivo decorativo seja mais raro (ver figura 8 em Anexo II). É interessante referir aqui as observações de Pekarik (1996), que nota a especial atenção dada pelos lacadores à simetria e ordem decorativa nos objectos Kirishtan, subordinando a “*decoração à forma [do objecto]*” e divergindo completamente dos motivos decorativos ao gosto nipónico. Rígidos padrões

³⁷ Para mais informação detalhada vide Pinto (1990), pág. 119

³⁸ Ryūkū: Conjunto de ilhas hoje em dia conhecidas como Okinawa; na altura eram um estado independente tributário da China.

³⁹ Para um exemplo desta decoração, ver a decoração dos lados da caixa *nanban* de quatro pés, na figura.

geométricos e flora estilizada contida em molduras e margens decoradas por linhas paralelas e perpendiculares são os temas dominantes da arte namban, contrastando com a leveza orgânica e assimétrica das restantes lacas japonesas produzidas no mesmo período para o mercado interno.

As inovações estilísticas na arte namban cingiram-se, no entanto, à decoração exterior, sendo que o interior apresenta uma decoração muito mais minimalista. “*Por dentro, no côncavo da tampa, em peças mais cuidadas, alastravam enrolamentos floridos, em maqui-é de ouro e cores sobre o fundo de uruxi negro.*” (Pinto, 1990: 76)

Maria Helena Mendes Pinto tentou balizar períodos de produção através da análise da evolução decorativa dos escritórios. A autora concluiu que, numa primeira fase de produção correspondente ao último quartel do século XVI, os móveis seriam revestidos com laca decorada a desenhos ininterruptos em *maki-e* e incrustações de madrepérola (ver figuras 7 e 21 em Anexo II), e numa segunda fase, correspondendo ao período Edo (1603-14), a madrepérola começou “*a avolumar-se nos móveis namban de aparato, sobretudo nos grandes baús e escritórios*” (Pinto, 1990: 88-89) e a ocupar largos espaços na decoração exterior, às vezes cobrindo o móvel inteiro. No espaço central abriram-se reservas, e a decoração inscrita começou a figurar representações zoomórficas (leões, aves, animais reais ou mitológicos) envoltos em densos enrolamentos vegetalistas (ver figuras 1 e 3 em Anexo II). Estas reservas decorativas são também outro elemento estranho à decoração tradicional japonesa e só foram usadas nos móveis de exportação. Martha Boyer, referenciada por Bernardo Ferrão, infere que este elemento pode ter sido importado da China dos Tang, através da Coreia (Ferrão, 1990: 246). Também no início do século XVII, um outro material – a pele de raia, importada pelos europeus em grandes quantidades – é introduzido na decoração exterior de objectos namban, chegando a cobrir móveis inteiros (Impey e Jörg, 2005) (ver figura 9 em Anexo II).

Num período mais tardio de produção namban, as representações zoomórficas e os enrolamentos de folhagens namban inseridos nas cartelas decorativas são substituídas por cenas paisagistas com figuras humanas, muitas vezes cenas dos contos de *Genji* (Pinto 1990, 95) (ver figuras 4 e 19 em Anexo II). Oliver Impey e Christiaan Jörg (2005) chamam a estas lacas de “transição”, que, segundo os autores, aproxima-se mais do gosto holandês, e terão sido produzidas sensivelmente entre 1620/30 e 1650. No entanto os mesmos autores sublinham que tanto os holandeses como os portugueses compraram lacas deste estilo de transição, que não é bem namban (arte nipo-portuguesa) nem pictórico (arte nipo-holandesa). Maria Helena Mendes Pinto também nota que, “*Por não serem portadores de símbolos*

cristãos, baús, arquetas e cofres, contadores e suas variantes constituíram um dos trunfos a que os Holandeses recorreram para corresponder à procura europeia de lacas namban, cujo envio não foi praticamente interrompido com a saída dos Portugueses em 1639. Antes se manteve embora com decoração diversificada como no caso dos cabinets onde igualmente se adicionaram certos pormenores.” (Pinto, 1990: 102). Por este motivo, nesta pesquisa foram incluídas lacas de estilo de “transição” leiloadas no mercado, tendo em conta que estilo decorativo se insere num período tardio/final de produção de arte nipo-portuguesa.

2. Lacas “Kirishitan”

Em 1580 já se registavam mais de 150.000 cristãos no Japão (Stanley-Baker, 1984; Costa, 1993), números que aumentavam exponencialmente em cada ano. A celebração de tantas conversões era acompanhada do uso dos chamados objectos “Kirishitan”⁴⁰ produzidos localmente com função unicamente religiosa e catequética. Neste grupo de objectos encontram-se oratórios portáteis, as estantes de missal e as caixas de hóstias, mas também se conhecem outros.⁴¹ As lacas Kirishitan, ou lacas de arte jesuíta, são facilmente identificáveis por apresentarem na decoração a insígnia IHS apropriada pela escola, representada pelas letras “I.H.S.” com uma cruz em cima e três pregos da Paixão de Cristo em baixo, a qual aparece frequentemente destacada ao centro da decoração.⁴²

As características decorativas das lacas Kirishitan assemelham-se às das lacas namban de exportação: folhagens namban, incrustações de madrepérola e decoração profusa da superfície, etc.; estas características decorativas também são comuns nas lacas Kirishitan. As lacas Kirishitan distinguem-se, no entanto, das lacas namban de exportação, pela sua função principal: eram lacas fabricadas com o propósito de celebração do culto, com função unicamente religiosa, e destinadas principalmente ao consumo de crentes religiosos que residiam no Japão (tanto missionários europeus como autóctones convertidos). São

⁴⁰ Termo japonês que tem origem na palavra portuguesa “cristão”.

⁴¹ Existem outros objectos Kirishitan conservados em museus, igrejas e mosteiros dos quais não se conhece nenhum exemplar que tenha passado em leilão. O Museu de San Esteban em Salamanca tem um crucifixo namban (ilustrado em Impey & Jörg, 2005: 158, ill.362), o Mosteiro de San Juan de la Penitencia em Alcacá de Henares (Espanha) possui um sacrário de 74x64,5x30 cm com tampa de abater na sua coleção (*vide* Impey, Jörg, 2005: 185, ill.441). Um outro sacrário namban, este com uma porta de abrir, encimado por um frontão triangular, encontra-se na Igreja de Santiago em Gáldar (Grã Canária, Espanha) (*vide* Kawamura, 2008: 105, ill. 18).

⁴² Com as perseguições cristãs, a insígnia IHS foi apagada em alguns objectos sobreviventes. Existem também alguns exemplares de objectos namban destinados à prática do culto que não tinham a insígnia IHS na decoração, como a estante de missal leiloadada pela Christie’s (ver figura 43).

principalmente identificáveis pela sua forma (estantes de missal, oratórios, píxides), sendo que em muitas delas (mas não todas), a insígnia IHS é destacada ao centro da decoração.

Ao contrário do mobiliário namban de exportação⁴³, os objectos japoneses dos séculos XVI/XVII com insígnias IHS ou motivos cristãos são raros de se encontrar no mercado, embora a sua produção ter sido abundante, segundo se crê. Com as perseguições cristãs no Japão, a vastíssima maioria destes objectos terá sido destruída. Se a maioria das lacas Kirishitan tivessem sido encomendadas para exportação, então certamente teriam sobrevivido mais exemplares até aos dias de hoje. Deste modo, consideramos as lacas Kirishitan como um grupo de lacas de arte namban separado do grupo de lacas namban para exportação.

Segundo Oliver Impey e Christiaan Jörg (2005), as lacas Kirishitan terão sido produzidas entre 1580 e 1614, ano em que Tokugawa promulgou o édito de expulsão dos missionários e banuiu o Cristianismo. No entanto, existe um oratório leiloado pela Christie's em 2009 (ver figura 40 em Anexo II) que apresenta uma decoração de período claramente tardio, aproximando-se do estilo pictórico holandês. Este objecto pode provar que a encomenda de lacas japonesas por missionários não terá sido totalmente interrompida depois do édito de expulsão (Welsh e Vinhais (eds.) 2009, 167).

3. Lacas namban para o mercado japonês

As lacas namban executadas exclusivamente para o mercado interno japonês variam substancialmente das lacas namban para o consumo europeu ou para exportação, não só em termos decorativos como também na qualidade material. O jesuíta João Rodrigues descreve que as lacas nipónicas eram tão caras que só os *daimyo* e os japoneses endinheirados conseguiam comprá-las (Cooper 1965, 259). Apesar de haver um “*segundo tipo*” de laca mais barata (da qual se encomendaram os móveis para exportação para a Europa), os japoneses faziam muito mais uso da laca de qualidade. Para além da qualidade superior destas lacas, podemos observar também o emprego de diversas técnicas decorativas sofisticadas como a técnica *hirame*⁴⁴, que não é comum nas lacas de produção estandardizada para exportação. No período Edo, o *shōgun* de Tokugawa promulgou leis que moderavam a utilização de metais preciosos na decoração das lacas. As decorações a ouro passaram a ser permitidas

⁴³ Alguns escritórios apresentam também decoração cristã na gaveta central, a partir do uso da insígnia IHS (ver figura 27).

⁴⁴ *Hirame*: Técnica que consiste em raspar grosseiras lascas de ouro sobre laca negra, obtendo um efeito visual que se assemelha às escamas do linguado (*hirame*).

exclusivamente a objectos destinados às classes altas, *daimyo* e samurais endinheirados (Pinto 1990, 54).

A natureza peculiar deste tipo de lacas com decoração de *nanban-jin* para o mercado doméstico, onde os “bárbaros do sul” são retratados com roupas exageradamente largas e narizes grandes em jeito de “caricatura”, documenta o que foi outrora uma época de descoberta não só para os portugueses, como também para os japoneses, que nunca tinham visto um homem caucasiano e tampouco um homem de pele tão escura, como os escravos que acompanhavam os portugueses. Estes escravos são frequentemente retratados ao lado dos portugueses juntamente com o cão de estimação.⁴⁵ É pouco provável que um português tenha tido qualquer interesse em possuir uma laca com uma “caricatura” sua, mas para os japoneses os *nanban-jin* representavam uma cultura exótica e muito diferente da sua. Estas lacas eram mais certamente encomendadas por *daimyo* ricos e provavelmente vistas como objectos “exótica” (Impey e Jörg, 2005).

Um outro tipo de decoração que apareceu no período Momoyama, usado na produção de determinadas lacas para consumo interno, é a decoração geométrica em finas faixas paralelas (*shima*) podendo ter ou não incrustações de madrepérola (ver figura 48 em Anexo II). Os motivos geométricos são os mesmos usados nas lacas *nanban* ditas de exportação, como *shippo-tsunagi*, losangos, axadrezados, entre outros. Este tipo de decoração nas lacas do período Momoyama para o mercado doméstico só apareceu depois do contacto com os portugueses. Acredita-se que esta decoração tenha derivado dos padrões decorativos da indumentária e têxteis do Sudoeste Asiático e Médio Oriente comercializados pelos portugueses, que eram considerados novidade para os japoneses. A palavra japonesa “*shima*” (faixa) varia da palavra *shimamono*, e era usada para descrever roupas ou têxteis estrangeiros com este tipo de decoração em faixas paralelas (Christie’s, 1997). Os autores Oliver Impey e Christiaan Jörg, no entanto, manifestam dúvidas em relação a esta justificação.⁴⁶

A datação destas lacas é difícil de acertar, pois não é necessariamente certo que todos os objectos com este tipo de decoração tenham sido produzidos na altura em que os portugueses estiveram no Japão. Alguns podem ter sido produzidos ou decorados depois do édito de

⁴⁵ Quase todas as lacas com decoração *nanban-jin* que se conhece (i.e., publicadas em livros ou estudos) retratam mercadores portugueses acompanhados. Só conhecemos um objecto lacado com apenas uma figura de um missionário solitário, na decoração de um par de estribos (ilustrados em Welsh e Vinhais (eds.), 2008, p.28).

⁴⁶ “Several examples of related decorations are sometimes referred to as *Nanban*. There is no reason to assume that these decorations were influenced by European motifs or ideas (...). The most common of these motifs is a series of horizontal narrow stripes of various gold-painted patterns with an occasional pearlshell stripe. (...) We have found no example where this decoration is combined with either a European motif or with a European figure, though there is a *naginata koshirae* in the Gifu City Museum that bears both the striped motif and the standard *Nanban* floral decoration...” (Impey e Jörg, 2005: 83)

expulsão, copiando a iconografia do *nanban-jin* e motivos namban (ver figura 49 em Anexo II). Oliver Impey e Christiaan Jörg (2005) atribuem uma margem de 60 anos (entre 1570 até 1630) na datação, mas reconhecendo que nem todos foram produzidos neste período.

Objectos lacados com este tipo de decoração figurativa, ou *shima*, apresentam sempre tipologias nipónicas, nos quais se incluem: *suzuribako* (caixas-tinteiro), *fumibako* (caixas de pincéis), *jubako* (caixas de alimentos), *inrō* (caixas de medicamentos) e arreios de cavalo, entre outros. A única excepção são os polvorinhos, cujas formas derivam dos protótipos europeus, mas a sua produção era local e destinada ao uso militar japonês.

PINTURA NAMBAN

1. Biombos namban com representação de nanban-jin

A palavra *byōbu* deriva da aglutinação das palavras *byo* (protecção contra) e *bu* (vento). Mas para além desta definição etimológica, onde os biombos podiam servir como pára-ventos em piqueniques japoneses, pelo menos a partir do século XVI os biombos também funcionavam como autênticas estruturas do lar, servindo de paredes “portáteis” usadas para dividir grandes áreas interiores (Pinto, 1993). O lado pintado do biombo direccionava-se para o espaço principal, enquanto o reverso ficava virado para os corredores (Seton 2004, 35). Apesar de a arte de manufactura de biombos ter vindo da China, no século VII, os biombos japoneses diferem dos monumentais biombos chineses pela sua função portátil, tendo tamanhos mais reduzidos.

Os *byōbu* costumam ser produzidos aos pares (Seton 2004, 36), e podem variar de tamanho e número de painéis ou leques articulados. Estes painéis são também chamados de “folhas” (i.e., um biombo composto por dois painéis/leques articulados pode ser designado de “biombo de duas folhas”). Os mais populares são os biombos de seis folhas, chamados de *rokkyoku byōbu*. Os biombos têm geralmente o tamanho de um adulto. Os maiores podiam atingir os 190 cm de altura, os de tamanho médio ficavam-se pelos 150 cm de altura, aproximadamente, e os mais baixos atingiam apenas cerca de 120cm de altura (Dias, 2008).

O inconfundível estilo decorativo dos biombos dourados tem origem no século XIV, onde se começaram a produzir os primeiros biombos dourados a folha de ouro ou nas *fusuma* (portas deslizantes que integram a arquitectura tradicional japonesa), usados quer em rituais budistas quer como itens decorativos em casa de homens de estatuto. No período Momoyama,

com a ascensão da classe militar e a necessidade dos *daimyo* exibirem o seu poder decorando os seus castelos com objectos sumptuosos, a arte do biombo desenvolveu-se exponencialmente. Os *daimyo* encomendavam apenas aos melhores artistas, e com esta crescente procura as escolas diversificaram-se e a decoração especializou-se. Os biombos tornaram-se sinónimos de riqueza e poder e as linhas defensivas dos castelos dos *daimyo* eram tão importantes como a fineza dos seus interiores. Os artistas que produziam os melhores biombos, como os artistas da Escola de Tosa e da Escola de Kanō,⁴⁷ tinham um estatuto equivalente ao artista de corte na Europa.

Deste modo, os biombos dourados produzidos nos séculos XVI e XVII (onde se incluem os biombos namban) são notoriamente os mais importantes do ponto de vista histórico e artístico, e frequentemente atingem grandes valores no mercado (Seton, 2004). No período Momoyama, a pintura de “género” sobre biombos dourados (chamada de *shobyō-ga* ou *shoheki-ga*) tornou-se popular (Mason, 1993). Um dos temas de pintura “de género” mais comuns era o tema *rakuchū rakugai* (“cenas de vida”), o qual retrata cenas mundanas dentro ou à volta da cidade de Quioto, como corridas de cavalos, festivais, casas de prostitutas, entre outros. No final do século XVI, o tema *rakuchū rakugai* desdobrar-se-á num outro tema de género, quase “exótica”, completamente novo até então: o tema *nanban-jin*. Também neste período a escola de Kanō Eitoku (1543-1590) desenvolve o estilo *konpeki*, caracterizado pelo uso de cores minerais sobre folha de ouro de modo a criar figuras ricamente coloridas, que se tornará no estilo dominante dos biombos namban, executados na técnica *yamato-e*⁴⁸ ou combinada. O desenho das nuvens douradas era usado de forma a combinar diferentes planos e perspectivas horizontais, tornando-se uma fórmula estilística muito caracterizadora da época, e em especial, dos biombos namban (Okamoto, 1972).

Conhecem-se cerca de noventa e dois biombos namban em todo o mundo (Christie’s, 2011) que estilisticamente, não diferem muito entre si. Com excepção dos biombos com selo, a maioria dos biombos não é assinada, mas historiadores japoneses atribuem-nos à Escola de Kanō, e em menor escala, à Escola de Tosa. Biombos tardios são geralmente atribuídos à escola de Jokei ou Sumiyoshi. Conhecem-se biombos namban de oito, seis, quatro e duas folhas, sendo os de seis folhas os mais comuns e os de duas os mais raros (Boxer 1936, 28).

⁴⁷ Sobre o enquadramento e a relevância destas escolas vide tese de doutoramento de Curvelo (2007), págs.163-169 (tese de doutoramento).

⁴⁸ Termo genérico usado para designar uma técnica a têmpera de estilo tradicional de pintura japonesa, que se desenvolveu no final do período Heian (794-1185). As temáticas principais são narrativas, paisagens e estações do ano. O estilo *yamato-e* difere estilisticamente do realismo ocidental no sentido em que não obedece aos cânones convencionais de perspectiva, proporção, luz/sombra. Por outro lado, dá muita importância ao pormenor e detalhe narrativo e à distribuição cuidada das figuras, objectos e edifícios pelo campo de composição. (Okamoto 1972, 115)

Tendo em conta que os materiais usados na sua concepção eram caros (o uso da folha de ouro não era poupado), os clientes principais destes biombos eram sem dúvida *daimyo* e mercadores ricos.

O elemento decorativo mais importante dos biombos namban é o *kurofune* ou Barco Negro, nome com origem na cor dos cascos das naus portuguesas. A grande importância dada à representação da nau portuguesa não só revela o fascínio e interesse dos japoneses pela cultura dos portugueses, como também parece estar ligada à simbologia do *takara-bune*, o barco majestoso carregado de tesouros e comandado pelos Sete Deuses da Sorte da mitologia xintoísta que traria fortuna e felicidade às populações. Jun'ichi Okubo (2004) acredita que o principal interesse dos senhores japoneses em possuir estes biombos estava relacionado com o facto de eles serem considerados símbolos de boa fortuna (*engimono*). A seguir à iconografia da *kurofune* destaca-se a iconografia dos *nanban-jin*, onde os mercadores portugueses aparecem representados quase como caricaturas de desproporcionados traços fisionómicos (narizes muito grandes) e roupas exageradamente pomposas, em contraste com o modesto código de vestuário japonês. Estes são acompanhados por representações figurativas dos austeros jesuítas, franciscanos e dominicanos, e toda uma iconografia de mercadorias estrangeiras, escravos de pele escura de Goa ou África e animais exóticos, cada um executado no mais atencioso detalhe, sob o ponto de vista do pintor japonês. Os biombos namban são de facto o elemento mais representativo e conhecido da arte namban, tendo até caracterizados como uma das primeiras imagens que documentam o fenómeno da globalização iniciado pelos portugueses.⁴⁹

Embora as características gerais destes biombos denotem uma certa standardização comercial, é sobretudo nas pequenas diferenças estilísticas que se descobre a singularidade de cada trabalho e a mão de cada artista. É certo que os biombos eram encomendados aos artistas e os pormenores da temática geral podiam variar dependendo do gosto do cliente, ou da vontade do artista. Os biombos eram executados a partir de desenhos e esboços de *machi-echi* (artistas de rua) da Escola de Kanō, que passaram no porto de Nagasáqui e assistiram à chegada das majestosas naus portuguesas e ao comércio namban.

Os primeiros biombos namban datam de 1593, executados pela escola Kanō por encomenda de Toyotomi Hideyoshi para o seu castelo em Nagaoya, na província de Hizen (Takamizawa 1981). Em termos de composição, o historiador Tadao Takamizawa (1981)

⁴⁹ “However, the most extraordinary and striking aspect of these representations is the enormous variety in races, biotypes, animals, and objects that were completely unknown to the Japanese, coming from different continents (Europe, Africa, America and Indochina), creating a true image, in fact the first image, of an emerging Globalization” (Rodrigues e Devezas, 2007: 207)

agrupa os biombos namban em três diferentes grupos estilísticos. Os biombos do primeiro grupo copiam o esquema original desenhado por Kanō Mitsunobu⁵⁰, e terão sido produzidos entre 1593 e 1605. A composição destes biombos consiste na representação de um barco português ancorado no porto e uma cena de descargas de mercadorias no biombo do lado esquerdo, e uma vista de Nagasáqui com uma igreja cristã e um grupo de portugueses no biombo do lado direito (ver figura 54 em Anexo II). A produção destes biombos é atribuída às escolas de Kanō Domi e Tosa. O Museu Nacional de Arte Antiga tem um par de biombos na sua colecção com esta composição, atribuível a Kanō Domi.

Os biombos do segundo grupo são atribuídos à escola de Kanō Naizen⁵¹ (1570-1615), do qual só se conhecem alguns exemplares no mundo inteiro, um destes encontrando-se no Museu Nacional de Arte Antiga. Os pares de biombos deste grupo apresentam já dois cenários diferentes: as cenas representadas no primeiro grupo são contidas num só biombo, do lado direito. O biombo do lado esquerdo ilustra uma cidade estrangeira, provavelmente Macau ou Goa, imaginada pelo artista, com a nau portuguesa a partir (ver figura 55 em Anexo II).

Os do terceiro grupo são atribuídos a Kanō Sanraku (1559-1635) e ao seu sucessor Tomonobu (Takagawa, 1981), e a sua produção enquadra-se no período entre 1606 e 1615. A composição destes pares é semelhante à anterior, com a diferença de que, no biombo esquerdo, em vez de estar representada a nau portuguesa a sair do porto da cidade estrangeira, está representada uma cena da vida quotidiana nessa mesma cidade. Existe um exemplar de Kanō Sanraku no Museu de Arte Suntory.

Por último, Tadao Takamizawa refere que existem outros, produzidos já após a expulsão dos portugueses, durante a segunda metade do século XVII, mas considera-os “*artisticamente de qualidade inferior*”. Estes biombos copiam os esquemas de composição anteriores, mas a representação dos portugueses aparece “descaracterizada” (Pinto, 1996),

⁵⁰ As origens da Escola Kano vão até Masanobu (1434-1530), um *samurai* que estudou arte e iniciou uma geração de pintores profissionais que trabalhavam por comissão ao serviço dos seus senhores guerreiros. Embora Masanobu tenha fundado a escola, foi o seu filho e sucessor, Motonobu (1476- 1559), o responsável por definir as linhas caracterizadoras e a tradição artística da escola. Motonobu continuou a usar o estilo *kanga*, mas combinou-o com o colorido estilo narrativo *yamato-e*. Desenvolveu assim um estilo eclético muito atractivo, que tornou esta escola na mais importante escola artística dos séculos XVI e XVII no Japão. O seu neto, Eitoku (1543-1590), foi um dos patriarcas mais proeminentes da Escola Kano, desenvolvendo o estilo *konpeki*. O filho de Eitoku, Mitsunobu (1565-1608), foi quem desenvolveu o primeiro esquema de composição *namban*.

⁵¹ Definitivamente um dos artistas mais bem conhecidos da escola Kanō, e dos mais importantes. De nome original Shigesato, o artista adoptou o nome Naizen depois de ser acolhido pela família da escola de Kanō, e por tal, é comumente denominado de Kanō Naizen. Era originalmente um militar cuja carreira de artista alegadamente foi resultado do interesse pessoal de Toyotomi Hideyoshi, que gostava muito das pinturas dele. Uma das obras mais famosas de Kanō Naizen é o *Festival de Toyokuni* (1605/6), um festival que celebra a deificação de Hideyoshi. Kanō Naizen continuou a trabalhar para o clã Toyotomi após a morte de Hideyoshi (Christie's, 2011).

apresentando feições asiáticas. A nau portuguesa é muitas vezes representada como um junco chinês. Takamizawa justifica a descaracterização dos *nanban-jin* com o facto de que os artistas que pintaram estes biombos nunca terem visto os portugueses, ao contrário dos anteriores. O Museu Nacional de Arte Antiga possui um biombo namban (o segundo de um par) na sua colecção datável da segunda metade do século XVII.

2. *Biombos cartográficos*

Os mapa-mundi e biombos cartográficos parecem ter surgido após a criação de um seminário de pintura pela Companhia de Jesus no Japão (Campos 2007, 223-224), onde os artistas japoneses copiavam a partir de mapas, pinturas e gravuras publicados na Europa no século XVI trazidos pelos portugueses, de escola flamenga (conhece-se pelo menos o mapa desenhado pelo italiano Abraham Ortelius e publicado em 1570, trazido pela embaixada de *daimyo* cristãos⁵²). Embora tenham sido produzidos vários mapas e documentos cartográficos no Japão durante o século namban, os biombos cartográficos destacam-se de toda esta produção do ponto de vista artístico. Segundo Charles Boxer (1936, 27) a execução de mapas do Japão e mapas-mundi em forma de biombos era provavelmente encomendada por *daimyo* cristãos ricos ou simpatizantes. Embora detalhados, muitos destes mapas produzidos em forma de biombos nem apresentavam sequer a nomenclatura, reduzindo-os à sua mera função decorativa.

Até à segunda metade do século XVI, o mundo que o Japão conhecia não ia para além da China e da Índia (Okamoto 1972), de modo que a introdução de mapas-mundi aquando a chegada dos portugueses revelou-se um acontecimento importante. Existe um considerável número biombos com mapas mundi e mapas do Japão produzidos durante o século namban e também após a expulsão dos portugueses, quando o mercado nipo-europeu passou para os holandeses, conservados, a maioria deles, em colecções japonesas.

⁵² É referido na obra *De Missione Legatorum Iaponesium ad Romanam Curiam... Dialogus* (vide Campos, 2007: 223).

3. Biombos e pinturas com temas ocidentais

Conhecem-se alguns exemplos extraordinários desta curta vertente de pintura em biombo no Japão, todos pertencentes a coleções museológicas como o par de biombos de seis folhas que retratam “Costumes Sociais Europeus” no Museu de Arte MOA em Atami, ou o par de biombos de quatro folhas que nos mostram “Quatro Reis Ocidentais” no Museu de Arte Suntory. Ao contrário dos conhecidos biombos namban, estes biombos são primariamente executados em cores vivas de aguarela sobre papel de arroz e o desenho segue os cânones pictóricos ocidentais, executados por alunos provenientes da Escola de Kanō formados nas escolas de pintura jesuítas no início de 1590 (Okamoto 1972). Não temos conhecimento de nenhum exemplar que tenha passado por uma casa leiloeira, pelo que esta entrada fica apenas como referência geral.

4. Pinturas de devoção para altares portáteis e ex-voto

Os oratórios namban eram fabricados para conter uma pintura ou escultura no interior. A origem dessas pinturas não é certa. Maria Helena Mendes Pinto (1990, 64) afirma que estas pinturas eram copiadas de originais trazidos por jesuítas e pintados por discípulos japoneses em escolas jesuítas inauguradas no Japão, sendo a mais conhecida a Academia de São Lucas, fundada pelo Irmão Giovanni Niccolo em 1583. Pedro Cancela Abreu (2008: 57) escreve que as pinturas “*eram realizadas na Índia ou no Japão por artistas locais, sob orientação de um pintor europeu*”. No entanto, Pedro Dias (2008, 53) argumenta que muitas destas pinturas religiosas, geralmente executadas em óleo sobre cobre, têm a sua origem possivelmente em Portugal, e não são propriamente da oficina de Giovanni Niccolo no Japão, como é assumido em outras fontes bibliográficas. Segundo o autor, é provável que estas pinturas tenham chegado ao Japão por meio dos padres da Companhia de Jesus que e tenham sido reaproveitadas na construção dos oratórios. Alexandra Curvelo (2007, 418) avança ainda que, tendo em conta a qualidade superior de algumas destas pinturas religiosas, alguns oratórios podem ter origem no contexto da Nova Espanha, e que a sua encomenda, neste caso, podia não ser exclusiva da ordem dos jesuítas mas também da ordem dos franciscanos.

Os ex-votos são outro grupo de pinturas devocionais presentes na arte namban, mas os exemplares são escassos. O termo refere-se a pinturas votivas a têmpera sobre uma tábua de

madeira. O templo budista Kiimizu em Quioto, conserva diversos exemplares destas tábuas, cuja pintura pode “*significar uma oferta para tornar propícia a divindade protectora como um agradecimento, qual ex-voto católico, por benesse implorada e concedida.*” (Canavarro 1990: 46)

ESCULTURA NAMBAN

O campo da escultura namban está muito mal estudado e existe muito pouca informação. Pedro Dias (2008) considera mesmo a parte mais mal estudada de toda a arte namban.

1. Esculturas cristãs

Conhecem-se alguns Meninos-Jesus de marfim, em posição deitada e serena (possivelmente para serem colocados num berço), os quais Felgueiras (1991: 22) descreve da seguinte forma “*cabeça esférica, pescoço curto, nariz lardo e achatado, orelhas anatomicamente perfeitas e naturais, corpo exageradamente refogado, especialmente nos punhos e tornozelos.*” No mesmo texto o autor refere também as dificuldades em identificar estas esculturas geograficamente devido às suas semelhanças com as produções chinesas da época.

Os jesuítas terão levado algumas obras escultóricas para a prática do culto, como oratórios portáteis com esculturas no interior. Artífices locais teriam copiado a partir dessas esculturas e produzido outros exemplares semelhantes. Pedro Dias (2008, 43) refere a existência de um Cristo em marfim de 15 cm no Museu Nacional de Tóquio, que pela sua qualidade inferior poderia ser uma produção local.

2. Esculturas profanas

Conhecem-se muito poucos exemplos de estatuária fabricados nesta época. Todas as peças que se conhecem são de dimensões reduzidas ou portáteis, e retratam figuras de *namban-jin*, geralmente fazendo alguma actividade associada ao estrangeiro. Pedro Dias ilustra dois exemplos de escultura profana retratando portugueses, um tocando flauta, outro carregando uma bilha (Dias 2008, 43-45).

OUTROS OBJECTOS NAMBAN

1. Objectos para uso militar

Durante o sangrento século XVI japonês, com a emancipação de uma classe militar poderosa e aristocrata, a procura por armamento e arreios de cavalos de alta qualidade executados com rapidez para equipar os exércitos pessoais dos *daimyo* aumentou. Selas e estribos com decoração requintada a condizer já faziam parte do equipamento *standard* de um senhor militar no período Momoyama (Welsh e Vinhais (eds.), 2008), e as de decoração da *tsuba*, ou guarda de sabre, começaram a ser desenvolvidas durante o final do período Muromachi (1333-1573), culminando no período Edo. Conhecem-se *tsuba* com motivos namban e cristãos, tal como armaduras de samurai e capacetes (*kabuto*).⁵³ Existem também *koshirae* (decoração ornamental exterior) de espadas com motivos namban. Oliver Impey e Christiaan Jörg (2005, 202, ill. 488-490) ilustram um exemplar de um mosquete com decoração de folhagens namban de uma colecção privada em Lisboa, mas desconhece-se algum exemplar que tenha passado por uma casa leiloeira.

Por último, as máscaras faciais de guerra (*somen*) representando rostos de portugueses, cujos exemplares no mercado são raríssimos (Welsh e Vinhais (eds.), 2008, 104-9).

2. Traje namban

A palavra japonesa *jibon* (calças) deriva da palavra portuguesa “gibão”. Existem alguns exemplares de roupas japonesas inspiradas nas roupas dos europeus ou com motivos namban, publicados em “*Traje namban*” pelo Instituto Português de Museus, Lisboa, 1994. Não conhecemos nenhum exemplar que tenha passado pelo mercado leiloeiro.

3. Cerâmica namban

O século cristão no Japão coincidiu com o desenvolvimento da cerimónia do chá, e os missionários que se instalavam no Japão e se tentavam integrar na cultura japonesa entendiam

⁵³ A armadura de Gamō Genzaimon Satonari, pertencente à colecção do museu Namban Bunkakan em Osaka, é descrita por Guitérrez (1971: 204) com tendo “two large crosses painted in red lacquer, one of the front of the helmet and the other on the back of the corselet.”

a sua importância. Valignano ordenou que todos os missionários deviam ter um conjunto completo de chá e uma sala equipada própria para este passatempo (Guitérrez, 1971). Serviços de chá em cerâmica *karatsu*⁵⁴, *oribe*⁵⁵ e *raku*⁵⁶ com símbolos cristãos ainda prevalecem em algumas colecções no Japão, mas devido à sua raridade, é possível que a grande maioria destes objectos tenham sido destruídos com as perseguições cristãs.

Para o mercado doméstico, existe um *tokkuri* (garrafa de *sake*) de cerâmica de Awata com decoração retratando *nanban-jin* na colecção do Metropolitan Museum of Art (inv. 1975.325.6). Não existem estudos sobre este assunto.

4. Objectos metálicos de arte Kirishitan

Conhece-se um sino de igreja de c.1620 com 80cm de altura, em bronze fundido com o *mon* da família Kyou, feito em memória da mulher do encomendante Hosokawa Gracia (1563-1600) que se encontra neste momento na colecção do Museu Eisei-Bunko no Japão (inv. 7271). Placas de cobre com imagens religiosas gravadas foram usadas no período *nanban* para a reprodução rápida e barata de imagens de culto (Pedro Dias 2008, 83). A técnica de gravar metal para produzir matrizes de cobre para impressão de gravuras (ou para gravar portadas de livros que foram impressos no Japão) foi ensinada nos seminários jesuítas e a sua composição seguia modelos europeus.⁵⁷

Embora não seja considerada arte *nanban*, as *fumi-e*, ou placas de metal gravadas com imagens de ídolos cristãos produzidas durante as perseguições cristãs para desmascarar *kakure kirishitan* (cristãos escondidos), são fruto da influência portuguesa e jesuíta no Japão e por isso merecem ser referenciadas neste estudo.

⁵⁴ *Karatsu*: Tipo de cerâmica japonesa proveniente da cidade de Karatsu. Esta cidade era o principal centro de produção de cerâmica no período de Momoyama. As cerâmicas ditas *karatsu* variam de acordo com o fabricante, mas são geralmente reconhecidas pela sua robustez e simplicidade decorativa.

⁵⁵ *Oribe*: Tipo de cerâmica japonesa identificável pelo esmalte à base de cobre, que dá uma coloração esverdeada. O nome vem do mestre do chá Furuta Oribe (1544 – 1615)

⁵⁶ *Raku*: Cerâmica mais comum na cerimónia de chá, visualmente distinta pelos esmaltes à base de chumbo que conferem uma cor escura.

⁵⁷ Algumas gravuras impressas no Japão durante a Missão Jesuíta, foram exibidas na exposição “Exotic Printing and the Expansion of Europe, 1492 – 1840” (Charles Boxer, *et tal*, Lilly Library, Indiana University, 1972, p.40). A Exposição “Arte Namban: Os Portugueses no Japão” em Bruxelas, 1989, e em Lisboa, 1990, exibiu também documentos com impressões de placas de cobre, cujas fotografias podem ser consultadas nos seus respectivos catálogos.

PARTE III: ARTE NAMBAN NO MERCADO LEILOEIRO (INTRODUÇÃO)

PRIMEIROS ESTUDOS E EXPOSIÇÕES DE ARTE NAMBAN NO OCIDENTE

Depois de dois séculos de isolamento, o Japão abriu oficialmente as portas ao mundo em 1853 quando o americano Mathew Calbreath Perry assinou um acordo de paz com o país. Em 1858 o Japão estabeleceu alianças diplomáticas com os Estados Unidos, a Holanda, a Rússia, a Inglaterra e a França. Em 1860, através da mediação da Holanda, o Japão assina um acordo diplomático com Portugal e a primeira embaixada ao Japão em 200 anos é enviada através de Isidoro Francisco Guimarães. Apesar de as relações entre os dois países terem sido restabelecidas, a interacção cultural, social e académica só começou com a acção de duas figuras: Dr. Murakami Naojiro e Vensceleau de Moraes. Dr. Murakami Naojiro visitou Portugal em 1902 no âmbito de um trabalho académico de investigação sobre as relações passadas entre os dois países, estudo que resultou na tradução para japonês das *Cartas do Japão*, impressas em Évora em 1598, e abriu este campo de estudo no universo académico do Japão. Venceslau de Moraes, por outro lado, foi responsável por introduzir a cultura japonesa em Portugal (Matsuda, 1965).

A valorização da arte namban no mercado leiloeiro actual é o resultado de um interesse colectivo por parte de coleccionadores e historiadores por este capítulo artístico da história do Japão e da Europa, que não ocorreu antes do início do século XX (Doi, 1971). O coleccionismo de arte namban começou com os japoneses Hajime Ikenaga (1891-1955) e Yoshio Kitamura. Mesmo ainda quando a investigação especializada sobre o tema era escassa, e existia ainda um certo preconceito nacional em relação à aparência destes objectos, considerados “*grosseiros*”, tal não impediu Ikenaga e Kitamura de apreciar sua beleza rara e de os colocarem “*ao nível de tesouros*” (Sugase, 1981). Em 1938 a colecção de arte namban de Ikenaga foi exposta no Japão, no Museu Ikenaga, e mais tarde, as 4500 peças da exposição foram doadas à cidade de Kobe, e em consequência o Museu Cívico de Kobe de Arte Namban foi inaugurado para as albergar. O Museu de Arte Namban de Osaka (*Namban Bunkakan*), por sua vez, foi fundado em 1968 por Kitamura, sendo que a sua colecção era composta na sua maioria por objectos de metal e objectos de exportação de finais do século XVI e inícios do século XVII, muitos destes obtidos na Europa depois da Segunda Grande Guerra (Ferrão 1990, 192).

No Ocidente, é difícil precisar quando começou o interesse do mercado pela arte namban. Bernardo Ferrão (Távora, 1981: 9) conta-nos que a grande colecionadora de arte Isabella Stewart (também conhecida como “Mrs. Jack”), comprou um cofre namban a um “antiquário judeu Moisé della Torre” em Itália em 1906 sem saber o que era. O cofre foi no entanto esquecido no acervo do Isabella Stewart Gardner Museum até ser estudado em 1909 por um perito japonês e se constatar que se tratava de uma raridade. Segundo Toshio Watanabe (1982: 195), Jō Okada adquiriu para a nação do Japão um oratório namban “*which had appeared on the market*”, o qual se encontra agora no Museu Nacional de Tóquio. O autor não especifica se o oratório foi adquirido em mercado público ou privado, nem onde. Foi possível aferir, contudo, que a Christie’s vendeu em 1971 um biombo namban de duas folhas por 4.280 dólares, mas já com descrição correcta da obra em si (ver figura 53 em Anexo II). Em 1976 o Museu Nacional de Arte Antiga comprou o segundo de um par de biombos namban de seis folhas, através da Christie’s (Sousa, 2006).

Os estudos de Martha Boyer e de Toshio Watanabe mostram que já havia um considerável número de objectos de arte namban nos museus da Europa Central antes dos anos 70. No entanto, é bem provável que a maioria destes objectos tenha chegado aos museus através da integração de espólios importantes com origem na nacionalização de bens religiosos ou doações de casas senhoriais. O chamado contador de Ambras, o primeiro objecto a ser inventariado pelo seu detentor em 1596, o imperador Rudolfo II (1552-1612), pertence à colecção do Museu Kunsthistorisches em Viena desde 1891, quando este recebeu as colecções imperiais dos Habsburgo. O mesmo acontece com a colecção de mobiliário do conhecido perito de arte oriental Sir Harry Garner (1892 – 1977) e sua esposa, a qual foi parcialmente doada pelo casal Garner ao British Museum. Uma das doações foi um oratório namban, registado pelo museu em 1974 (Watanabe, 1982). A garrafa de *sake* em cerâmica com decoração de *nanban-jin* da colecção do Metropolitan Museum of Art (inv. 1975.325.6), foi inventariada em 1975, e, segundo as informações do museu, doada por Mary B. Henderson. A bacia em laca namban do Victoria & Albert Museum, no entanto, parece vir do fundo de arte do estado (National Art Collection Fund, criado em 1903 através da campanha de Dugald Sutherland MacColl), e está na colecção do museu desde 1957 (inv. W. 13-1957).

No entanto, não existe mercado de arte sem cultura e informação, e na Europa, o interesse pela temática “namban” – mais especificamente lacas de arte jesuíta, ou lacas Kirishitan – começou nas décadas de 20 e 30 do século XX com os historiadores alemães e biógrafos de S. Francisco Xavier e Alessandro Valignano, Georg Schurhammer (S.J.) e Joseph Schütte (S.J.), e também com o reputado historiador inglês Charles Boxer. Embora

Boxer tenha publicado na década de 1930 um estudo sobre “Influências portuguesas no Japão” (*Some Aspects of Portuguese Influence in Japan*), onde analisa do ponto de vista documental os biombos namban, nenhum destes autores era especialista em história da arte. O americano John McCall foi o primeiro historiador de arte no Ocidente a debruçar-se sobre o tema ao estudar a herança artística Jesuíta na China e no Japão (O’Malley, 1999).⁵⁸

Martha Boyer foi, por sua vez, a primeira estudiosa a dedicar-se ao estudo da laca japonesa de exportação, assim como a primeira investigadora que procurou classificar as lacas namban pela sua decoração e balizar o seu período de produção (Ferrão, 1990). O seu trabalho começa com o artigo “*Notes on Japanese Lacquers*” publicado pela revista da Walters Gallery (Baltimore, vol. XVII) em 1955; e depois com a sua publicação específica sobre *Japanese export lacquers from the 17th century in the National Museum of Denmark* em 1957 (Copenhaga), seguido do *Catalogue of Japanese Lacquers: The Walters Art Gallery* em 1970 (Baltimore). Os seus estudos foram, no entanto, criticados por outros historiadores, pela sua aparente falta de conhecimentos da língua e cultura japonesa. Contudo, é reconhecida a sua contribuição para o campo da história da arte (Waterhouse, 1974).

Fora do campo das lacas, durante muito tempo os estudos de Charles Boxer continuaram a revelar-se a melhor e única referência sobre biombos namban, se bem que Alexander Soper (1955) refira brevemente os biombos namban produzidos por Kanō Naizen no seu estudo *The Art and Architecture of Japan*. Fora estas dispersas referências bibliográficas, o tema de arte namban, de forma geral, só mereceu destaque em 1971 quando *The Southern Barbarians: The First Europeans in Japan*, editado por Michael Cooper, é publicado. No capítulo “A Survey of Nanban Art” (1971: 147-206) o autor Fernando G. Gutiérrez (S.J.) refere não só várias tipologias de objectos como também refere as cerâmicas e os objectos de metal. No entanto, mais uma vez, concentra-se muito na pintura religiosa e nos biombos, dedicando pouco menos de uma página às lacas, apesar de constituírem o grosso da herança namban.

Ainda em 1955/6, uma exposição de arte portuguesa em Londres, na Royal Academy of Arts (*Portuguese Art, 800-1800*), exibiu o polvorinho namban do Museu Nacional de Arte Antiga, que naquela altura tinha acabado de ser comprado pelo MNAA, apesar de nunca ter sido antes exibido em Portugal (Sousa, 2006). Fora esta exposição solitária, parece ter sido sobretudo a contribuição dos japoneses, interessados não só em coleccionar a sua herança cultural como também em exibi-la ao mundo, que chamou a atenção do público para este

⁵⁸ Para mais informação sobre as primeiras obras publicadas, vide O’Malley, 1999, pp.77-79, notas 46 e 47.

capítulo da história da arte mundial, a Arte Namban. Emergindo da devastação de um cenário guerra, o Japão experienciou um chamado “milagre económico” que culminou nos anos de 1980, até à bolha especulativa associada ao mercado imobiliário rebentar em 1990. Durante a fase de crescimento económico, o Governo do Japão começou a financiar exposições de arte japonesa nos Estados Unidos e na Europa, de modo a promover a sua cultura (o que também contribuiu para a valorização da arte japonesa no mercado da arte). Foi sobretudo graças à sua intervenção que a arte namban começou a ser conhecida no mundo.

Uma das mais notáveis publicações inteiramente dedicada ao tema de arte namban, que continua a ser referenciada na bibliografia de praticamente todos os estudos contemporâneos de arte namban, é a de Yoshitomo Okamoto, intitulada de *The Namban art of Japan*, traduzida para inglês em 1972. Elizabeth de Sabato Swinton (1975: 145), na sua recensão da obra de Okamoto, escreve: “*In the recent years there has been a growing interest in this genre of chiefly Momoyama period art but very little information has been available to those who could not read Japanese*” Esta autora, no entanto, refere que Okamoto dá pouca importância à diversidade de objectos produzidos nesse período, focando quase somente na pintura namban.

Em 1973, é realizada a primeira exposição dedicada exclusivamente ao tema *Arte Namban* no Ocidente, no Museu de Arte de St. Louis (Missouri, E.U.A.), com o apoio da Japan House Gallery e da Honolulu Academy of Arts. A exposição contou com biombos, pinturas, lacas, cerâmicas e objectos de metal emprestados de colecções japonesas. Desta exposição resultou um catálogo com ilustrações de 74 objectos da exposição, e texto dos especialistas Professor Shinichi Tani e o Dr. Tadashi Sugase.

Em 1980, o museu de arte asiática de Paris, o Musée Cernuschi, organiza a segunda exposição no Ocidente sobre arte namban, intitulada de *Namban ou l'Européisme japonais, XVI^e-XVII^e siècles*, da qual também resultou um catálogo. No ano seguinte é organizada a *Great Japan Exhibition*, patrocinada pela Royal Academy em parceria com a Japan Foundation, uma exposição de grande escala com o intuito de expor o “*melhores objectos de arte*” do período Edo (Hayashi, 1981: 11). Nela foi exibido uma pequena selecção de lacas namban: uma estante de missal e um oratório portátil de pendurar ambos da colecção do Museu Nacional de Tokyo, um par de baús de 131 cm de largura da colecção de Lord Methuen, e também duas caixas de instrumentos de escrita com decoração figurativa de *namban-jin*, além de biombos namban (Watson, 1981).

Entre 22 e 24 de Junho de 1981 é organizada a décima primeira edição dos colóquios de arte e arqueologia na Ásia (*Colloquies on Art & Archaeology in Asia, No. 11*), cujo volume,

editado por William Watson, é publicado em 1982. Neste catálogo encontra-se um estudo de Oliver Impey sobre lacas japonesas para exportação, onde o autor já diferencia as lacas namban (de influência portuguesa) das lacas de estilo pictórico (de influência holandesa), e descreve as diferentes tipologias de objectos (Impey, 1982). No mesmo colóquio, Toshio Watanabe (1982) tenta fazer um inventário sobre oratórios namban publicados e outros quatro não publicados até à data, notando que na altura ainda havia pouca informação sobre oratórios namban.

Em 1988 Christine Shimizu publica *Les Lacques Du Japon*. Neste destaca-se um capítulo dedicado às lacas namban, intitulado de “Les débuts de la modernité. L'époque de Momoyama.” Ao contrário de Martha Boyer, e Oliver Impey (1982), que se focaram apenas nas lacas de exportação, Shimizu estuda também a existência de lacas com figuração *namban-jin* inspirada nos portugueses, que a autora considera “de decoração exótica”. De referir também a publicação de 1991 do Metropolitan Museum of Art sobre a colecção de Florence e Hebert Irving, intitulada de *East Asian Lacquer*, que continha duas peças namban de exportação e um extremamente raro *jubako* com decoração inspirada nos têxteis do Sudoeste Asiático trazidos pelos portugueses.

Sem dúvida, a exposição mais relevante para o reconhecimento mundial do valor histórico, cultural e artístico da arte namban foi a exposição *Art Namban: Les Portugais au Japon / Nambankunst: Portugezen in Japan* exibida durante o festival de arte Europalia/89 em Bruxelas. Este festival, organizado de dois em dois anos, que em 1989 tinha como tema principal a herança cultural do Japão, trouxe um recorde de 1,6 milhões de visitantes (Ames, 2009) e certamente contribuiu para uma maior difusão da cultura luso-nipónica. Dois anos depois, a exposição de arte luso-oriental *Via Orientalis* foi inaugurada em Bruxelas no âmbito do festival Europália 91/Portugal, contando já na altura com objectos namban emprestados de colecções japonesas. O núcleo de arte japonesa/namban foi depois em 1993 exibido em Tóquio e Quioto (Sousa, 1993).

Adicionalmente, durante a década de 80, colecionadores japoneses enriquecidos invadiram o mercado de arte internacional e conseqüentemente fizeram disparar os preços de arte japonesa, incluindo as lacas (Dees, 2007). Por este motivo, é fácil imaginar que lotes de peças de laca namban começaram a aparecer cada vez mais no mercado leiloeiro. Impey e Jörg (2005) listam na sua grande publicação sobre *Japanese Export Lacquer* pelo menos doze lotes de lacas namban leiloados durante a década de 1980 pela Christie's e pela Sotheby's.

A arte namban continuou a ser mencionada em publicações ou catálogos durante as décadas de 1990 e 2000, mas o interesse no tema continuou a ser focado nas lacas e nos

biombos. Fora dos catálogos de exposição sobre arte namban com textos breves e generalistas sobre os diferentes objectos, estudos exaustivos sobre esculturas, cerâmicas, metais e outros objectos de arte namban continuam a ser escassos e espalhados por referências bibliográficas avulsas. As publicações internacionais da Jorge Welsh Oriental Porcelain and Works of Art (*After the Barbarians. An Exceptional Group of Namban Works of Art* e *After the Barbarians II. Namban Works of Art for the Japanese, Portuguese and Dutch Markets*) ainda reúnem alguma informação sobre uns poucos objectos de arte namban para além das lacas e dos biombos, mas os outros temas acima descritos continuam a receber pouca atenção por parte dos historiadores de arte.

Sobre as lacas namban em si, a publicação mais importante até agora, que resultou no estudo mais aprofundado alguma vez feito sobre lacas namban de exportação (e também com informação sobre lacas com figuração *nanban-jin*), foi a de Oliver Impey e Christiaan Jörg (2005) sobre *Japanese Export Lacquer: 1580 – 1850*. Este livro reúne inúmeras fotografias de lacas namban, lacas de transição, e lacas para o mercado holandês, provenientes de diversas colecções públicas e privadas de vários sítios, e catálogos de exposições e leilões.

Apesar de ser definitivamente o tema que atrai maior interesse dentro do campo da arte namban, parece não existir nenhuma publicação ilustrada sobre biombos namban que reúna informações e fotografias coloridas de biombos provenientes de diversas colecções, todos condensados no mesmo espaço de leitura, tal como Impey e Jörg fizeram com as lacas. Existem várias publicações que abordam o tema dos biombos namban no Ocidente, e uma mão-cheia de publicações específicas sobre biombos namban publicadas no Japão, sendo que última de que temos conhecimento seja *Nanban byōbu shūsei (Catalogue raisonnée of the Namban screens)* de Sakamoto Mitsuru, publicada em Tóquio pela Chiō Kōron Bijutsu Shuppan em 2008. O livro de Yoshitomo Okatomo continua a ser a mais acessível fonte de informação no Ocidente sobre biombos namban, assim como os catálogos de exposições de arte namban.

Actualmente, a arte namban é apreciada e altamente valorizada pelos coleccionadores internacionais, e os seus exemplares estão espalhados por museus em todo o mundo. Não é incomum que lotes de arte namban atingirem os preços mais altos num leilão de arte japonesa. Em Dezembro de 2008, quando a arte tradicional asiática, pouco afectada pelo colapso financeiro do Lehnam Brothers, liderava as vendas do mercado de arte antiga, a Sotheby's de Paris vendeu um baú namban por €82.350, o dobro da estimativa mais alta (€40.000), resultando na peça japonesa mais cara do leilão (Sotheby's, 2008). A Jorge Welsh Oriental Porcelain and Works of Art em 2011 vendeu um baú namban ao Rijksmuseum em

Amesterdão, através da feira de arte TEFAF Maastricht. Aparentemente, foi o próprio Jan van Campen, curador do Rijksmuseum, que persuadiu Jorge Welsh a levar o baú para a feira (Crichton-Miller, 2011). Finalmente, o par de biombos namban da escola de Kanō Neizen vendido na Christie's de Nova Iorque em 2011 atingiu um recorde mundial para qualquer pintura japonesa vendida até então em leilão, com um valor de martelo de \$4.786.500 (Christie's - Press Releases, 2011).

PRIMEIROS ESTUDOS, EXPOSIÇÕES E MERCADO DE ARTE NAMBAN EM PORTUGAL

A temática namban era virtualmente desconhecida em Portugal até sensivelmente aos anos de 1950. E mesmo com a aquisição dos famosos biombos namban na década de 1950 pelo Museu Nacional de Arte Antiga não se alterou significativamente o aparente desinteresse geral do público. Havia já alguns estudos de Charles Boxer (1936) e Kiichi Matsuda (1965) publicados em Portugal sobre biombos namban, mas as primeiras grandes exposições públicas só começaram nos anos de 1980.

Não é que o tema da arte nipo-portuguesa fosse completamente desconhecido. O antigo embaixador português António da Costa Carneiro comprou peças de arte namban no Japão, as quais foram depois adquiridas pelo MNAA. O antigo director deste museu, José de Figueiredo, já mostrava interesse na disseminação da informação sobre o tema namban. Em 1929, quando o pavilhão de Portugal em Sevilha foi palco da Exposição Cultural da Época dos Descobrimentos, criticou o facto de os biombos namban e outros objectos nipo-portugueses não terem sido exibidos na exposição⁵⁹, apesar de terem sido considerados na lista preliminar de obras possíveis a serem exibidas (Sousa, 2006). É contudo intrigante saber que já nesta altura o MNAA possuía na sua colecção “*duas estantes de missal, duas caixas de hóstias e um pequeno cofre*” namban (Sousa, 2006: 58), provenientes de espólios de conventos extintos, dois dos quais se encontravam em mau estado de conservação. No entanto, estas peças só foram exibidas pela primeira vez no museu em 1957.

Embora alguns estudos do historiador Charles R. Boxer sobre a presença portuguesa no Japão tenham vindo a ser publicados em Portugal a partir da década de 1930, a informação sobre o tema geral de arte namban (que inclui muitas peças para além dos biombos)

⁵⁹ “*Refiro-me aos biombos portugueses, comemorativos da chegada dos portugueses à terra nipónica em 1542, facto que marcou e marca ainda a época nessa nação. E, com os biombos, os selins de laca do século XVI, e as pinturas e estatuetas de marfim, e as gravuras e demais provas da nossa influência cultural nesse país, que ilustres historiadores da Universidade de Toquio reconheceram ter atingido até a própria epigrafiã.*” (Felgueiras, 1929: 6)

continuava a ser praticamente ignorada em Portugal antes dos anos de 1980. Para melhor ilustrar esta realidade, o Inventário Artístico de Santarém (1949) lista um oratório em laca namban como “indo-português”.⁶⁰ Esta descrição pode ser justificada pelo facto de o uso da definição “namban”, em Portugal, só ter começado a ser aplicada às lacas⁶¹ não antes dos finais da década de 1960, quando o Roteiro do Museu Nacional de Antiga foi publicado em 1969 (Sousa, 2006). Por outro lado, o facto de nunca se ter efectuado em Portugal uma inventariação destes objectos levou à perda de muito património nipo-português para o mercado estrangeiro. Segundo Bernardo Ferrão (Távora, 1981: 137) os cofres namban que constavam na vastíssima colecção de arte do comandante Ernesto de Vilhena (1876-1967), dispersaram-se “*nos leilões levados a efeito uns anos após a sua morte, e se alguns por cá ficaram, outros foram logo exportados.*” Na mesma página o historiador avisa que os exemplares existentes fora dos museus corriam o risco de desaparecerem “*dada a procura intensa desenvolvida pelos intermediários dos riquíssimos colecionadores nipónicos, que as valorizam com preços elevadíssimos, sempre em ascensão.*”

A exposição de 1981 da Gulbenkian, patrocinada por dois museus japoneses, foi de facto um virar de página na relação entre o público português e a sua herança namban, mas não se deve também esquecer a contribuição do Museu Nacional de Arte Antiga em tentar reunir objectos de arte namban na sua colecção até então. O Museu comprou em 1954 quatro objectos namban da colecção de António de Costa Carneiro, entre os quais os famosos *jubako* e polvorinho com decoração *nanban-jin* representando portugueses. Também no mesmo período o MNAA adquiriu os dois pares de biombos namban mais famosos em Portugal (um atribuído a Kanō Naizen e outro atribuído a Kanō Domi), do depósito do Ministério das Finanças, anteriormente comprados por António de Costa Carneiro no Japão. Sobre esta aquisição, João Couto (1954: VIII) escreve “*O Estado, pelo Património Nacional, tem realizado nos últimos tempos um esforço considerável no sentido de adquirir alguns objectos de maior vulto, reveladores da nossa presença no Japão. Assim sucedeu com os biombos, dois dos quais figuram no certame, esperando nós que em breve o núcleo se enriqueça com outras espécies, especialmente charões, de não menor estima e interesse histórico e artístico.*”

Na 15ª Exposição Temporária do MNAA, intitulada de *Portugal na Índia, na China e no Japão*, a qual ocorreu em Setembro de 1954, com curadoria de Maria José de Mendonça, o

⁶⁰ “*Na parte baixa do altar está encaixado um oratório-armário (trabalho indo-português, de xarão), dado a este altar por D. Jerónima de Parada, viúva de Gaspar de Sousa de Lacerda (...).*” p.98, *Estampa CXXXVIII?* Este oratório esteve exposto na Exposição “*Art Namban : les Portugais au Japon = Nambankunst : Portugezen in Japan*”, *Europália/89* (vide Canavarro, 1990: fig.41).

⁶¹ Antes, a definição “namban” era reservada apenas para descrever biombos (Sousa, 2006).

par de biombos namban de Kanō Domi foi exposto, juntamente com uma caixa de forma circular (presume-se de guardar hóstias) e uma estante de missal. A palavra “namban” só foi usada para descrever os biombos. Este par de biombos também foi exibido na *Exposição Histórico-Militar de Homenagem a Mouzinho de Albuquerque* organizada pela Câmara Municipal do Porto em 1958. Em 1957, o Museu Nacional de Arte Antiga recebeu a grande exposição de *Influências do Oriente na Arte Portuguesa Continental. A Arte nas províncias portuguesas do Ultramar*, organizada por João Couto, dentro do âmbito do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Finalmente, os objectos de laca namban da colecção do MNAA foram exibidos, assim como os dois pares de biombos, todos no mesmo espaço (sala III), juntamente com diversos objectos de arte chinesa.

O núcleo da colecção namban permaneceu no mesmo espaço até 1967. Maria da Conceição Borges de Sousa (2006, 68) relata que em Novembro desse ano os biombos namban foram transferidos para um outro espaço contingente do Museu chamado de Passos Perdidos e permaneceram aí até 1970. Entre 1970 e 1972, Sousa só encontrou um registo de uma exibição de um par de biombos. Em 1976 as lacas namban foram transferidas para uma sala pequena no edifício anexo do museu, cuja modesta exposição foi acompanhada por um pequeno panfleto escrito por Maria Helena Mendes Pinto intitulado de “Oriental Art – nambans” (Sousa 2006, 68). Parece que foi nesta altura que a historiadora começou os seus estudos no tema namban, e é inegável a sua contribuição para a educação do público sobre o valor destes objectos. Mendes Pinto já era curadora assistente do MNAA desde 1963, e na década de 1970 viajou até ao Japão, onde teve oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos com a ajuda do curador do Museu Cívico de Kobe e do Museu Nacional de Quioto (Curvelo, 2006).

A primeira grande exposição de *Arte Namban* em Portugal, que segundo Bernardo Ferrão, “*encantou Lisboa*” (Távora, 1981: 129), data de 1981 e teve lugar nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, organizada no âmbito do 25º Aniversário da Fundação Calouste Gulbenkian em parceria com o Museu Nacional de Arte Antiga e contando com a colaboração da Embaixada do Japão, da Japan Foundation, do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Secretaria de Estado da Cultura. A exposição reuniu obras emprestadas de colecções japonesas (das famosas colecções de Hajime Ikenage e Yoshio Kitamura) e também as obras do Museu Nacional de Arte Antiga, do Museu do Caramulo e do Museu Nacional Soares do Reis. Dela resultou um catálogo ambicioso com textos de vários historiadores, coleccionadores e críticos de arte japoneses, incluindo uma introdução do próprio Yoshio Kitamura e um capítulo sobre biombos namban escrito pelo especialista Tadao Takamizawa,

“constituindo[-se] em larga medida o primeiro estudo das relações artísticas entre Portugal e Japão, caracterizando a tipologia dos objectos, a dimensão comercial do pequeno mobiliário e a emergência dos objectos de carácter utilitário associado às missões jesuítas” (Lopes, 2011: 15) O interesse pela herança nipo-portuguesa suscitado pela exposição foi tal que o historiador de arte Bernardo Ferrão (Távora, 1981) foi requisitado para escrever sobre o tema, nomeadamente sobre uma das peças do enorme espólio da famosa colecionadora nova-iorquina Isabella Stewart (1840-1924).

A segunda grande exposição em Portugal, e de igual importância, foi a XVII Exposição Europeia de Arte Ciência e Cultura em 1983, organizada pelo Governo Português e promovida pelo Conselho da Europa. O tema incidiu sobre os *Descobrimientos Portugueses e a Europa no Renascimento*, e a exposição foi dividida em cinco espaços diferentes, organizados por subtemas (Casa dos Bicos, Convento de Madre de Deus, Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém e MNAA). A exposição no Mosteiro dos Jerónimos continha o núcleo da arte oriental da expansão, *Cumpriu-se no mar. A arte na rota do oriente*, sendo coordenada por Mendes Pinto, e os objectos namban foram expostos no Refeitório (Lopes, 2011)

Em 1986 Maria Helena Mendes Pinto publica o primeiro estudo extensivo sobre *Biombos Namban* do MNAA, e o jornal *Diário Popular* publicou um artigo sobre o estudo no dia 4 de Dezembro do mesmo ano (Sousa, 2006). Entre 1986 e 1987 Mendes Pinto desenvolve os seus conhecimentos em laca japonesa em Paris e Osaka, e em 1990 é convidada pela Japan Foundation para estudar o método de produção de lacas, em particular as lacas namban, em Tóquio e Quioto. Deste estudo resulta a importantíssima publicação *Lacas Namban em Portugal* (1990), a primeira obra impressa em Portugal deste género.

Tal como foi referido anteriormente, o festival da Europália de 1989-Japão, realizado em Bruxelas, contribuiu largamente para o acentuar a importância do namban, tanto a nível internacional como a nível nacional. A exposição *Arte Namban – Portugueses no Japão* no Musée du Cinquantenaire, contendo várias amostras de diferentes objectos namban emprestados por diversas colecções, teve curadoria por Pedro Canavarro e como curador assistente Maria Helena Mendes Pinto. Em 1990 a mesma exposição é trazida para Portugal e exibida no Museu Nacional de Arte Antiga.

Em 1991 Bruxelas recebeu outra vez uma mostra de diferentes objectos namban no festival Europalia 91/Portugal, na exposição *Via Orientalis*, A curadora principal foi Maria Helena Mendes Pinto, e a exposição foi montada outra vez em 1993 no Japão em quatro cidades diferentes, sendo que a de Tóquio foi visitada pelo próprio Imperador (Sousa, 1993). No mesmo ano os peritos japoneses Toshikatsu Nakasato e Katsuhiko Masuda vêm a Portugal

dar um curso de Laca Japonesa, sob a iniciativa do Instituto José Figueiredo (Sousa, 2006), e as Embaixadas de Portugal e Japão publicam em Nagasáqui e Lisboa uma edição bilingue de *Portugal. Japão. Anos de memória* para comemorar os 450 anos de encontro entre os portugueses e os japoneses, e a celebração das suas trocas artísticas e culturais.

Também em 1993 começou-se a observar na revista bimensal *Arte & Leilões*, artigos exclusivamente dedicados a exposições de Arte Namban. Em Junho/Julho, Nuno Vassallo e Silva dedica seis páginas à exposição da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. A edição de Agosto/Setembro inclui não um, mas três artigos: uma rubrica de Maria Helena Mendes Pinto sobre a Exposição *Via Orientalis* de Tóquio, e mais um artigo pequeno sobre alguns apontamentos dessa exposição; e por último, um artigo de António Sérgio Pessoa sobre porcelana Namban.

De mencionar também a publicação do Instituto Português dos Museus da obra *Traje Namban* no âmbito da exposição *Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura*, a primeira obra dedicada ao estudo da indumentária japonesa influenciada por vestuário português e temas decorativos namban. Em Dezembro de 2000 é lançado o “*Bulletim of Portuguese-Japanese Studies*”, uma revista semestral de estudos luso-nipónicos com a direcção de João Paulo Oliveira e Costa, publicado pelo Centro de História Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa. Até hoje a revista conta com 19 volumes, mais de uma centena de artigos, dos quais vários sobre o tema namban. Existem também outros estudos importantes publicados em Portugal, como o catálogo de exibição, 30 de Março a 10 de Junho de 2001 do Museu Calouste Gulbenkian, *O Mundo da Laca, 2000 anos de história* (coord. Pedro de Moura Carvalho, 2001); *Depois dos Bárbaros: um excepcional conjunto de obras namban* (ed. Jorge Welsh, 2003) e *Depois dos Bárbaros II : arte namban para os mercados japoneses, portugueses e holandeses* (ed. Jorge Welsh e Luísa Vinhais, 2008), publicadas pela Jorge Welsh Books, a editora da galeria Jorge Welsh Oriental Porcelain and Works of Art; e a série de *Arte de Portugal no Mundo* do Público, dedicada à influencia da arte portuguesa no mundo, sendo o que volume 14 é dedicado ao *Japão* (Dias, 2008) e à arte namban. Por ultimo há que referir os estudos especializados de Alexandra Curvelo, que segue os passos pioneiros de Maria Helena Mendes Pinto na divulgação da informação sobre a cultura namban, tendo vindo a escrever artigos para o *Bulletim of Portuguese-Japanese Studies*, e que em 2007 concluiu a sua tese de doutoramento, a primeira dedicada a este tema em Portugal, intitulada *Nuvens Douradas e Paisagens Habitadas. A Arte Namban e a sua Circulação Entre a Ásia e a América: Japão, China e Nova-Espanha (c. 1550 – c. 1700)* da Universidade Nova de Lisboa.

Em 1987 a casa Leiria & Nascimento leilou o primeiro cofre namban a aparecer no mercado público português, com uma estimativa de 150 – 250 contos (cerca de €750 - €1.250), sendo vendido pelo valor da estimativa mínima. Em 8 de Dezembro de 1989 o Palácio do Correio Velho leilou um outro cofre namban, com uma estimativa bem mais alta de 700 – 900 contos (cerca de €3.500 - €4.500), mas não foi vendido. No mesmo leilão, também uma “*mesa de estrado*” namban, com uma estimativa de 1.000 – 1.300 contos (c. €5.000 - €6.500), foi também retirada. Em 5 de Dezembro de 1991 a PCV leilou um baú (“*arqueta namban*”) de por 2.000 – 2.500 contos (cerca de €10.000 - €12.500), tendo sido vendido por 1.780 contos (€8.900). Os catálogos de 16 de Maio de 1990 e 20 de Junho de 1991 da Dinastia ilustram, cada um, um escritório namban com uma estimativa de 2.000 – 2.500 contos cada um (cerca de €10.000 - €12.500).

António Sérgio Pessoa (1992: 74) escreve sobre o leilão de Abril de 1992 do Palácio do Correio Velho onde anota “*uma caixa-contador (ou escrivaninha) em «maquié» e «raden» (laca preta e dourada e madre pérola embutida). É do período Momoyama (século XVII) e possivelmente ainda contemporânea da estada dos portugueses no Japão, para quem, eventualmente, poderá ter sido feita.*” Embora esta descrição nos dê a sensação de que o mercado de arte namban ainda era mal compreendido, esta peça apresentava já uma estimativa de 2.000 contos (c. €10.000), que, se segundo Pessoa, era “compatível” sua qualidade.

Não encontramos informação de venda de arte namban em mercado público entre os anos 1993 e 1995, mas a partir de 1996 a arte namban ganha uma presença anual constante no mercado, sendo que todos os anos é leilado pelo menos um objecto de arte namban. A partir de 2004 a Cabral Moncada Leilões torna-se a principal casa-leiloeira para objectos de arte namban, leilando em média 4 a 5 lotes de arte namban por ano.

PARTE IV: ARTE NAMBAN NO MERCADO LEILOEIRO INTERNACIONAL E

NACIONAL

Neste capítulo vamos analisar os objectos de arte namban leiloados em mercado nacional (Leiria & Nascimento, Palácio do Correio Velho e Cabral Moncada Leilões)⁶² e mercado internacional (Christie's, Sotheby's e Bonhams).⁶³ Os valores de martelo aqui apresentados são retirados através de informação disponibilizada pelas leiloeiras, e podem não incluir taxas de compra adicionais.⁶⁴

Por questões de simplificação, apresentamos todos os valores de estimativas e de martelo de lotes vendidos no estrangeiro em dólares americanos⁶⁵, e de lotes vendidos em Portugal convertidos à moeda euro.⁶⁶

1. Lacas namban para o mercado europeu

1.1. Arcas

Arcas são móveis de dimensões consideráveis, podendo variar entre os 50 centímetros e 1 metro de comprimento, e distinguem-se dos baús por terem uma tampa de levantar plana, ou ligeiramente biselada. Costumam apresentar apenas uma fechadura central, duas dobradiças, e

⁶² As informações aqui compiladas são retiradas da consulta de catálogos da CML, PCV e L&N disponíveis na da Biblioteca Nacional do Porto, na Biblioteca Nacional de Lisboa e na biblioteca da Cabral Moncada Leilões, e de catálogos online do PCV e da CML disponíveis nos sites oficiais das leiloeiras. Parte da informação provém da investigação realizada para o projeto "O mercado leiloeiro de arte antiga e contemporânea em Lisboa (2005-2011)" financiado pela FCT e com a referência PTDC/EAT-HAT/103690/2008.

⁶³ As informações aqui compiladas são retiradas dos sites oficiais da Christie's, Sotheby's e Bonhams, e da base de dados online da Artifact. Só temos informação de lotes leiloados a partir do ano 1990.

⁶⁴ Os valores de martelo aqui apresentados da Christie's, Sotheby's e Bonhams incluem o valor do prémio (*Buyer's Premium*). Os valores de martelo aqui apresentados da Leiria & Nascimento, Palácio do Correio Velho e Cabral Moncada Leilões não incluem a Comissão de Compra.

⁶⁵ Todos os valores obtidos através do site da Artifact, da Bonhams e da Sotheby's de lotes não vendidos nos Estados Unidos foram convertidos a dólares americanos, visto que, ao contrário da Christie's, estes não disponibilizam essa informação. Esta conversão foi feita tendo em conta a inflação, através da informação do histórico das taxas de câmbio obtida no site <http://www.exchange-rates.org>

⁶⁶ Alguns destes valores já apresentavam a respectiva conversão em euros nos catálogos datados antes da entrada em vigor da moeda. Como todas estas conversões baseavam-se na divisão do valor em escudos por 200, aplicou-se a mesma fórmula para todos os outros valores em escudos.

duas argolas de levantar, uma em cada lado. As arcas namban de produção até cerca de 1630 têm quase todas uma, duas ou quatro gavetas na base, ocupando toda a sua profundidade, sendo raros os exemplos de arcas que não têm (ver figuras 1 e 2 em Anexo II). Já as arcas de exportação de período tardio (1630-50) geralmente não possuem gavetas na base (Impey e Jörg, 2005) (ver figura 3 em Anexo II).

Alguns autores como Maria Helena Mendes Pinto (1990) e Pedro Cancela Abreu (2008: 61) distinguem os “escritórios-de-gaveta” ou “arcas-escritório”, respectivamente, como uma tipologia de arca geralmente mais pequena, com uma gaveta na base, para pousar em cima de uma superfície, e com funções de escritório. Devido à confusão dos termos, neste trabalho não vamos distinguir as “arcas-escritório” ou “escritórios-de-gaveta” das outras arcas. Para todos os efeitos, as arcas namban mais comuns de se encontrar no mercado leiloeiro são arcas de uma gaveta na base, com dimensões cerca de 50 cm de comprimento.

Temos informação da venda de sete arcas namban (ver Tabela I em Anexo I). Adicionalmente, Impey e Jörg (2005: 144-145, ils. 299, 304) ilustram duas arcas namban leiloadas pela Christie’s em 1987 e 1990 sobre as quais não foi possível obter informação de valores.

A informação que compilámos permite-nos observar que a maioria das arcas namban vendidas entre 1992 e 2012 atingiram valores de martelo compreendidos entre os \$18.700 e os \$26.600. As únicas excepções são uma arca leiloadada pela Christie’s (Londres) em 1992 que foi vendida por \$40.900, e uma arca leiloadada pela Christie’s (Nova Iorque) em 2004, vendida por apenas \$9.600. Encontrámos apenas uma arca namban retirada em leilão. É possível que esta arca tenha sido retirada devido ao elevado valor das estimativas (ver figura 1 em Anexo II).

No mercado leiloeiro português, as arcas namban são raras. Não encontrámos nenhuma arca namban leiloadada pela CML, PCV ou L&N. Sabemos, no entanto, que a Dinastia leiloou uma arca em laca de estilo de transição de 151 cm de comprimento no dia 21 de Junho de 1991, mas não foi possível obter informação do valor das estimativas nem do martelo. Esta mesma arca foi novamente leiloadada pela Aqueduto a 22 de Fevereiro de 2010 por uma base de €17.000, mas não foi vendida (ver figura 3 em Anexo II). O facto desta arca ter uma decoração de estilo de transição, e não caracteristicamente namban propriamente dito, pode ter influenciado a falta de interesse do comprador.

1.2. Bandejas

Embora na linguagem comum “tabuleiro” e “bandeja” sejam considerados sinónimos, neste projecto vamos diferenciar bandeja como uma peça de mobiliário plana de bordas baixas, usada para “*diferentes actividades sociais e domésticas, que não as relacionadas ao jogo*”, tal como é sugerido por Miguel Cabral de Moncada (2007: 35), citando José Jordão Felgueiras.

As bandejas podiam-se destinar tanto ao mercado externo como ao mercado interno, e podiam servir tanto como transporte de oferendas, como mesas portáteis, ou também como pertences de uma freira.⁶⁷ Ao contrário dos outros objectos de mobiliário namban, cujas formas derivam das europeias, as bandejas luso-orientais têm tipologia oriental, com origem no Sudoeste Asiático (Júlio, 2003/2004: 36). As bandejas japonesas que se conhece têm forma rectangular. Tal como os outros objectos produzidos neste período, as bandejas em laca namban variam notoriamente de estilo decorativo, algumas apresentando inclusive técnicas mais características de outras civilizações.

Apenas encontrámos uma bandeja lacada em estilo namban, com decoração representando uma cena dos Contos de Genji, vendida pela Christie’s Londres a 17 de Novembro de 1999 por £23.000 (\$37.336), tendo uma estimativa inicial de £30.000 - £40.000 (\$48.699 - \$64.932) (ver figura 4 em Anexo II). Esta bandeja encontra-se agora na colecção do Metropolitan Museu of Art (inv. 2002.2). Sabemos também que uma outra bandeja em laca namban, esta de fabrico indo-português ou do Sudoeste Asiático, foi vendida na Christie’s Londres a 27 de Novembro de 1984.⁶⁸

Em Portugal (ver Tabela II e Anexo I), temos conhecimento de uma bandeja em laca namban leiloadada pela Leiria & Nascimento, classificada no catálogo como “indo-portuguesa” devido ao entalhe da madeira (ver figura 5 em Anexo II). Uma outra bandeja semelhante a esta foi leiloadada pelo Palácio do Correio Velho em 2006 (ver figura 6 em Anexo II). O Museu Nacional de Arte Antiga possui na sua colecção duas bandejas rectangulares semelhantes a estas, com entalhe de madeira não japonês mas de decoração em laca semelhante à decoração das lacas namban. Em 1996, o especialista Hirokazu Arakawa apontou as Ilha de Ryūkyū como origem provável destas bandejas (Frade, Körber 2011, 41). Sofia Isabel Carreio e Júlio (2003/204, 44) afirma, no entanto, que o modelo deste tipo de bandejas tem origem no

⁶⁷ “Era habitual, nos conventos femininos, existirem numerosos tabuleiros destinados à apresentação de doces durante as festas religiosas.” (Canavarro, 1990: 63)

⁶⁸ Esta bandeja encontra-se ilustrada em Impey, Jörg, 2005: 201, il.279

Sudoeste Asiático, mas a decoração é japonesa, e portanto, estas bandejas devem ser classificadas como “Namban”.

1.3. Baús

Como baús consideramos móveis de armazenamento de corpo rectangular e tampa abaulada, de dimensões consideráveis, para pousar no chão ou em cima de uma estrutura. Segundo o estudo de Jorge Gonçalves (1996: 20), os baús e os cofres namban são a “*vertente numérica mais expressiva*” de toda a nossa herança lusíada.

A tipologia destes móveis era desconhecida no Japão aquando da chegada dos portugueses. À falta de termo, os japoneses chamavam os baús e os cofres de *kamaboko-gata*, que significava caixas em forma de “*peixe-chouriço*” (Pinto, 1990: 71). Curiosamente, quase todos os baús e cofres namban apresentam uma decoração caracterizável pelo desenho de bandas ou fitas paralelas com decoração geometrizada que atravessam verticalmente o móvel, dividindo o resto da decoração em painéis rectangulares ou quadrados. Mendes Pinto (1990, 76) sugere que este motivo decorativo pode ter sido inspirado nas correias que envolviam e prendiam as malas e caixas de viagem desembarcadas da nau.

Existe alguma confusão na distinção tipológica entre baús, arquetas e cofres. Maria Helena Mendes Pino (1990, 71) considera as “arquetas” como sendo móveis intermédios entre cofres e baús, de dimensões entre os 30 e os 45 centímetros de comprimento. Abreu (2008: 62) distingue as “arquetas” dos “*baús de maiores dimensões*” por apresentarem “*sempre duas dobradiças e uma fechadura*”, ao contrário dos anteriores que têm “*duas fechaduras com ferrolho e três dobradiças*”. Segundo o mesmo autor, as “arquetas” distinguem-se dos cofres por apresentarem uma construção semelhante à do baú, com duas pegas laterais e tímpanos na tampa, separados das ilhargas, ao contrário dos cofres, que não têm tímpanos na tampa e possuem apenas uma pega no topo.

Consideramos estas definições um pouco confusas, e não aplicáveis a todos os casos. Por exemplo, a Christie’s leilou um móvel namban de tampa abaulada com 48 centímetros de comprimento, que apesar de sair dos limites sugeridos por Maria Helena Mendes Pinto, seria considerado uma “arqueta” segundo a definição proposta por Pedro Cancela Abreu (ver figura 7 em Anexo II). Em 2007 a Bonhams (Londres) leilou um móvel com tímpanos na tampa e uma pega no topo, que o torna difícil de caracterizar se seguirmos as definições sugeridas por Pedro Cancela Abreu (ver figura 20 em Anexo II). Por último, a Cabral

Moncada Leilões leiloou em 2004 um móvel de tampa abaulada de 70,5 cm mas com apenas uma fechadura. Não nos parece certo classificar este móvel grande como “arqueta” (ver figura 12 em Anexo II).

Neste estudo vamos usar da definição sugerida por Jorge Gonçalves (1996: 20), onde *“peças de tampo abaulado, com medida da frente [comprimento] inferior a 400 milímetros são cofres; com medidas igual ou superior são baús.”* O autor sustenta esta definição com a uniformidade da colocação das pegas laterais nos móveis de dimensões iguais ou superiores a 400 milímetros, e também o facto de estes apresentarem sempre tímpanos na construção da tampa. Os cofres podem tanto apresentar pegas laterais como uma pega no topo, sem a fixação destas estar dependente da construção da tampa. De referir também que quase todos os baús apresentam cantoneiras, indicando que se tratavam de móveis de transporte nas viagens.

Existem diversos exemplares de baús namban leiloados no mercado internacional (ver Tabela III em Anexo I). As nossas pesquisas relevaram vinte e nove lotes de baús namban leiloados em mercado internacional, sendo que cinco destes foram retirados, e um dos retirados retornou ao mercado. Os lotes que atingiram valores de martelo mais elevados (entre \$84.000 e \$222.000) correspondem a 3 baús namban de grandes dimensões (132 – 144 cm de comprimento). Os restantes vinte e um baús vendidos atingiram valores de martelo muito variados (o mínimo de \$1.500 e o máximo de \$53.500). Destes, treze baús foram vendidos por um valor compreendido entre os \$5.000 e os \$20.000.

Dos vinte e um lotes de baús namban leiloados em mercado leiloeiro nacional (ver Tabela IV em Anexo I), 11 foram vendidos e dez foram retirados, sendo que três destes lotes retirados correspondiam ao mesmo baú. Dois baús retirados retornaram ao mercado e acabaram por ser vendidos.

Entre os lotes de baús de arte namban que foram vendidos em mercado leiloeiro nacional, seis destes lotes atingiram preços de martelo compreendidos inferiores a €10.000 (entre €2.000 e €8.900), e os outros cinco foram vendidos por valores superiores a €10.000 (entre €12.500 e €16.000). Os baús namban que foram vendidos por preços mais baixos tinham dimensões reduzidas (inferiores a 50 cm de comprimento), enquanto os baús de maiores dimensões (superiores a 50 cm de comprimento) atingiram preços mais elevados. A única exceção é um lote correspondente a um baú vendido em 2002 pelo Palácio do Correio Velho, de 46 cm de comprimento, o qual foi vendido por €16.000. Este baú apresentava uma

decoração preenchida com painéis de pele de raia, o que pode explicar o seu valor de venda⁶⁹ (ver Figura 9 em Anexo II).

1.4. Caixas

Por caixas entende-se um recipiente com tampa plana removível ou de levantar de pequenas a médias dimensões, para o armazenamento de diversos objectos. Para esta análise vamos excluir as caixas para guardar hóstias (píxides), por serem objectos específicos de uso litúrgico, sobre as quais iremos falar no capítulo de Arte Kirishitan.

Por curiosidade, a caixa de “*toilette*” namban do Museu Nacional de Copenhaga, na Dinamarca, é o exemplar inventariado mais antigo que se conhece de uma peça de arte namban inventariada, constando no inventário de 1617 da colecção de Berhard Paludanus (Ferrão 1990, 235).

Conhecem-se poucos exemplares de caixas namban vendidas em mercado leiloeiro internacional (ver Tabela V em Anexo I). Uma caixa namban redonda com decoração *namban karakusa*, possivelmente para guardar golas de rufos, foi vendida pela Christie’s (Londres) por £89.500 (\$145.285) em 1999 (ver Figura 14 em Anexo II). Em 2003 foi vendida, na mesma casa-leiloeira, uma caixa namban de período tardio (meados do século XVII) com função de *necessaire* de viagem, por £9.560 (\$16.032) (ver Figura 15 em Anexo II). Em 2007 foi vendida, na mesma casa-leiloeira, uma caixa rectangular de cantos arredondados com pés, com um *mon* (escudo heráldico) na decoração da tampa, por £9.600 (\$19.006) (ver Figura 13 em Anexo II). Temos conhecimento de uma outra caixa, de forma rectangular com tampo de levantar e argola de pegar (caixa-cofre), leiloadada pela Christie’s (Londres) 23 de Junho de 1987.⁷⁰

Em Portugal (ver Tabela IV em Anexo I) foram leiloados quatro lotes com caixas namban, todas elas descritas como caixas-cofre (ver Figuras 16-18 em Anexo II). Destes, o lote que atingiu o valor de martelo mais elevado foi vendido em 2005 pelo Palácio do Correio Velho por €20.000; os outros lotes foram vendidos pela Cabral Moncada Leilões por €7.200 e €2.500 em 2006 e 2010, respectivamente. Apenas um lote foi retirado, em 1996, no Palácio do Correio Velho.

⁶⁹ Um cofre namban com este tipo de decoração vendido pelo PCV no dia 18 de Dezembro de 2012, de quase 40 centímetros de comprimento, também atingiu um preço de martelo elevado.

⁷⁰ Esta caixa encontra-se ilustrada em Impey, Jörg, 2005: 107, il. 181.

1.5. Cofres

Tal como foi explicado anteriormente em “Parte IV: 1.3. Baús” (ver pág.47), por cofres entendemos móveis de armazenamento com tampa de levantar abaulada, de dimensões inferiores a 400 milímetros. Os cofres podiam ser usados como objectos pessoais, para guardar jóias, para transporte de objectos pequenos, ou usados como oferendas em missões diplomáticas (Abreu, 2008).

Os cofres são a tipologia dominante no mercado internacional e nacional de arte namban (ver Tabelas VII e VIII em Anexo I). Em mercado leiloeiro internacional (ver Tabela VII em Anexo I) foram encontrados ao todo trinta e um lotes com cofres namban. No entanto, para efeitos de análise da pesquisa, foram excluídos deste estudo dois lotes com múltiplos objectos (i.e., lotes que correspondiam ao leilão de mais de um cofre namban). Deste modo, dos vinte e nove lotes de cofres namban leiloados em mercado internacional que vamos analisar aqui, apenas um foi retirado. Dos lotes que foram vendidos, apenas dois registaram valores de martelo superiores a \$20.000, ambos vendidos recentemente: um em 2007 e outro em 2011 (ver Figura 19 em Anexo II). Seguidamente, apenas três lotes de cofres namban foram vendidos por um valor de martelo compreendido entre os \$10.000 e os \$20.000 (um foi vendido em 1996 e os outros dois em 2005 e 2007). É interessante notar que, se analisarmos os valores de venda cronologicamente, podemos observar que a maior parte dos cofres namban leiloados entre os anos 1991 e 2003 atingiram um valor de martelo compreendido entre os \$3.000 e os \$6.000 (treze lotes entre um total de vinte e um lotes leiloados nessas datas). Entre os anos 2005 e 2011, os lotes com cofres namban foram vendidos por um mínimo de \$7.500 e um máximo de \$25.000.

Ao contrário dos baús namban, as dimensões do objecto não parecem influenciar o valor da venda dos cofres namban.

Em relação ao mercado nacional (ver Tabela VIII em Anexo I), encontramos um total de 24 lotes de cofres namban leiloados; 18 lotes vendidos e 6 retirados, sendo que um destes lotes retirados retornou ao mercado e acabou por ser vendido. Dentro dos lotes vendidos, a maioria atingiu um valor de martelo compreendido entre os €3.000 e os €8.000, sendo que oito foram vendidos por um valor de martelo entre os €4.800 e os €6.200. Apenas dois cofres foram vendidos por um valor inferior a €1.000. Um destes refere-se a um cofre vendido em 1987 pela Leiria & Nascimento, e o outro trata-se de um cofre em muito mau estado de conservação vendido pela Cabral Moncada Leilões em 2009 (ver Figura 22 em Anexo II).

O cofre que atingiu o valor mais elevado em mercado leiloeiro nacional (ver Cofre 7 da Tabela VIII em Anexo I), não só tinha dimensões grandes, como também era decorado com pele de raia a cobrir o exterior. Do mesmo modo, o baú que registou valor de martelo mais elevado em mercado leiloeiro nacional também apresentava uma decoração semelhante (ver Figura 9 em Anexo II).

1.6. Contadores

Os contadores, segundo Miguel Cabral de Moncada (2007: 30), são “*das mais características e importantes peças de mobiliário Lusíada, sendo através delas que este estilo mais se difundiu e deu a conhecer pelo mundo fora.*” São móveis de várias gavetas, de número variável entre seis e vinte dependendo da dimensão destas e da caixa em si (Abreu, 2008), e de forma paralelepípedica, para pousar em cima de outras superfícies ou suportes. Ao contrário do que acontece com outros contadores de vertente portuguesa, no Japão não eram fabricados suportes para este tipo de móveis (Impey, 1982).

Ao contrário dos escritórios, os contadores não têm tampo frontal de abater e as suas gavetas estão geralmente à vista. O contador namban mais antigo e inventariado que se conhece é o contador da colecção da Schloss Ambras no Museu Kunsthistorisches, inventariado em 1596 pelo Arquiduque Fernando II da Áustria, Conde de Tirol (1529 – 1595). Este contador apresenta nove gavetas à face da sua estrutura aparentemente todas iguais, sendo que duas são ilusórias. Este “*design*” é característico de muitos contadores de vertente portuguesa, mas estranhamente existem muitos poucos exemplares namban que seguem este modelo. Oliver Impey (1982, 128) sugere que os contadores namban que seguem este modelo, como o contador de Ambras, são os mais antigos (ver Figura 23 em Anexo II). É possível que no Japão, os contadores tenham rapidamente evoluído para escritórios e esta produção tenha sido mais abundante, o que explica a dificuldade em encontrar contadores namban no mercado, comparativamente com os escritórios namban.

O modelo de contador namban mais comum de se encontrar no mercado internacional, é o contador com duas portas (ver Figura 24 em Anexo II). Tanto Maria Helena Mendes Pinto (1990) como Oliver Impey (1981, 128) acreditam que esta forma surge numa fase final de permanência portuguesa no Japão. No entanto notamos que existe no entanto um contador com duas portas no Museu de Arte Namban de Ósaca, o qual foi exibido na exposição “Arte Namban” de 1973, e é ilustrado no respectivo catálogo (Tani e Sugase 1973, il.41), com uma

decoração muito semelhante à de um baú da colecção do Museu Isabella Stewart Gardner em Boston⁷¹, datável de 1606 segundo Martha Boyer.

Foram encontrados onze lotes de contadores de arte namban leiloados em mercado internacional (ver Tabela IX em Anexo I). Sete destes lotes foram vendidos, os restantes quatro foram retirados. Excluindo um lote de contador e dois cofres, o qual foi vendido por \$15.600 em 2007, quase todos os contadores namban vendidos em mercado leiloeiro internacional atingiram valores de martelo entre os \$8.200 e os \$11.300, sendo este último o valor mais elevado (vendido em 2008). Dois contadores de duas portas foram vendidos por valores de martelo baixos, c. \$1.500 e \$1.900, em 2006 e 1994 respectivamente.

Tal como acontece no mercado internacional, contadores namban não são das tipologias mais comuns de se encontrar no mercado leiloeiro português (ver Tabela X em Anexo I), especialmente quando os comparamos com os seus parentes mais próximos, os escritórios namban. Deste modo, em Portugal foi encontrado apenas o registo de quatro lotes de contadores namban leiloados, tendo apenas informação do valor de martelo de três destes lotes. Dois foram vendidos por €10.000 e um foi vendido por €2.000.

1.7. Escritórios

Os escritórios são móveis de armazenamento de várias gavetas, para pousar em cima de uma superfície ou de uma estrutura de suporte, e distinguem-se dos contadores por apresentarem um tampo frontal de abater. Miguel Cabral de Moncada afirma que as dimensões fazem parte das características intrínsecas dos escritórios, e que portanto, “*podem haver contadores com tampa de abater à frente das gavetas, como os «bargueños» espanhóis*” (2007: 30). No entanto, neste trabalho vamos considerar escritórios de grandes dimensões com um tampo frontal de abater como “escritórios”, da mesma maneira que consideramos contadores de dimensões reduzidas com gavetas à face como “contadores” (ex.: contador de Ambras). Abrimos exceção para uma variante de escritório fabricada sem tampo frontal de abater. Consideramos este móvel escritório, e não contador, por se assemelhar tipologicamente a outros escritórios pequenos que perderam o tampo frontal de abater. Note-se que este modelo de escritório fabricado sem tampo frontal de abater não é comum, sendo que no mercado leiloeiro apenas encontramos dois exemplares deste género. Um deles foi

⁷¹ Um baú de decoração de *mon* semelhante foi vendido pela Christie's em 2012 (ver figura 8 em Anexo II).

leiloado pela Christie's (Londres) a 17 de Abril de 2002 (lote 134, leilão 9299), e o outro foi leiloado pela Cabral Moncada Leilões em 1999 (ver Figura 30 em Anexo II).

Ao contrário dos contadores, os escritórios *namban* abundam no mercado de arte leiloeiro (ver Tabelas XI e XII em Anexo I). Dos trinta e sete lotes de escritórios *namban* com informação de venda que encontrámos no mercado leiloeiro internacional (ver Tabela XI em Anexo I), seis foram retirados, sendo que um voltou ao mercado no ano seguinte e foi vendido. O ano em que se leilou mais escritórios *namban* foi 1995 (dez escritórios *namban* leiloados, dentro dos quais sete vendidos).

Os escritórios *namban* atingem valores de martelo muito variados no mercado leiloeiro. A maioria destes lotes foi vendido por um valor de martelo entre os \$5.000 e os \$18.500. Apenas três escritórios foram vendidos por um valor relativamente baixo (inferior a \$4.000), todos estes leiloados na década de 1990. Do mesmo modo, apenas cinco escritórios foram vendidos por um valor relativamente alto (superior dos \$24.000). Um escritório de grandes dimensões, com decoração estilo *namban karakusa* e insígnia IHS ao centro, montado num suporte lacado, foi vendido por \$81.400 pela Christie's (Londres) em 2007, o valor de martelo mais alto que encontrámos (ver Figura 27 em Anexo II).

Encontrámos dezassete lotes de escritórios *namban* vendidos pela Cabral Moncada Leilões e pelo Palácio do Correio Velho (ver Tabela XII em Anexo I). Oito destes lotes foram retirados, sendo que três dos lotes retirados correspondiam ao mesmo objecto (que até ao momento da conclusão deste estudo, Dezembro de 2012, não foi vendido).

Os lotes que foram vendidos atingiram um preço de martelo muito variado, entre os €800 (em 2012) e os €28.000 (em 2004). Apenas quatro lotes foram vendidos por um valor de martelo inferior a €10.000, quase todos estes apresentando dimensões inferiores a 30,5 cm de comprimento (a única excepção é um escritório de 40,6 cm de comprimento, vendido em 1997 por €1.250). O lote que foi vendido pelo valor de martelo mais baixo (ver Escritório 15 da Tabela XVII em Anexo I) correspondia a um pequeno escritório de caixa cúbica, sem tampo de abater, encontrando-se em aparente mau estado de conservação. Quatro lotes foram vendidos por valores entre os €11.500 e €17.500. Um lote foi vendido por €28.000, em 2004, um valor de martelo bastante elevado, comparativamente. Este lote foi vendido pela CML e tratava-se de um escritório em óptimo estado de conservação, com decoração em estilo *namban karakusa* e dimensões relativamente grandes, de 43 x 63 x 34 cm (ver Figura 29 em Anexo II). Por alguma razão, o mercado não quis comprar o escritório de grandes dimensões (57,5 x 81 x 55 cm) leiloado pela CML no ano anterior (ver Figura 28 em Anexo II), talvez devido ao valor alto das estimativas.

1.8. Mesas

Tradicionalmente, os japoneses não usavam mesas nem cadeiras. A grande maioria das mesas luso-orientais fabricadas neste período seguiam modelos e proporções europeias, mas curiosamente, apenas uma mesa namban com proporções e escala europeia é conhecida, esta pertencente à coleção do National Museum em Warsaw (Impey, Jörg, 2005). As outras mesas namban conhecidas têm escala reduzida, indicando que a sua funcionalidade foi adaptada para as casas japonesas, visto que o uso de cadeiras não era costume e as pessoas sentavam-se no chão. No entanto, esta forma reduzida não só difere dos modelos ocidentais como também dos modelos japoneses, pois não se assemelham às tradicionais mesas japonesas *bundai*. É possível que estas mesas tenham sido executadas para uso doméstico de portugueses ou jesuítas instalados no Japão, com função de altar para oratórios de pousar, ou mesmo para senhores japoneses que igualmente apreciavam estes produtos exóticos (Impey e Jörg, 2005).

As mesas namban têm todas tampo rectangular e uma base constituída por dois cavaletes com uma travessa a unir as duas pernas, com uma altura aproximada entre os 30 e os 45 centímetros (com excepção da mesa da coleção do National Museum em Warsaw). Estas mesas apresentavam uma construção portátil, com pernas articuláveis que podiam ser rebatidas sobre o tampo por um sistema de fecho de gancho e argola em cobre dourado, permitindo a sua fácil arrumação (Abreu, 2008). A forma das pernas variava, podendo estas ser paralelipédicas, intrinsecamente esculpidas ou apresentar uma forma serpenteada.

Em termos de mercado leiloeiro (ver Tabela XII em Anexo I), a Christie's (Londres) vendeu uma mesa namban de 36,2 cm de altura a 16 de Novembro de 2000 por £14.100 (€20.078). A estimativa era de £12.000 - £15.000 (\$17.088 - \$21.360). A Bonhams (Londres) leiloou uma mesa de 35,8 cm de altura a 11 de Novembro de 2010, com uma estimativa de £12.000 - £15.000 (\$19.000 - \$24.000), mas não foi vendida (ver figuras 31 e 32 em Anexo II).

Em Dezembro de 1989, o Palácio do Correio Velho leiloou uma mesa em laca namban de dimensões 30,5 x 45,7 x 38,7 cm com uma estimativa de €5.000 - €6.500, mas não foi vendida (ver Figura 33 em Anexo II).

1.9. *Tabuleiros de jogo*

O jogo de gamão foi introduzido no Japão a partir dos portugueses (Ferrão, 1990: 295). Os tabuleiros de gamão, como o tabuleiro leiloado pela Christie's (ver Figura 34), eram de encomenda europeia e executados segundo modelos ocidentais (Welsh (ed.), 2003, p.72). Fora o exemplar vendido na Christie's, existem outros dois, um guardado no Museu de Arte Namban de Ósaca e outro numa colecção privada japonesa.

A Christie's (Londres) vendeu um tabuleiro de jogo de gamão de forma quadrangular a 03/04/2003, por £18,800 (\$29,460) contra uma estimativa de £1,500 - £2,000 (\$2,351 - \$3,134). Curiosamente, este mesmo tabuleiro de jogo foi leiloado uns anos antes na mesma casa a 17/11/1999 com uma estimativa de cerca de \$17,000 - \$24,000, mas não foi vendido⁷² (ver Tabela XIV em Anexo I), talvez pelo seu mau estado de conservação (ver Figura 24 em Anexo II).

1.10. *Ventós*

Às vezes designado por “pequeno *cabinet*”, “pequeno contador”, “pequeno escritório”; os ventós são móveis de gavetas cujo acesso ao interior se dá por uma porta lateral numa das faces mais curtas. São móveis geralmente pequenos, cujo espaço de armazenamento se caracteriza pela sua profundidade. Miguel Cabral de Moncada (2007: 32) descreve-os como uma “*criação própria do estilo Lusíada*”.

Os ventós com laca namban são extremamente difíceis de se encontrar no mercado leiloeiro internacional e nacional. Podemos afirmar que se trata de uma tipologia de arte namban rara. Através da Artfact foi possível saber que a Sotheby's (Nova Iorque) leilou um ventó namban no dia 19 de Novembro de 1998 com uma estimativa de \$15.000 - \$20.000, mas o lote foi retirado (lote 1297). Em Portugal, o único ventó namban que encontramos no mercado leiloeiro foi vendido pela Aqueduto por €500 (com uma base de €400) no dia 28 de Fevereiro de 2012 (leilão XXV, lote 420). Este vento encontrava-se em péssimo estado de conservação, o que certamente explica o valor baixo da venda.

⁷² Informação obtida através da Artfact.

1.11. Outros objectos

Para além das tipologias de arte namban documentadas, este estudo permitiu-nos descobrir outras tipologias, vendidas em mercado leiloeiro internacional, sobre as quais não existem informação de estudos académicos (ver Tabela XV em Anexo I). Temos informação de uma moldura para espelho em laca namban foi vendida na Christie's a 18 de Junho de 2003 (ver Figura 35 em Anexo II). Uma peculiar estrutura em madeira talhada e laca namban⁷³ foi vendida na Christie's (Nova Iorque) a 22 de Setembro de 2004 (ver Figura 37 em Anexo II).

Outra tipologia de arte namban com raros exemplares sobreviventes diz respeito a *tokkuri* (garrafas de *sake*). Encontrámos informação de venda de um par de *tokkuri* pela Christie's (Londres) a 16 de Junho de 1997 (ver Figura 36 em Anexo II).⁷⁴

2. Lacas Kirshitan

2.1. Oratórios

Os oratórios são móveis de carácter religioso e de dimensões portáteis, construídos para guardar e/ou expôr uma pintura, escultura ou relíquia. A maioria dos oratórios namban que se conhece são rectangulares, com duas portas que se abrem para revelar uma pintura ou escultura no interior. Estes oratórios são frequentemente encimados por frontões triangulares ou recortados, de conotação arquitectónica em forma de capela, podendo funcionar como mini-altares portáteis. As pinturas religiosas no interior dos oratórios são sempre de estilo ocidental, a óleo sobre cobre, e os temas mais comuns são Nossa Senhora, São José, o Menino Jesus ou São João Baptista.⁷⁵

⁷³ A cama namban exibida pelo Museu Oriente na exposição “Encomendas Namban: Os Portugueses no Japão da Idade Moderna” (18 de Dezembro de 2010 a 31 de Maio de 2011), apresenta um trabalho de talha e laca e muito semelhante a este objecto. É possível que estas duas peças estejam relacionadas com um mercado Indo-Japonês durante a intervenção portuguesa.

⁷⁴ Para mais informações sobre este objecto, ver Jorge Welsh (2008), *Depois dos Bárbaros II*, pp.200-202.

⁷⁵ Pedro Dias (2008) argumenta que muitas destas pinturas religiosas a óleo têm a sua origem possivelmente em Portugal, e não são propriamente da oficina de Giovanni Niccolo no Japão como outros historiadores assumem, devido à qualidade reduzida de muitas delas e à presença de mãos diferentes. Neste caso, as pinturas teriam chegado ao Japão por meio dos padres da Companhia de Jesus e reaproveitadas na construção dos oratórios. Alexandra Curvelo (2007) avança ainda que a qualidade superior de algumas pinturas destes oratórios podem ter origem no contexto da Nova Espanha, e que a sua encomenda neste caso podia não ser atribuída exclusivamente à ordem dos jesuítas mas também à ordem dos franciscanos.

Encontrámos cinco oratórios vendidos através da Christie's e um retirado (ver Tabela XVI em Anexo I), sendo que este voltou o mercado e foi vendido por \$127.000 (este oratório encontra-se actualmente na colecção do Peabody Essex Museum). Os restantes oratórios foram vendidos por valores acima dos \$50.000, com excepção de um, vendido apenas por \$14.297, de decoração de estilo tardio (ver Figura 40 em Anexo II). É interessante notar que, apesar deste oratório ter sido vendido por um valor de martelo comparativamente baixo, pode-se tratar de um raro exemplar de oratório namban produzido num período após a expulsão dos missionários do Japão.

Sabe-se também que um outro oratório incomum, em forma de tabernáculo octogonal, com 58 cm de altura e executado em madeira talhada lacada ao estilo namban, foi vendido na Christie's (Londres) a 12-13 de Novembro de 1996, tendo uma estimativa de £40.000 - £60.000 (ver Figura 38 em Anexo II). Segundo Miguel Cabral de Moncada, este oratório pertencia a uma senhora portuguesa e foi vendido por £205.000. Actualmente, este oratório pertence à colecção de Arte Japonesa do Peabody Essex Museum (Salem, MA).

Em Portugal, apenas encontrámos três oratórios de decoração dita namban no mercado leiloeiro. O primeiro foi comprado pela Dinastia algures entre 1973 e 1991 (ver Figura 41 em Anexo II). O segundo foi leiloadado pela Leiria & Nascimento a 24 de Maio de 1990 (lote 192), mas não temos informação sobre o valor das estimativas nem sobre o preço de martelo. O segundo, um oratório de viagem de formato incomum, foi leiloadado pelo Palácio do Correio Velho em Maio de 1998 com uma estimativa de €10.000 - €15.000, tendo sido vendido por €18.000 (ver Figura 42 em Anexo II).

2.2. Estantes de missal

As estantes de missal são talvez dos objectos mais comuns de toda a gama de mobiliário litúrgico luso-oriental. Todas as igrejas fundadas pelos missionários jesuítas tinham pelo menos uma, e é provável que mesmo outras igrejas de outras ordens religiosas as tivessem, devido à sua relativa abundância em colecções públicas e privadas (Dias, 2008). De forma rectangular, com a face frontal ricamente decorada, a prateleira lisa e os pés recortados, a sua função principal é a de suporte de um Missal⁷⁶, e todas elas apresentam dimensões reduzidas e portáteis. Foram provavelmente adaptadas de modelos islâmicos feitos para a leitura do Corão,

⁷⁶ Livro de oração usado tradicionalmente na missa de rito romano.

mas sofreram uma modificação no ângulo dos pés, de modo a poder pousar os livros numa posição bem mais vertical como ditava o uso ocidental (Abreu, 2008).

A maioria das estantes de missal namban apresenta a insígnia IHS destacada ao centro da decoração, mas algumas estantes de missal de período tardio não possuem a insígnia jesuíta ou qualquer outro símbolo cristão. Este pormenor pode reflectir na estimativa e no preço do martelo (ver Figura 43 em Anexo II).

Encontrámos seis lotes de estantes de missal namban no mercado leiloeiro internacional (ver Tabela XVII em Anexo I), todos vendidos na Christie's (Londres), cinco dos quais possuíam a insígnia IHS destacada ao centro da decoração, e um, lacado em estilo *kodaji maki-e*, que não possuía insígnia. Este último atingiu um valor de martelo bastante mais baixo em relação aos outros lotes, tendo sido vendido por £8.963 (\$15,084) (ver Figura 43 em Anexo II). As outras estantes de missal namban foram vendidas por um valor de martelo entre os \$42.600 e os \$142.800, sempre superior ao valor da estimativa máxima.

Em Portugal apenas encontrámos uma estante de missal namban vendida na Cabral Moncada Leilões a 5 de Novembro de 2007 por €30.000, o valor da estimativa mínima (ver Figura 45 em Anexo II).

2.3. *Píxides e caixas de hóstias*

As píxides e caixas de hóstias namban são quase sempre cilíndricas, mas existem também exemplares de píxides de formas ovais ou mais achatadas. Geralmente apresentam a insígnia jesuíta destacada no centro da decoração da tampa. Para além de guardar hóstias, podiam servir também para guardar incenso (Abreu, 2008). É possível que muitas destas caixas tenham sido levadas para Macau por japoneses cristãos refugiados, e as que sobreviveram no Japão tenham sido adoptadas para outros usos, profanos ou budistas (Dias, 2008).

As píxides são dos objectos de arte Kirishitan mais difíceis de se encontrar no mercado leiloeiro, pois só encontrámos dois lotes de píxides ditas namban, ambos vendidos na Christie's (ver Tabela XVIII em Anexo I). O primeiro consiste numa píxide de decoração em estilo *nanban karakusa*, semelhante à da píxide namban preservada no MNAA, mas sem a insígnia IHS. Foi um lote vendido na Christie's (Londres) a 8 de Novembro de 2006 por £600 (\$1.142) contra uma estimativa de £800 - £1.000 (\$1.522 – \$1.903) (ver Figura 47 em Anexo II). Este valor baixo pode ter a ver com o facto de esta caixa não apresentar a insígnia IHS,

mas é possível que a insígnia tenha existido e eventualmente tenha sido apagada, como consequência das perseguições cristãs durante o regime de Tokugawa. O segundo lote trata-se de uma caixa lacada com uma decoração invulgar, não apresentando motivos decorativos namban comuns (ver Figura 46 em Anexo II). A Christie's classificou esta caixa como píxide namban, e vendeu-a a 21 de Setembro de 2006 por \$30.000, o valor da estimativa mínima.

Não foram encontradas píxides namban vendidas em Portugal.

3. Lacas namban para o mercado japonês

3.1. Caixas para guardar material de escrita e documentos

A caligrafia sempre foi parte importante e imprescindível da cultura japonesa, e a arte de escrever estava directamente relacionada com o *status* da pessoa. A decoração das caixas concebidas unicamente para guardar material de escrita e documentos, como as *fumibako* (também conhecidas como *fubako*) e as *suzuribako*, era de elevado requinte e cuidado, pois estes objectos destinavam-se a pessoas educadas, e portanto, de classe superior.

Tanto as *fumibako* e as *suzuribako* namban são objectos raros, e portanto, escasseiam no mercado leiloeiro (ver Tabela XIX em Anexo I).

As *fumibako* são caixas compridas rectangulares, feitas para armazenar cartas ou outros documentos. Encontrámos uma *fumibako* dita namban leiloadada com uma decoração geometrizada que combina desenhos de *shima* (linhas paralelas), enrolamentos de gavinhas e *shippo-tsunagi* (malha entrelaçada), com motivos decorativos japoneses (ver Figura 48 em Anexo II). A caixa de 21,5 x 6,5 cm foi vendida na Christie's (Londres) a 16 de Junho de 1997 por £7.475 (\$12.227). Como já foi referido anteriormente em “Parte II: Lacas namban - 3. Lacas namban para o mercado japonês” (ver pág. 22), este tipo de decoração pode ter origem na indumentária e têxteis do Sudoeste Asiático e Médio Oriente comercializados pelos portugueses no Japão. Por curiosidade, o Museu de Arte Namban em Ósaca tem uma *fumibako* com uma decoração semelhante a esta leiloadada pela Christie's na sua colecção.⁷⁷

As caixas-escrivãinha ou *suzuribako* namban que se conhece apresentam geralmente forma quase quadrangular, com uma pedra de tinta e um recipiente para água com gotejador no lado esquerdo e uma bandeja amovível para pôr pincéis do lado direito. Conhecem-se

⁷⁷ Para mais informações sobre este objecto, ver Jorge Welsh (2008), *Depois dos Bárbaros II*, pp.208-211

alguns exemplos de *suzuribako*, quase todos preservados em colecções japonesas (Impey e Jörg: 2005). O Museu do Caramulo tem uma *suzuribako* quase quadrangular na sua colecção, com decoração geometrizada no exterior e representação figurativa de *nanban-jin* no interior. O *site* online da Christie's tem registado a venda em 17 de Setembro de 1997 (lote 71, leilão 8732) de uma *suzuribako* com decoração figurativa *nanban-jin* por \$29.900, mas não foi possível obter uma imagem digitalizada da mesma.

3.2. Polvorinhos

Os polvorinhos, tal como as armas de fogo, foram introduzidos na população de Nagasáqui através dos portugueses e fabricados em massa no local para fins militares. Matsuda (1965) refere também que uma grande quantidade de pólvora foi trazida para o Japão e oferecida pelos portugueses. O polvorinho do Museu Nacional de Arte Antiga, com figuras de *nanban-jin* na decoração, é o objecto mais representativo da colecção de laca namban do museu. Quando todos os outros polvorinhos namban são de madeira lacada, mas sabe-se que a Jorge Welsh Oriental Porcelain and Works of Art vendeu um raro polvorinho namban em couro (Moore, 2010) (ver Figura 50 em Anexo II).

Encontrámos apenas um polvorinho namban, datável de inícios do século XVII, leiloado pela Christie's (Londres) a 19 de Junho de 1997 por uma estimativa de £5.000 - £6.000 (\$8.300 - \$9.900), mas foi retirado. É possível que a descrição do catálogo, que denunciava a decoração do objecto como sendo posterior, tenha desmotivado possíveis compradores (ver Figura 49 em Anexo II).

3.3. Selas e estribos

As selas japonesas “*distinguiam-se pela sua leveza e método simples de construção. Estas selas eram normalmente feitas em madeiras duras, como carvalho ou bordo, e a estrutura de madeira consistia de apenas quatro peças habilidosamente moldadas – dois painéis transversais para o assento, e painéis frontal e traseiro arqueados para a maçaneta e patilha – unidas por junta e respiga e mecha amarradas com cordões de cânhamo ou de couro. No dorso do cavalo era colocada uma almofada macia e espessa, em tecido ou pele de veado curtida, para amortecer o peso e arestas aguçadas da sela de madeira*”. (vide ed. Jorge Welsh e Luísa Vinhais, 2008, pp.97-98)

Os estribos japoneses têm uma forma que se manteve praticamente inalterável desde o Período Heian (794-1185), e Bernardo Ferrão (Távora, 1981: 18) descreve-os como sendo “lobulados” de “*hastes inclinadas, com argolas e gancho para prender os «loros»*”. Este formato permite um melhor apoio do pé e estabilidade para o cavaleiro se poder erguer durante o combate. A estrutura era em ferro ou aço, forjados na parte exterior com painéis bojudos e forrados no interior a madeira lacada a vermelho, negro, ou mais raramente, o interior tauxiado a madrepérola. Como nas selas, a decoração namban mais comum é a figuração de *nanban-jin* pintados no exterior.

Com as regulamentações impostas pelo regime de Tokugawa nas classes sociais, a partir do período Edo, só a classe militar passou a estar autorizada a possuir um cavalo, e a ornamentação dos arreios passou a ser regulada de acordo com a classe social do guerreiro (Welsh e Vinhais (eds.), 2008).

Os estribos vendem-se geralmente aos pares. No mercado leiloeiro internacional (ver Tabela XX em Anexo I), encontrámos três lotes de pares de estribos namban, e um lote de um estribo namban sem par, todos vendidos na Christie’s (Nova Iorque). Dentro dos lotes referentes a par de estribos namban, o lote que atingiu valor mais alto por \$108.000 em 2005, tratando-se da única peça com uma assinatura (ver Figura 52 em Anexo II). O valor mais baixo pertence a um par de estribos vendido em 2006 por \$24.000. Este par de estribos encontrava-se em pior estado de conservação comparativamente com os outros leiloados, o que pode explicar o valor do martelo. O único lote de estribo namban sem par foi vendido a 21 de Setembro de 2006 por \$18.000.

Encontrámos também informação da venda de uma sela namban, foi vendida em 1996 pela Christie’s (Londres) por \$7.800. Esta é a única sela em laca namban, sem estribos, de que temos conhecimento da sua venda em mercado público.

Por fim, um conjunto de sela e estribos namban foi vendido pela Christie’s (Nova Iorque) no dia 28 de Março de 2006 por \$72.000, após ter sido retirado em leilão no ano anterior (ver Figura 51 em Anexo II). Este conjunto diz respeito a um exemplar ornamentado a laca vermelha e incrustações de madrepérola aparentemente raro (Welsh e Vinhais (eds.) 2008, 102).

Em Portugal (ver Tabela XXI em Anexo I), foram leiloados quatro e vendidos três lotes de pares de estribos namban, todos através Cabral Moncada Leilões. Um destes lotes leiloados foi retirado a 1 de Junho de 2011, tendo retornado ao mercado em Dezembro do mesmo ano. O valor de martelo mínimo que atingiram foi de €3.000, em 2006, e o máximo de €4.000, em 2011.

Não encontramos selas namban nem conjuntos de sela e estribos em laca namban que tenham sido leiloados em Portugal.

4. Pintura namban

4.1. Biombos namban com representação de nanban-jin

Não se conhecem exemplares de biombos namban que tenham alguma vez passado pelo mercado leiloeiro português, mas conhecem-se exemplares suficientes vendidos na Christie's que podem dar uma estimativa aproximada do seu valor no mercado internacional (ver Tabela XXII em Anexo I). Para efeitos de comparação, o especialista Katsura Yamaguchi da Christie's, citado por Isabel Andrews (2009), avalia de forma geral os biombos do século XVII japonês de boa qualidade entre \$150.000 e \$300.000. Os biombos namban que se venderam em mercado leiloeiro atingiram um valor de martelo compreendido entre os \$440.000 e os \$660.000, a maioria abaixo da estimativa máxima. Apesar de os biombos namban de seis folhas (painéis) serem sempre executados aos pares, às vezes podem aparecer biombos sem o par no mercado. No entanto, lotes de biombos namban sem par atingem valores de martelo semelhantes aos lotes de pares de biombos namban. Embora outros lotes tenham sido atribuídos a escolas (de Kanō e de Tosa), não existe informação de estes apresentarem selos. As nossas pesquisas revelaram também dois lotes de biombos de duas folhas (dois painéis) que não foram vendidos, mas desconhecemos se estes voltaram ao mercado. O único lote de biombo de duas folhas de que temos conhecimento de ter sido vendido em mercado público, foi vendido em 1971 (ver Figura 53 em Anexo II).

Todos estes lotes foram leiloados em Nova Iorque, na Christies's e na Sotheby's, com exceção do biombo do século XVIII leiloado em Londres em 2003, através da Christie's. Este biombo foi vendido por um valor comparativamente baixo (\$55.300), muito provavelmente por se tratar de um biombo de período bastante tardio (século XVIII).

Embora os biombos namban, datáveis dos séculos XVI e XVII, leiloados em mercado internacional atingirem geralmente valores de martelo compreendidos entre os \$440.000 e os \$660.000, como já foi referido, existe uma exceção. Um par de biombos com selo da escola de Kanō Naizen, de qualidade excepcional, ao nível dos biombos atribuídos a Kanō Naizen do MNAA, foi vendido por \$4.786.500, um valor recorde para qualquer biombo de origem

japonesa vendido em leilão. O leilão deste biombo foi acompanhado por um longo artigo sobre o mesmo pago pela Christie's, o que terá certamente contribuído para sua a valorização.

4.2. Biombos cartográficos

A Christie's (Londres) vendeu no dia 13 de Setembro de 2006 um par de biombos cartográficos de seis folhas por £66,000 (\$120.978). A decoração representava a linha costeira de Osaka até Nagasáqui, e nela vê-se um barco europeu a chegar às costas de Nagasáqui (ver Figura 56 em Anexo II). Estes biombos já tinham antes sido levados a leilão em 9 de Novembro de 2005, mas foram retirados.⁷⁸

5. Escultura namban

5.1. Esculturas cristãs

Não encontramos informação sobre esculturas namban vendidas em mercado leiloeiro internacional. No entanto, apesar de não se inserirem no conceito de “escultura namban” propriamente dito, achamos interessante referir aqui uma pedra de forma circular com uma cruz esculpida em baixo-relevo numa das faces e um carácter sânscrito talhado na outra face, vendida na Christie's em 2006 por \$4.800 (ver Figura 57 em Anexo II). Esta pedra foi provavelmente usada por *Kakure Kirishitan* (cristãos escondidos) como objecto litúrgico.⁷⁹

Em Portugal, alguns Meninos-Jesus deitados em marfim passaram por casas leiloeiras (ver Tabela XXIII em Anexo I), mas continua a existir dificuldade em identificar a sua origem, podendo ser sino-portugueses, cingalo-portugueses ou namban. De qualquer modo, encontramos seis lotes de Meninos-Jesus em marfim, com possibilidade destes serem de origem japonesa, vendidos no Palácio do Correio Velho e na Cabral Moncada Leilões. O primeiro era uma escultura de 16,7 cm vendida em 1996 por €6.900 e o segundo, vendido em 2005, era uma escultura de 19 cm vendida por €2.800. Em 2006 foram vendidas três esculturas, de dimensões entre 22 e 24,5 cm, atingindo valores entre €12.000 e €14.000. Em 2012 a CML vendeu um Menino-Jesus de 17 cm por €10.500.

⁷⁸ Para mais informações sobre este objecto, vide Welsh e Vinhais (eds.) (2008), pp.152-179

⁷⁹ Para mais informações sobre este objecto, vide Welsh e Vinhais (eds.) (2008), p.282

5.2. *Esculturas profanas*

Talvez por falta de estudos especializados ou pela raridade das peças, é difícil encontrar este género de esculturas no mercado leiloeiro.

A Bonhams vendeu em 2011 uma pequena escultura de bronze com função de incensório representando um *kara-inu* (cão estrangeiro), por \$14.640 (ver Figura 59 em Anexo II). Além dos *nanban-jin*, os cães de raça europeia, principalmente da raça Matiff e Hound (cães de sala), também se tornaram tema de representação figurativa. O Japão não tinha cães grandes até ao primeiro contacto com os europeus. Estes, designados de *kara-inu*, tornaram-se extremamente populares no final do período Momoyama. No início do período Edo começaram-se a fazer grandes importações de *kara-inu* da Europa, usados como cães de caça ou cães de guarda pelos *daimyo*. Os *kara-inu* são representados nos biombos *namban* e também nas lacas japonesas ao lado dos mercadores portugueses.

Em 2006 a Cabral Moncada Leilões vendeu uma escultura de madeira bifronte (ver Tabela XXIV em Anexo I) representado um mercador português e um jesuíta, por €1.000, o valor da estimativa mínima (ver Figura 60 em Anexo II). Esta escultura foi novamente leiloadada em 2011 e outra vez em 2012, tendo sido retirada.

6. *Outros objectos namban*

Neste capítulo vamos apenas referir alguns exemplos ilustrativos da diversidade de objectos *namban* que existem no mercado de arte. Por serem objectos de áreas de estudo específicas, não fizemos um levantamento de dados exaustivo.

6.1. *Aprestos militares*

6.1.1. *Kabuto (capacetes)*

O capacete de um *samurai* era geralmente produzidos em ferro forjado, e “*era considerado a parte mais importante de uma armadura de defesa, sendo o casco do capacete (hachi) a parte mais difícil de fabricar*” (vide eds. Jorge Welsh e Luísa Vinhais, 2008, p.102).

Segundo os mesmos autores, no período Momoyama, o desenho dos capacetes desenvolveu-se em formas completamente espampanantes, a ser usados pelos generais militares de modo a destacá-los no campo de batalha. Tal como os produtos comercializados pelos portugueses, as armaduras eram bem apreciadas pelos senhores guerreiros como objectos exóticos. Trajes e aprestos militares estrangeiros ou de estilo “*nanban*” tornaram-se moda durante o século *nanban*, e até o Imperador Toyotomi ficou conhecido pelo seu amor às coisas estrangeiras, aparecendo muitas vezes vestido à moda europeia.

A Christie's de Nova Iorque leiloou a 23 de Outubro de 2009 dois elmos italianos adaptados ao *kabuto*⁸⁰, vendendo cada um por \$62.500, com uma estimativa de \$60.000 - \$80.000 (ver Figura 61 em Anexo II).

6.1.2. *Koshirae* (guarnições de espadas de samurai)

Uma *mino wakizashi* (tipo de espada japonesa) foi vendida na Christie's (Nova Iorque) em 2009 por \$13,750, onde a guarnição tanto do punho como da bainha era decorada com motivos *nanban*, retratando grupos de *nanban-jin* com um elefante e uma nau (ver Figura 62 em Anexo II).

6.1.3. *Tsuba* (guardas de espada)

Existem algumas *tsuba*, ou guardas de sabre japonês, de inspiração decorativa *nanban*. A grande dificuldade em identificá-las no mercado está na confusão do termo “*nanban*”, que para os japoneses também significa ferro de origem estrangeira (provavelmente importado da Malásia ou Java). Por outro lado, na história da arte militar japonesa o termo “*nanban*” é comumente referido à escola estilística que engloba um conjunto diverso de estilos decorativos, todos de influência ou inspiração estrangeira (europeia, indiana, e sobretudo chinesa) que caracterizam diversas *tsuba* produzidas entre inícios de 1600 e finais do século XIX (Stein, 1994 – 2013). A maioria das *tsuba* *nanban* reconhecidas pela sua decoração de óbvia influência ocidental, ou resultante do contacto com mercadores europeus, parece vir da Companhia das Índias holandesa, que desde o estabelecimento de uma feitoria em Hirado

⁸⁰ “An Italian cabasset with rising brim at fore and rear in the style of the Spanish morion, adapted by the addition of a Japanese koshi-ita to accommodate a shikoro; the bowl embossed and etched with four panels containing Renaissance armorial motifs (...)” (Christie's, Lote 56, Leilão nº2378 “Arts of the Samurai”, Nova Iorque, 2009)

(1609) desenvolveu um papel crucial na manufatura de armas de guerra assim como importação de guardas de sabre da Índia no Japão, cujos modelos foram copiados pelos artistas de Nagasáqui (Lidin, 2002). É comum as *tsuba* comercializadas pelos holandeses apresentarem a insígnia da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (VOC). O porto de Nagasáqui também era local de entrada de muitos produtos chineses, nomeadamente guardas de sabre chinesas, e muitos autores atribuíram erroneamente o estilo namban das *tsuba* fabricadas em Nagasáqui à influência directa das artes europeias devido às semelhanças entre os estilos decorativos (Lissenden, 2002). Por último, muitas influências estrangeiras continuaram a verificar-se na decoração das *tsuba* mesmo durante o regime de isolamento da era de Tokugawa, devido ao comércio da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (VOC) na província de Hizen.

Neste projecto vamos apenas referir dois exemplos ilustrativos de *tsuba* cuja decoração apresenta óbvias influências portuguesas que passaram por casas leiloeiras. Uma *tsuba* de ferro, com decoração em relevo representando um barco europeu tripulado foi vendida na Bonhams (Londres) por £1.560 a 12 de Novembro de 2008 (ver Figura 63 em Anexo II). A Bonhams de Nova Iorque vendeu a 16 de Setembro de 2009 uma *tsuba* com decoração representando portugueses envoltos em *karakusa* (arabescos de vinhas entrelaçadas), por \$5.490 (ver Figura 64 em Anexo II).

6.2. *Fumi-e*

A palavra *fumi-e* traduz-se em “pisar imagens” e é usada para descrever o grupo de placas com imagens de Cristo ou da Virgem em cobre ou bronze gravado, inicialmente usadas como imagens de devoção, e usadas pelas autoridades de Tokugawa durante as perseguições cristãs para a identificação de cristãos. Periodicamente obrigavam os locais a pisar estas placas para provar que eram cristãos. Esta cerimónia terá começado algures entre 1629 e 1634 (Kaufmann, 2004), e mais tarde sistematizada com a instituição do “Shumon Aratame Yaku” ou Inquisição do Japão, em 1640. Esta cerimónia de pisar *fumi-e* só foi abandonada em 1856, quando o Japão acabou com a política de isolacionismo e voltou a permitir a entrada de estrangeiros.

A sua composição seguia modelos de placas ibéricas, que seriam muito populares em Portugal na época (Dias, 2008), e que poderiam ter sido trazidas ao Japão por Jesuítas ou Franciscanos. Muitas destas placas eram montadas em blocos de madeira. As *fumi-e* não se

inserir no conceito de arte *namban* propriamente dito, mas foram fabricadas no mesmo contexto histórico, como reacção contra a cultura *namban*.

A Christie's vendeu em 2010 uma *fumi-e* de forma oval com a imagem da Virgem, montada numa placa de madeira, por \$10.000 (ver Figura 65 em Anexo II). Em 2011 vendeu outra *fumi-e*, esta em bronze dourado com a imagem de Cristo Crucificado, montada numa placa de madeira, por \$27.500 (ver Figura 66 em Anexo II).

6.3. *Inrō*

“O *inro*, composto por secções sobrepostas que encaixam uma nas outra e em que se podia transportar o selo e uma almofada de tinta ou medicamentos, é um exemplo notável da necessidade de adaptação ao vestuário, neste caso ao kimono, o traje tradicional japonês cuja ausência de bolsos determinou o aparecimento de objectos para o transporte de utensílios de uso diário.” (Curvelo, 2001: 47)

Estas pequenas caixas, a maioria delas lacadas, eram acompanhadas por uma missanga chamada de *ojime*, que mantinha os diversos compartimentos dos *inrō* fechados e presos, e por um *netsuke*, uma escultura em miniatura geralmente esculpida em marfim, madeira ou mais raramente, porcelana, que prendia as pontas do cordão e mantinham o *inrō* preso às roupas do dono. Os *inrō*, assim como as *netsuke* e *ojime*, são objectos representativos da arte japonesa do período Edo, pois a sua produção através de escolas de artífices especializados só começou neste período.

Existem uns poucos exemplares do início do século XVII com decoração representando *nanban-jin*, todos em colecções museológicas, mas algumas dos séculos XVIII e XIX passaram por casas leiloeiras (ver Figura 68 em Anexo II).

Após a expulsão dos portugueses e a proibição de cristianismo promulgada por Tokugawa, muitos cristãos continuaram a praticar a fé em segredo. Chamados de “*Kakure Kirishitan*” (Cristãos escondidos), podiam trazer consigo, escondidas dentro dos seus *inrō*, placas devocionais com imagem da Virgem ou de Cristo. Um exemplo de um *inrō* lacado ao gosto pictórico da arte nipo-holandesa, com um *ojime* esculpido em forma de cruz e uma *netsuke* em porcelana representando um barco europeu, contendo no interior uma pequena placa devocional, foi vendido na Bonhams (Nova Iorque) em 2009 por \$20.740 (ver Figura 67 em Anexo II).

6.4. Cerâmica

Infelizmente, o tema da cerâmica na arte namban está mal estudado. Sabe-se da existência de dois *tokkuri* de cerâmica com decoração de *nanban-jin* existentes na colecção do Metropolitan Art Museum, mas não existem estudos publicados sobre estes.

Não existem registos dos portugueses terem comercializado cerâmica ou porcelana no Japão. A porcelana mais estimada era encomendada da China. Quando o Japão começou a exportar a sua própria porcelana, os portugueses já teriam sido expulsos do Japão e os holandeses já teriam tido tomado controlo do comércio entre Nagasáqui e Europa.⁸¹ Sabe-se que Portugal encomendou um serviço armoreado em porcelana japonesa à Companhia das Índias no século XVIII. Pelo menos três pratos deste conjunto apareceram em leilão (ver Figura 69 em Anexo II), e o MNAA tem outro exemplar na sua colecção, o qual foi adquirido através da leiloeira Dinastia.

6.5. Diversos

6.5.1. Espelho de cabo

Um espelho de uma só peça em bronze com representação duas figuras de *nanban-jin* em baixo-relevo na face posterior, foi vendido na Christie's (ver Figura 70 em Anexo II). Tem uma assinatura inscrita, que levou a Christie's a datar a sua produção algures no Período Edo, entre os inícios de 1600s e 1668.⁸²

6.5.2. Namban boshi

Este objecto é único, pois não conhecemos outro exemplar semelhante. Consiste num capacete feito em papel *washi* e laca negra com apenas um *mon* a dourado de uma família japonesa ao centro. A forma deste capacete não é japonesa, e parece ter sido inspirada nos

⁸¹ A porcelana só entrou no Japão após as campanhas de Hideyoshi na Coreia. Oleiros coreanos como Ri Sampei foram trazidos para o Japão e instalaram-se em Arita, na província de Hizen, onde descobriam filões de caulino no vale de Tengudani, e começaram a fabricar peças de porcelana no início de 1600. A exportação de porcelana da província de Hizen só terá começado em finais do século XVII, através de juncos chineses e navios holandeses (Nogami 2006, 124).

⁸² Para mais informações sobre este objecto, ver Jorge Welsh (2008), *Depois dos Bárbaros II*, pp.146-150.

chapéus usados pelos mercadores portugueses na época. Antes de ser adquirido pelo Museu do Oriente (Lisboa), onde neste momento se encontra, foi vendido em 21 de Março de 2000 pela Sotheby's Nova Iorque por \$68.500 (ver Figura 71 em Anexo II).

6.5.3. Taça

Uma peculiar taça lacada, com incrustações de madrepérola e selo japonês na base, com decoração muito peculiar, de origem possivelmente namban⁸³, foi vendida na Cabral Moncada Leilões por €5.500 a 29 de Setembro de 2009. A estimativa inicial era de €800 - €1.200 (ver figura72 em Anexo II).

⁸³ Existem dúvidas em relação à origem desta teça. Embora esteja catalogada como “namban” no catálogo da CML, e a sua decoração apresentar semelhanças com a decoração da lacas indo-portuguesas, é também possível que esta taça seja de origem coreana. Influências da arte coreana na arte japonesa fizeram-se sentir através das invasões japonesas à Coreia no final do século XVI (1592 – 1598).

CONCLUSÃO

A “arte namban” tem considerável presença no mercado da arte leiloeiro, mas também é um tema da história da arte que continua a carecer de estudos compreensivos e completos. A maior parte da informação sobre este tema está segmentada em estudos dedicados apenas a um pequeno conjunto de objectos, principalmente biombos e lacas. Embora exista bastante informação detalhada sobre a presença portuguesa no Japão, do ponto de vista histórico e documental, como por exemplo, a tese de doutoramento de Alexandra Curvelo, os estudos que se interessam pela identificação, descrição, peritagem e colecionismo de objectos de arte namban continuam a ser escassos e incompletos. Pedro Dias (2008) denuncia, por exemplo, a falta de estudos na temática de escultura namban, e não existe nenhum estudo exaustivo sobre arte namban que englobe também a fraca, mas existente, produção de porcelana namban e que explique a existência de dois *tokkuri* de cerâmica com decoração de *nanban-jin* no Metropolitan Art Museum.

A escassez de estudos sobre arte namban, juntamente com o facto de que a maior parte destes estarem segmentados e dispersos em diversas fontes bibliográficas, algumas destas apenas disponíveis na língua portuguesa, pode dificultar o acesso de peritos e avaliadores à informação, e, conseqüentemente, pode originar imprecisões de descrições e avaliações incorrectas do objecto. Este parece ser o caso da píxide leiloadada pela Christie’s em 2006 por um valor bastante baixo por não ter o emblema IHS (figura 47 em Anexo II). Outro objecto incomum que também foi avaliado por um valor comparativamente baixo é o oratório portátil de período tardio (figura 40 em Anexo II), que, apesar de não apresentar características namban típicas, é certamente um objecto raro de grande valor documental.

Devido à falta de existência de bases de dados completas e à dificuldade de acesso à informação de objectos leiloados num determinado período de tempo (ou objectos retirados) em algumas casas leiloeiras, as nossas pesquisas não estão completas. No entanto, os dados que aqui apresentamos permitem-nos tirar algumas conclusões e fazer algumas observações acerca da situação do mercado leiloeiro internacional e nacional de arte namban. Em primeiro lugar, podemos observar que a representação da arte namban nas três principais leiloeiras internacionais é bastante expressiva. Só na casa leiloeira Christie’s registámos um maior número de lotes de arte namban, leiloados entre os anos 1990 e 2012, do que nas três principais leiloeiras portuguesas juntas. Objectos raros e/ou únicos tendem a ser leiloados no mercado internacional, e existem determinadas tipologias de arte namban que nunca passaram

por casas leiloeiras portuguesas, como por exemplo, os biombos namban. Este facto permite-nos confirmar que a arte namban beneficia de uma grande procura internacional.

Salvo lotes de objectos raros ou de qualidade excepcional, que podem atingir valores de martelo bastante elevados no mercado internacional, a maioria dos objectos de arte namban vendidos em Portugal atingiram valores aproximados aos objectos da mesma tipologia, vendidos na Christie's, Sotheby's e Bonhams. As únicas excepções são os lotes de pares de estribos namban, que na Christie's foram vendidos por valores iguais ou superiores a \$24.000, mas em Portugal só atingiram um máximo de €4.000. É também interessante notar que cerca de 60% dos lotes de arte namban vendidos em mercado internacional atingiram valor de martelo igual ou superior ao valor da estimativa máxima. Em Portugal, apenas 30% dos lotes vendidos atingiram valor de martelo igual ou superior ao valor da estimativa máxima.

Em termos de representação numérica de objectos por tipologia, tanto a nível internacional como a nível nacional, os cofres, os baús e os escritórios são as tipologias de arte namban que existem em maior quantidade no mercado leiloeiro. Os cofres são também a tipologia de arte namban que regista menor número de lotes retirados em leilão, tanto em mercado nacional como em mercado internacional. Por outro lado, apesar de serem mais raros, os contadores namban não atingem valores de martelo superiores aos dos escritórios namban, e no mercado internacional sofrem de maior percentagem de lotes retirados. É possível que a falta de estudos sobre a produção numérica de objectos namban por tipologia impossibilite uma correcta avaliação e apreciação justa do mercado em relação a estes objectos. Devemos notar também que não existe terminologia própria na língua inglesa que diferencie contadores de escritórios, sendo estes ambos descritos como “*cabinet*” nos catálogos de leilões. Uma outra tipologia de mobiliário namban muito rara e igualmente muito pouco apreciada pelo mercado é o ventó. Só encontramos dois exemplares leiloados, e ambos foram retirados.

Os biombos namban datáveis dos séculos XVI e XVII são a tipologia da arte namban que atingiu valores de martelo mais elevados. Tendo em conta que os biombos japoneses do período Momoyama são, geralmente, altamente valorizados, biombos deste período que retratam temas namban são excepcionalmente raros, conhecendo-se apenas poucos exemplares em todo o mundo, quase todos eles guardados em colecções de museus. Ainda mais raros são os exemplares de biombos namban contendo selo do artista ou da escola de produção, executados com qualidade ao nível dos biombos namban existentes em colecções museológicas e em perfeito estado de conservação, o que pode explicar o valor de martelo recorde do par de biombos de Kanō Naizen vendido pela Christie's em 2011.

Objectos de mobiliário raros, como objectos de arte namban com a insígnia IHS destacadas na decoração, ou móveis de grandes dimensões em bom estado de conservação e qualidade na execução, geralmente atingem valores de mercado elevados. De acordo com as nossas pesquisas, os lotes de mobiliário namban que foram vendidos por preços mais elevados foram um baú de 140 cm de comprimento com três gavetas na base vendido pela Christie's (Londres) em 1999 por £133.500 (\$221.984), uma caixa lacada redonda vendida também em 1999 pela Christie's (Londres) por £89.500 (\$145.295) e uma estante de missal vendida em 1997 pela Christie's (Londres) por £87.300 (\$142.797). Em Portugal, os objectos de arte namban que atingiram valor de martelo mais elevado foram uma estante de missal vendida pela Cabral Moncada Leilões em 2007 por €30.000, um escritório de 63 cm de comprimento vendido pela Cabral Moncada Leilões em 2004 por €28.000 e um oratório de viagem vendido pelo Palácio do Correio Velho em 2005 por €18.000.

O tipo de decoração e/ou o material usado na decoração do objecto, também pode influenciar o valor de venda deste, sendo este facto especialmente verificável em Portugal. Cofres ou baús decorados com pele de raia foram vendidos por valores altos, comparando com os outros objectos da mesma tipologia. Por outro lado, objetos com decoração de estilo de transição, como é o caso da arca da Dinastia, não têm boa recepção no mercado português. Estes objectos têm boa recepção no mercado internacional, mas o facto de não apresentarem características típicas namban de influência portuguesa parece afastar os compradores portugueses.

Não tendo informação completa sobre todos os lotes de arte namban leiloados na década de 1990 em Portugal, não podemos tirar conclusões definitas sobre o comportamento do mercado de arte neste período. No entanto, a ideia de que existe um crescente interesse do mercado nestes objetos desde o final da década de 1980 até ao fim do ano de 2012 está bem presente, especialmente no que diz respeito a objetos de pequenas dimensões. Os valores de venda dos cofres de arte namban registaram um aumento significativo entre 1991-2003 e 2005-2011, como já foi antes referido na página 50. Este facto também pode ser observado no mercado leiloeiro internacional: o valor do preço do martelo aumentou, em média, nos cofres namban leiloados na Christie's desde o ano de 2005.

Ainda em relação ao comportamento do mercado de arte em Portugal, o ano de 2006 foi o ano que registou maior número de leilões e vendas de objetos de arte namban: onze lotes leiloados e dez vendidos, com apenas um retirado. O mercado de arte parece ter sido afetado com a crise económica de 2008, visto que apenas três baús namban foram leiloados no período de 2008 e primeira metade de 2009, tendo sido todos retirados. Entre a segunda

metade de 2009 e o final de 2012 o mercado recuperou parcialmente, tendo sido leiloados neste período vinte e seis lotes de arte namban sendo que destes dez foram retirados.

No mercado internacional, não foi verificado um significativo aumento ou diminuição de lotes de arte namban no mercado leiloeiro entre a década de 1990 e 2000. O ano de 1997 parece ter sido ano onde se registou maior número de lotes de arte namban. Adicionalmente, não foi verificada nenhuma quebra significativa nas vendas de objectos de arte namban no mercado de arte internacional nos anos 2008-2009.

Por último, vamos fazer algumas observações sobre a localização geográfica preferencial para a venda de determinados objectos. Biombos namban, assim como selas e estribos namban, são preferencialmente vendidos através da casa de Nova Iorque da Christie's. A maioria do mobiliário de exportação namban é leiloadada na casa de Londres da Christie's, assim como objectos em laca namban raros e objectos de Arte Kirishitan. A Christie's parece ser a casa-leiloeira que mais objectos de arte namban leiloou, mas não existe informação suficiente disponível *online* sobre as vendas da Sotheby's e da Bonhams que nos permita fazer afirmações conclusivas.

Em Portugal, a Cabral Moncada Leilões é a casa-leiloeira que mais objectos de arte namban leiloou, assim como a casa-leiloeira que registou maior número de objectos de arte namban vendidos e retirados em leilão.

BIBLIOGRAFIA

MONOGRAFIAS

BOXER, Charles Ralph (1989), *O Grande Navio de Amacau*, Trad. Comandante Manuel Vilarinho, Lisboa: Fundação Oriente e Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 4ª Edição.

CANAVARRO, Pedro *et al.* (1990), *Arte Namban: Os Portugueses no Japão*. Lisboa: Fundação Oriente, Museu Nacional de Arte Antiga.

COOPER, Michael, ed. (1965), *They Came to Japan. An Anthology of European Reports on Japan, 1543-1640*, Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

COSTA, João Paulo Oliveira (1993), *Portugal e o Japão: o Século Namban*, Lisboa: Imp. Nacional-Casa da Moeda.

DIAS, Pedro (2008), *Japão: Arte de Portugal no Mundo*, [Lisboa]: Público.

FERRÃO, Bernardo (1990), *Mobiliário Português: Índia e Japão*, Porto: Lello & Irmão, vol.III.

IMPEY, Oliver; JÖRG, Christiaan (2005), *Japanese Export Lacquer: 1580 – 1850*, Amsterdam: Hotei Publishing.

KAUFMANN, Thomas DaCosta (2004), *Toward a Geography of Art*, Chicago: University of Chicago Press.

KOIZUMI, Kazuko (1986), *Tradicional Japanese Furniture: A Definitive Guide*, Tokyo: Kodansha International.

LIDIN, Olof G. (2002), *Tanegashima: The Arrival of Europe in Japan*, Copenhagen: Nordic Institute of Asian Studies.

MASON, Penelope (1993), *History of Japanese Art*, New York: Harry N. Abrams Inc.

MATSUDA, Kiichi (1965), *The Relations Between Portugal and Japan*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudo Históricas Ultramarinos.

- MONCADA, Miguel Cabral de (2007), *Mobiliário Lusíada*, Instituto Politécnico de Tomar.
[Texto policopiado]
- OATES, Phyllis Bennett (1991), *História do Mobiliário Ocidental*, Trad. Mário B. Nogueira,
Lisboa: Editorial Presença.
- OKAMOTO, Yoshitomo (1972), *The Namban Art of Japan*, Trad. Ronand K. Jones, New
York/Tokyo: Weatherhill/Heibonsha, The Heibonsha Survey of Japanese Art Series, Vol.19.
- O'MALLEY, John (ed.), et al, (1999), *The Jesuits: Cultures, Sciences and the Arts, 1540-
1773*, Toronto: University of Toronto Press, Vol. I.
- PINTO, Maria Helena Mendes (1990), *Lacas Namban em Portugal*. Lisboa: Edições Inapa.
- PINTO, Maria Helena Mendes (1993), *Biombos Namban*. Lisboa: Museu Nacional de Arte
Antiga.
- RODRIGUES, Jorge Nascimento; DEVEZAS, Tessaleno (2007), *Pioneers of Globalization:
Why the Portuguese surprised the World*, Lisboa: Centro Atlântico.
- SETON, Alistair (2004), *Collecting Japanese Antiques*, Boston, Massachusetts: Tuttle
Publishing.
- SHIMIZU, Christine (1988), *Les Laques Du Japon: Urushi*, Paris: Flammarion.
- STANLEY-BAKER, Joan (1984), *Japanese Art*, London: Thames and Hudson.
- SWANN, Peter C. (1967), *De L'époque Jōmon à l'époque des Tokugawa*, Paris: Éditions
Albin Michel.
- TÁVORA, Bernardo Ferrão de Tavares e (1981), *Mrs. Jack e o seu cofre namban*,
Guimarães: [s.n.], Braga: Liv. Cruz.
- TURNBULL, Stephen (2006), *Osaka 1615. The last battle of the samurai*, Oxford, New
York: Osprey.
- Varley, H. Paul (1984), *Japanese Culture*, Honolulu: University of Hawai'i Press.
- WATSON, William (ed.) (1981), *The Great Japan Exhibition, Art of the Edo Period 1600-
1868*, New York: Alpine Fine Art Collections, Ltd.

WEBB, Marianne (2000), *Lacquer: Technology and Conservation. A Comprehensive Guide to the technology and conservation of both Asian and European lacquer*, Oxford: Butterworth-Heinemann.

WELSH, Jorge (ed.) (2003), *Depois dos Bárbaros: Um excepcional conjunto de obras namban*, Lisboa/Londres: Jorge Welsh Books.

WELSH, Jorge ; VINHAIS, Luísa (eds.) (2008), *Depois dos Bárbaros II: Arte Namban para os mercados japonês, português e holandês*, Lisboa/Londres: Jorge Welsh Books.

YU-KUAN, Lee (1972), *Oriental Lacquer Art*, New York: Weatherhill.

CONTRIBUIÇÕES PARA TRABALHO COLECTIVO

ABREU, Pedro Cancela (2008), Técnicas de Construção de Objectos Namban, [In] WELSH, Jorge ; VINHAIS, Luísa (eds.), *Depois dos Bárbaros II: Arte Namban para os mercados japonês, português e holandês*, Lisboa/Londres: Jorge Welsh Books, pp.52-68.

AKIO, Haino (1991), Japan. Trad.: Andrew Watsky, [In] WATT, James C.Y.; FORD, Barbara Brennan. *East Asian lacquer: the Florence and Herbert Irving collection*, New York: Metropolitan Museum of Art, pp.151-173.

BOXER, Charles R. (1936), Some Aspects of Portuguese Influence in Japan, 1542-1640, [In] *Transactions of the Japan Society*, London, vol.XXXIII, pp. 13-64

CANARRAVO, Pedro (1989), Introdução, [In] *Art Namban: Les Portugais au Japon / Nambankunst: Portugezen in Japan*, Bruxelles: Fondation Europalia International, Musées Royaux d'Art et d'Histoire, Koninklijke Musea voor Kunst en Geschiedenis. [Catálogo de exibição, 30 de Setembro a 17 de Dezembro de 1989]

CARVALHO, Pedro de Moura (2001), Chinese export lacquer and Portugal's pioneering role in its diffusion, [In] *The world of lacquer: 2000 years of history*, Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian, pp.41-163. [Catálogo de exibição, 30 de Março a 10 de Junho de 2001]

CORREIA, Pedro Lage Reis (2009), O Cristianismo no Japão, [In] *Biombos Namban = Namban Screens*, Lisboa: I.M.C, Museu Nacional Soares dos Reis, pp.49-58. [Catálogo de exibição]

COUTO, João (1954), Apresentação, [In] *Portugal na Índia, na China e no Japão: relações artísticas*, Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, pp.VII-IX. [Catálogo de exibição]

DOI, Tadao (1971), Introduction , [In] COOPER, Michael (ed.), *The Southern Barbarians: The First Europeans in Japan* Tokyo: Kodansha, pp.11-12.

ELISSEEFF, Valime (1980), Introduction, [In] *Namban ou de l'Européisme japonais*, Paris: Musée Cernuschi. [Catálogo de exibição, 18 Outubro a 14 de Dezembro de 1980]

FRADE, José Carlos; KÖRBER, Ulrike (2011), Asian lacquers: a crossroads between India and the Ryuku Islands, [In] *Voyages. Namban and Other Lacquers*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga. [Catálogo de exibição]

GUTIÉRREZ, Fernando G (1971), A Survey of Nanban Art, [In] COOPER, Michael (ed.), *The Southern Barbarians: The First Europeans in Japan*, Tokyo: Kodansha, pp.147-206 .

HAYASHI, Kentaro (1981), Preface, [In] *The Great Japan Exhibition, Art of th Edo Period 1600-1868*, New York: Alpine Fine Art Collections, p.11. [Catálogo de exibição]

HUTT, Julia; Impey, Oliver (1984), Japan, [In] BOURNE, Jonathan, et al, *Lacquer. An International History and Collector's Guide*, Wiltshire: Crowood Press, Phoebe Phillips Editions.

HUTT, Julia (2001), Lacquerwork of Japan and Korea, [In] *The world of lacquer: 2000 years of history*, Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian, pp.67-103. [Catálogo de exibição, 30 de Março a 10 de Junho de 2001]

IMPEY, Oliver (1982), Japanese Export Lacquer of the 17th century, [In] WATSON, William (ed.), *Lacquerwork in Asia and Beyond, Colloquies on Art & Archaeology in Asia No. 11*, Londres: Univesity of London, Percival David Foundation of Chinese Art, School of Oriental and African Studies, pp.124-158. [Colóquio realizado a 22-24 de Junho de 1981]

IMPEY, Oliver (2001), Namban: Japanese export lacquer for Portugal, [In] *The world of lacquer: 2000 years of history*, Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian, pp.105-123. [Catálogo de exibição, 30 de Março a 10 de Junho de 2001]

JÖRG, Christiaan J.A. (2008), Os Registos da Companhia Holandesa das Índias Orientais como Fonte de Datação da Laca Japonesa para Exportação, [In] WELSH, Jorge; VINHAIS, Luísa (eds.), *Depois dos Bárbaros II: Arte Namban para os mercados japonês, português e holandês*. Lisboa/Londres: Jorge Welsh Books, pp.42-51.

MARTINS, Maria Manuela d'Oliveira (coord. geral); CURVELO, Alexandra (coord. científica) (2010), *Encomendas Namban. Os portugueses no Japão da Idade Moderna - Namban Commissions. The Portuguese in Modern Age Japan*, Lisboa: Fundação Oriente. [Catálogo de exibição, 18 de Dezembro de 2010 a 31 de Maio de 2011]

NAOHIRO, Asao (1991), The sixteen century unification, Trad: Bernard Susser, [In] HALL, John Whitney (ed.); MCCLAIN, James L. (ed. ass.), *The Cambridge History of Japan Volume 4: Early Modern Japan*, Cambridge: Cambridge University Press, pp.40-95

PACHECO, Diego (1970), The Founding of the Port of Nagasáqui and its Cession to the Society of Jesus, [In] *Monumenta Nipponica*, Tokyo: Sophia University, vol. 25, nos. 3-4, pp. 303-323.

PEKARIK, Andrew J. (1996) Lacquer & Metalwork, [In] HICKMAN, Money L., et al., *Japan's Golden Age: Momoyama*, Dallas: Dallas Museum of Art, pp. 237-57.

PINTO, Maria Helena Mendes (1990), Aprestos militares e armas de fogo, [In] *Arte Namban: Os Portugueses no Japão*, Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, Fundação Oriente. [Catálogo de exibição]

SUGASE, Tadashi (1981), Características da Exposição de Arte Namban de 1981, [In] *Arte Namban*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [Catálogo de exibição, 1 de Abril a 10 de Maio de 1981]

TAKAMIZAWA, Tadao (1981), Biombos Namban, [In] *Arte Namban Namban*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [Catálogo de exibição, 1 de Abril a 10 de Maio de 1981]

TANI, Shinichi; SUGASE, Tadashi (1973), *Namban Art: A Loan Exhibition from Japanese Collections*, Washington D. C.: International Exhibitions Foundation, Japan House Gallery, St. Louis Art Museum, Honolulu Academy of Arts. [Catálogo de exibição]

WATANABE, Toshio (1982), Namban Lacquer Shrines: Some New Discoveries, [In] [In] WATSON, William (ed.), *Lacquerwork in Asia and Beyond, Colloquies on Art & Archaeology*

in Asia No. 11, Londres: Univesity of London, Percival David Foundation of Chinese Art, School of Oriental and African Studies pp.194-210. [Colóquio realizado a 22-24 de Junho de 1981]

ARTIGOS PERIÓDICOS:

CUVERLO, Alexandra (2001), O Mundo da Laca, Entre Nuvens Mágicas e Cores Ondulantes, *Arte Ibérica*, Abril 2001, ano 5, nº45, pp.46-49.

FELGUEIRAS, João José (1991), A expansão portuguesa e a arte do marfim, *Arte & Leilões*, Junho/Setembro 1991, ano 2, nº10, pp.15-23.

FÉRIA, Lurdes (1992), Gostos não se discutem, *Arte & Leilões*, Nº12, Ano 3, Dezembro 1991/Janeiro 1992, pp.65-68.

GETLEIN, Frank (1992), Imagens da Circa 1492, *Arte & Leilões*, Nº13, Ano 3, Fevereiro/Março 1992, pp. 32-33.

KAWAMURA, Yayoi (2009), Reflection on Namban lacquers, *Arts of Asia*, Vol. 32, Nº2, pp.92-105.

PESSOA, António (1992), Um leilão de peças de rei, *Arte & Leilões*, Nº13, Ano 3, Fevereiro/Março 1992, pp.73-74.

PESSOA, António Sérgio (1993), Porcelana Namban? Uma sucinta história da porcelana japonesa de exportação, *Arte & Leilões*, Nº21, Ano 4, Agosto/Setembro 1993, pp.42-45.

RAPOSO, Francisco Hipólito (1992), Um êxito que superou as expectativas, *Arte & Leilões*, Nº12, Ano 3, Dezembro 1991/Janeiro 1992, pp.35-46.

R.S.C (1973), Nanban Art, *Bulletin of St. Louis Art Museum*, New Series, Vol. 8, No. 6 (March-April 1973), pp.90-92.

SILVA, Nuno Vassallo e (1993), No Caminho do Japão, *Arte & Leilões*, Nº20, Ano 4, Junho/Julho 1993, pp.10-15.

SOUSA, Maria da Conceição Borges de (1993), Apontamentos sobre a exposição, *Arte & Leilões*, Nº21, Ano 4, Agosto/Setembro 1993, pp.39-40.

WATERHOUSE, D.B. (1974), Martha Boyer: Catalogue of Japanese Lacquers, The Walters Art Gallery, Baltimore, *Artibus Asiae*, Vol. 36, No. 3, pp.242-244.

TESES

CAMPOS, Alexandra Curvelo da Silva (2007), *Nuvens Douradas e Paisagens Habitadas. A Arte Namban e a sua Circulação Entre a Ásia e a América: Japão, China e Nova-Espanha (c. 1550 – c. 1700)*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.

GOTŌ, Tomoko (2000), *Emergent Consciousness About The Self Depicted in the World Map Screens*, Tese de Mestrado, University of British Columbia.

JÚLIO, Sofia Isabel Carreiro (2003/2004), *Estudo e Tratamento de Conservação e Restauro de uma Bandeja Lusíada – Arte Namban*, Tese de Licenciatura, Instituto Politécnico de Tomar.

LOPES, Rui Oliveira (2011), *Arte e Alteridade. Confluências da Arte Cristã na Índia, na China e no Japão, séc. XVI a XVIII*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa.

RODRIGUES, Helena Margarida Barros (2006), *Nagasáqui nanban das origens à expulsão dos Portugueses*, Tese de Mestrado em História e Arqueologia dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII), Lisboa, Faculdade Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2006. [Texto policopiado]

REFERÊNCIAS NÃO PUBLICADAS RETIRADAS DA INTERNET

AMES, Paul (2009), Europe's capital studies China, *Global Post*,
www.globalpost.com/dispatch/benelux/091020/chinese-culture-europe

ANDREWS, Isabel (2009), Collectors' Focus, *Apollo Magazine*, London, 29 de Setembro de 2009, <http://www.apollo-magazine.com/market/5355046/collectors-focus.shtml>

BARKER, Wally (2009), *Hideyoshi's 1592 War With Korea & Ming Chinese*, Kobe Journal .Com, <http://www.kobejournal.com/Japan%20history/1592%20Japan%20Korea.html/>

CHRISTIE'S (2011), *Southern Barbarians Come To Trade*, [in] Japanese & Korean Art Auction, New York, Sale 2426, Lot 854, 22 de Fevereiro de 2011.
<http://www.christies.com/features/southern-barbarians-come-to-trade-1281-1.aspx>

CHRISTIE'S (2011), *Results: Asian Art Week Post-Sale Release*, Press Releases, 28 de Março de 2011, <http://www.christies.com/about/press-center/releases/pressrelease.aspx?pressreleaseid=4617>

CRICHTON-MILLER, Emma (2011), The European Fine Art Fair 2011: From Maastricht to Museum, *Apollo Magazine*, London, 3 de Março de 2011, http://www.apollo-magazine.com/features/6719138/part_7/the-european-fine-art-fair-2011-from-maastricht-to-museum.shtml

DEES, Jean (2007), *Facing Modern Times – The Revival of Japanese Lacquer Art 1890-1950*, Rotterdam: Leiden University, <http://www.kunstpedia.com/articles/facing-modern-times---the-revival-of-japanese-lacquer-art-1890-1950.html>

Kyoto National Museum, *Kodaiji Makie and Nanban lacquerware*,
<http://www.kyohaku.go.jp/eng/tenji/chinretsu/koudaiji/koudaiji.html>

LISSENDEN, John Philip (2002) *The Namban group of Japanese sword guards: a reappraisal*, Durham theses, Durham University. <http://etheses.dur.ac.uk/4129/>

LONG, Elliott, *Shibui Swords*, <http://www.shibuiswords.com/>

MOORE, Susan (2010), Maastricht Beckons, *Apollo Magazine*, London, Março 2011, <http://www.apollo-magazine.com/features/5788173/maastricht-beckons.shtml>

NOGAMI, Takenori (2006), On Hizen Porcelain And The Manila – Acapulco Galleon Trade, [In] BELLWOOD, Peter S.; et al, *Bulletin of the Indo-Pacific Prehistory Association*, vol.26, pp. 124-130, <http://journals.lib.washington.edu/index.php/BIPPA/issue/view/769>

OKUBO, Jun'ichi (2004), A Witness to History, *Rekihaku Magazine*, N°122, 20 de Janeiro de 2004, <http://www.rekihaku.ac.jp/english/publication/rekihaku/122witness.html>

ROESSINGH, M. P. H. (1964), *Het Archief van de Nederlandse factorij in Japan: The Archive of the Dutch factory in Japan. 1609-1860*, Nationaal archief, <http://databases.tanap.net/ead/html/1.04.21.ENG/index.html?N10112>

SOTHEBY'S (2008), *Sotheby's Lead the Asian Art Market in France*, Press Release, Paris, 18 de Dezembro de 2008

SPATE, O. H. K. (2004), "Chapter 6: Asian Empires, Christian Trades. Hideyoshi and the Jesuits" in *The Spanish Lake*, The Australian National University, pp. 144-175, <http://epress.anu.edu.au/wp-content/uploads/2011/05/c06.pdf>

STEIN, Richard (1994 – 2013), *Japanese Sword Tuba: Major Schools of Tsuba Artists*, <http://home.earthlink.net/~steinrl/tsuba/tsubaera.htm>

YAMAMORI, Yumiko (1999), Chapter II: Pre-Meiji export furniture and its historical context, *Japanese Export Furniture*, <http://www.euronet.nl/users/artnv/chapter2.html>

ANEXO I – TABELAS DE VALORES DE OBJECTOS LEILOADOS

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mínima</i>		<i>Estimativa Máxima</i>		<i>Martelo</i>		<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Arca c/ 1 gaveta	26,3x50,5x34,5	£20.000	\$37.200	£25.000	\$46.500	£22.000	\$40.920	16-06-1992	Christie's
Arca c/ 1 gaveta	49,5x30x35,2	£10.000	\$16.277	£12.000	\$19.532	£11.500	\$18.719	07-04-1997	Christie's
Arca c/ 1 gaveta	48,5x26x34		\$16.500		\$24.750		\$26.565	16-11-1998	Christie's
Arca	91,5x127x58,5	£10.000	\$15.250	£20.000	\$30.500	£15.535	\$23.691	04-07-2002	Christie's
Arca c/ 1 gaveta	35,6x50,2x33,4		\$4.000		\$6.000		\$9.560	03-06-2004	Christie's
Arca c/ 2 gavetas	Indefinido	£30.000	\$52.755	£40.000	\$70.340	£0	\$0	14-07-2005	Sotheby's
Arca c/ 1 gaveta	27x49,5x34	4.000 €	\$5.287	6.000 €	\$7.931	15.000 €	\$19.827	20-04-2012	Sotheby's

Tabela I – Arcas namban no mercado leiloeiro internacional. Lotes realçados a cinzento referem-se a informação obtida através da Artfact. Números em itálico referem-se a valores convertidos para US\$ pela autora.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mín.</i>	<i>Estimativa Máx.</i>	<i>Martelo</i>	<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Bandeja	6,8x44,8	400 €	600 €	n/d	04-12-1992	L&N
Bandeja	6x65,5x40	3.000 €	4.000 €	4.000 €	14-12-2006	PCV

Tabela II – Bandejas namban no mercado leiloeiro nacional.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mínima</i>		<i>Estimativa Máxima</i>		<i>Martelo</i>		<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Baú 1	45,1x25,1		\$5.000		\$7.000		\$0	04-06-1992	Sotheby's
Baú 2	79	£18.000	\$27.315	£20.000	\$30.350	£35.200	\$53.416	23-11-1992	Christie's
Baú 3	132	£70.000	\$106.225	£90.000	\$136.575	£77.000	\$116.848	23-11-1992	Christie's
Baú 4	45,7	£500	\$743	£700	\$1.040	£1.045	\$1.553	29-07-1993	Christie's
Baú 5	132,4x59,4x63,5		\$10.000		\$15.000		\$32.200	29-10-1993	Christie's
Baú 6	38x31,8x78,7	£6.000	\$8.877	£8.000	\$11.836	£0	\$0	12-11-1993	Sotheby's
Baú 7	45	£5.000	\$7.454	£7.000	\$10.435	£5.750	\$8.572	15-11-1993	Christie's
Baú 8	43	£5.000	\$7.940	£7.000	\$11.116	£25.300	\$40.176	14-11-1994	Christie's
Baú 6	38x31,8x78,7	£3.000	<i>\$4.731</i>	£4.000	<i>\$6.309</i>	£3.450	<i>\$5.440</i>	17-11-1994	Sotheby's
Baú 9	46	£8.000	\$12.824	£10.000	\$16.030	£8.625	\$13.826	20-06-1995	Christie's
Baú 10	43,6x69x32,2	£5.000	\$8.267	£7.000	\$11.574	£12.075	\$19.965	13-11-1996	Sotheby's
Baú 11	45,5x25x29,5	£5.000	\$8.139	£7.000	\$11.394	£5.750	\$9.359	07-04-1997	Christie's
Baú 12	45,1	£800	\$1.336	£1.000	\$1.671	£1.725	\$2.882	04-12-1997	Christie's
Baú 13	46x70x37,5	£10.000	\$16.741	£15.000	\$25.111		\$17.192	17-06-1998	Sotheby's
Baú 14	55,5	£10.000	\$16.701	£15.000	\$25.051	£0	\$0	19-11-1998	Sotheby's
Baú 15	60,5	£1.500	\$2.494	£2.500	\$4.157	£4.830	\$8.031	11-02-1999	Christie's
Baú 16	83,6x43,5x36,8		\$4.830		\$6.440		\$0	28-04-1999	Christie's
Baú 17	117x77x72,5	1.000.000 PTE	\$7.035	1.500.000 PTE	\$10.552	2.880.000 PTE	\$20.260	24-05-1999	Christie's
Baú 18	141,2x63,7x57,2	£40.000	\$66.512	£50.000	\$83.140	£133.500	\$221.984	16-06-1999	Christie's
Baú 19	32x47,3x23,8	fr. 5.000	\$2.664	fr. 7.000	\$3.729	fr. 8.777	\$4.676	29-09-1999	Christie's
Baú 20	78x47x32,5		\$5.000		\$7.000		\$5.875	15-10-2001	Christie's
Baú 21	48,2	£5.000	\$7.837	£7.000	<i>\$10.969</i>	£5.287	\$8.395	18-03-2003	Christie's
Baú 22	Indefinido	£25.000	<i>\$45.155</i>	£30.000	<i>\$54.186</i>	£0	\$0	14-06-2005	Sotheby's
Baú 23	47	£5.500	<i>\$9.542</i>	£8.000	<i>\$13.880</i>	£6.600	<i>\$11.451</i>	07-12-2005	Bonhams
Baú 24	45,5	£800	\$1.560	£1.200	\$2.340	£1.800	\$3.510	22-02-2007	Christie's
Baú 25	48	£2.000	\$4.186	£3.000	\$6.279	£8.750	\$18.314	05-09-2007	Christie's
Baú 26	133x59,3x64,5	50.000 €	\$62.595	70.000 €	\$87.633	67.000 €	\$84.062	21-11-2008	Christie's
Baú 27	28x43x24,5	£20.000	<i>\$32.067</i>	£30.000	<i>\$48.102</i>	£18.750	<i>\$30.063</i>	10-11-2011	Bonhams
Baú 28	45,2	£3.000	\$4.827	£4.000	\$6.436	£4.375	\$6.978	16-05-2012	Christie's

Tabela III – Baús namban no mercado leiloeiro internacional. Lotes realçados a cinzento referem-se a informação obtida através da Artfact. Números em itálico referem-se a valores convertidos para US\$ pela autora.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mín.</i>	<i>Estimativa Máx.</i>	<i>Martelo</i>	<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Baú 1	45,5x25x39,5	10.000 €	12.500 €	8.900 €	05-12-1991	PCV
Baú 2	45,5x29x24,5	2.500 €	4.000 €	3.100 €	22-10-1992	PCV
Baú 3	22x40x13,5	5.000 €	7.500 €	5.000 €	09-03-1998	CML
Baú 4	33x45,5x25	3.000 €	4.000 €	0 €	20-05-1998	PCV
Baú 5	31x45x25	6.000 €	9.000 €	6.250 €	16-10-2000	CML
Baú 6	32x48x24	8.000 €	12.000 €	0 €	18-02-2002	CML
Baú 7	29,5x46x25	10.000 €	15.000 €	16.000 €	03-06-2002	PCV
Baú 8	30x45,5x25	6.000 €	8.000 €	6.000 €	02-04-2003	PCV
Baú 9	57,7x92x50,5	4.000 €	6.000 €	13.000 €	06-05-2004	PCV
Baú 10	33x70,5x24	10.000 €	15.000 €	14.500 €	22-11-2004	CML
Baú 11	53x80x44,5	15.000 €	22.500 €	0 €	14-11-2005	CML
Baú 11	53x80x44,5	10.000 €	15.000 €	12.500 €	16-10-2006	CML
Baú 12	33x52x28	7.000 €	10.500 €	0 €	06-11-2006	CML
Baú 13	30,5x40,5x24	10.000 €	15.000 €	0 €	05-11-2007	CML
Baú 14	36x55x31	12.000 €	18.000 €	16.000 €	05-11-2007	CML
Baú 15	30x60x23,5	4.000 €	6.000 €	0 €	27-03-2008	L&N
Baú 16	30,5x40,5x24	7.500 €	11.250 €	0 €	14-04-2008	CML
Baú 16	30,5x40,5x24	6.000 €	9.000 €	0 €	09-02-2009	CML
Baú 16	30,5x40,5x24	4.000 €	6.000 €	0 €	29-09-2009	CML
Baú 16	30,5x40,5x24	2.000 €	3.000 €	2.000 €	14-12-2010	CML
Baú 17	33,5x60,5x29	8.000 €	12.000 €	0 €	25-09-2012	CML

Tabela IV – Baús namban no mercado leiloeiro nacional. Lotes realçados a negrito referem-se a lotes que voltaram ao mercado após terem sido retirados em leilão anterior.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mínima</i>		<i>Estimativa Máxima</i>		<i>Martelo</i>		<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Caixa redonda	51	£20.000	\$32.466	£30.000	\$48.699	£89.500	\$145.285	17-11-1999	Christie's
Caixa <i>necessaire</i>	13x22,4x16,6	£4.000	\$6.708	£6.000	\$10.062	£9.560	\$16.032	13-11-2003	Christie's
Caixa rectangular	39	£10.000	\$19.860	£15.000	\$29.790	£9.600	\$19.006	16-05-2007	Christie's

Tabela V – Caixas namban no mercado leiloeiro internacional.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mín.</i>	<i>Estimativa Máx.</i>	<i>Martelo</i>	<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Caixa-cofre	40,5x52x36	3.500 €	5.000 €	0 €	25-03-1996	PCV
Caixa-cofre	29x22x7,5	4.000 €	6.000 €	20.000 €	07-06-2005	PCV
Caixa-cofre	19,5x36x21,5	5.000 €	7.500 €	7.200 €	06-03-2006	CML
Caixa-cofre	18x28x22	2.500 €	3.750 €	2.500 €	28-09-2010	CML

Tabela VI – Caixas namban no mercado leiloeiro nacional

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mínima</i>		<i>Estimativa Máxima</i>		<i>Martelo</i>		<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Cofre 1	22,9	£1.800	\$2.960	£2.200	\$3.618	£1.980	\$3.256	12-06-1991	Christie's
Cofre 2	29,8	£700	\$1.239	£900	\$1.594	£825	\$1.461	13-11-1991	Christie's
Cofre 3	22,9	£1.600	\$2.833	£1.800	\$3.187	£1.870	\$3.311	13-11-1991	Christie's
Cofre 4	33	£800	\$1.218	£1.200	\$1.826	£2.760	\$4.201	14-06-1993	Christie's
Cofre 5	35	£4.000	\$5.963	£5.000	\$7.454	£4.370	\$6.514	15-11-1993	Christie's
Cofre 6	34,9	£400	\$633	£600	\$950	£1.870	\$2.960	02-02-1995	Christie's
Cofre 7	22,5	£1.000	\$1.610	£1.500	\$2.415	£2.358	\$3.796	28-05-1995	Christie's
Cofre 8	16,5x10,5x9	£1.200	\$1.810	£1.400	\$2.112	£1.610	\$2.429	15-04-1996	Christie's
Cofre 9	22,2x13x15,5		\$4.000		\$6.000		\$10.350	01-11-1996	Christie's
Cofre 10	30	£2.500	\$4.118	£3.000	\$4.941	£2.875	\$4.733	12-11-1996	Christie's
Cofre 11	29,2	£800	\$1.277	£1.000	\$1.597	£1.610	\$2.570	13-03-1997	Christie's
Cofre 12	35,4	£1.000	\$1.628	£1.500	\$2.442	£1.150	\$1.872	07-04-1997	Christie's
Cofre 13	22x13x16	fr. 5.000	\$2.618	fr. 8.000	\$4.190	fr. 5.766	\$3.020	13-05-1997	Christie's
Par de cofre	32 / 26,5	£2.600	\$4.253	£4.000	\$4.907	£2.990	\$4.891	19-06-1997	Christie's
Cofre 14	35,5	£2.000	\$3.271	£2.500	\$4.089	£3.220	\$5.267	19-06-1997	Christie's
Cofre 15	22,4x14,6x12,9	£1.500	\$2.495	£1.800	\$2.994	£3.335	\$5.548	06-04-1998	Christie's
Quatro cofre	36,5/24/17,5/11	£8.000	\$13.220	£10.000	\$16.525	£9.775	\$16.153	15-06-1998	Christie's
Cofre 16	26,5x18	fr. 3.000	\$1.598	fr. 4.000	\$2.131	fr. 9.947	\$5.299	19-10-1999	Christie's
Cofre 17	25,7	£500	\$758	£700	\$1.061	£3.760	\$5.700	08-06-2000	Christie's
Cofre 18	24	£600	\$849	£800	\$1.132	£2.233	\$3.159	22-11-2001	Christie's
Cofre 19	15x22x12,5	£2.000	\$2.984	£3.000	\$4.476	£5.019	\$7.488	19-06-2002	Christie's
Cofre 20	22,5x5,3x13,3		\$5.000		\$7.000		\$4.780	24-03-2003	Christie's
Cofre 21	7,2x10,4x6	£800	\$1.336	£1.000	\$1.670	£3.107	\$5.189	12-11-2003	Christie's
Cofre 22	35,5x25,5x19		\$12.000		\$18.000		\$12.000	29-03-2005	Christie's
Cofre 23	22,5	£3.000	\$5.319	£4.000	\$7.092	£4.200	\$7.447	12-07-2005	Christie's
Cofre 24	23,5	£2.500	\$4.433	£3.000	\$5.319	£4.560	\$8.085	12-07-2005	Christie's
Cofre 25	35	£10.000	\$19.860	£15.000	\$29.790	£9.000	\$17.874	16-05-2007	Christie's
Cofre 26	24x14x18	£4.000	\$8.100	£6.000	\$12.149	£4.560	\$9.233	10-07-2007	Bonhams
Cofre 27	15,5x22,5x13,4	2.500 €	\$2.500	3.500 €	\$5.086	17.050 €	\$24.778	06-11-2007	Christie's
Cofre 28	20,3	£4.500	\$6.551	£5.000	\$7.250	£0	\$0	12-06-2010	Christie's
Cofre 29	22,3	£12.000	\$19.620	£15.000	\$24.525	£15.000	\$24.540	11-05-2011	Christie's

Tabela VII – Cofres namban no mercado leiloeiro internacional. Lotes realçados a cinzento referem-se a informação obtida através da Artfact. Números em itálico referem-se a valores convertidos para US\$ pela autora.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mín.</i>	<i>Estimativa Máx.</i>	<i>Martelo</i>	<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Cofre 1	Indefinido	750 €	1.250 €	750 €	06-06-1987	L&N
Cofre 2	21	3.500 €	4.500 €	0 €	08-12-1989	PCV
Cofre 3	23x35x19,5	2.000 €	3.000 €	11.500 €	11-03-1996	CML
Cofre 4	Indefinido	7.500 €	10.000 €	0 €	25-03-1996	PCV
Cofre 5	20x31x18	1.500 €	2.250 €	0 €	29-06-1998	CML
Cofre 6	18,5x29x17	3.500 €	5.000 €	8.250 €	25-11-1998	PCV
Cofre 7	39,7x22x19,5	10.000 €	15.000 €	15.500 €	18-12-2002	PCV
Cofre 8	11x17,5x9,5	4.000 €	6.000 €	0 €	19-04-2004	CML
Cofre 8	11x17,5x9,5	3.000 €	4.500 €	0 €	22-11-2004	CML
Cofre 9	21x29x17	6.000 €	9.000 €	6.000 €	14-11-2005	CML
Cofre 10	18,3x29,2x14,4	3.000 €	5.000 €	4.800 €	09-05-2006	PCV
Cofre 11	17,5x24,5x14,5	6.000 €	10.000 €	6.200 €	19-12-2006	PCV
Cofre 12	15,5x22,6x13,4	4.000 €	6.000 €	3.000 €	28-03-2007	PCV
Cofre 13	Indefinido	5.000 €	7.500 €	7.000 €	21-05-2007	CML
Cofre 14	16x29x13,5	3.000 €	4.500 €	3.000 €	15-10-2007	CML
Cofre 15	15,5x22,5x13	6.000 €	9.000 €	6.000 €	05-11-2007	CML
Cofre 16	15,5x22,5x13	6.000 €	10.000 €	12.000 €	04-11-2009	PCV
Cofre 17	15,5x23x13,5	500 €	750 €	500 €	15-12-2009	CML
Cofre 18	15,5x22,5x13,5	4.000 €	6.000 €	5.000 €	01-06-2010	CML
Cofre 19	13x19x10,5	2.000 €	3.000 €	5.200 €	28-09-2010	CML
Cofre 20	15,5x22,6x15,6	3.000 €	5.000 €	4.800 €	10-11-2010	PCV
Cofre 21	15x22,5x12,5	6.000 €	9.000 €	6.000 €	31-05-2011	CML
Cofre 22	Indefinido	5.000 €	8.000 €	8.000 €	16-06-2011	PCV
Cofre 23	16x22,5x13	7.000 €	10.500 €	0 €	29-05-2012	CML

Tabela VIII – Cofres namban no mercado leiloeiro nacional. Lotes realçados a negrito referem-se a lotes que voltaram ao mercado após terem sido retirados em outro leilão.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mínima</i>		<i>Estimativa Máxima</i>		<i>Martelo</i>		<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Contador duas portas	85,5 (alt.)	£2.000	\$3.541	£3.000	\$5.312	£4.620	\$8.181	13-11-1991	Christie's
Contador duas portas	62,9 (comp.)	£1.000	\$1.577	£1.500	\$2.366	£1.210	\$1.908	17-11-1994	Christie's
Contador duas portas	30,5x41,8x28	£3.000	\$4.960	£4.000	\$6.614	£0	\$0	13-11-1996	Sotheby's
Contador	71,2x47x37,2		\$13.200		\$16.500		\$0	18-11-1997	Christie's
Contador	32,3x45,5x30,5	fr. 4.500	\$2.397	fr. 6.000	\$3.197	fr. 15.213	\$8.105	19-10-1999	Christie's
Contador	71,2x47x37,2		\$11.340		\$14.580		\$0	17-11-1999	Christie's
Contador duas portas	63x43,9x34,6	£6.000	\$9.144	£7.000	\$10.668	£6.463	\$9.849	07-06-2000	Christie's
Contador duas portas	150x105x35	1.200 €	\$1.475	1.800 €	\$2.213	1.200 €	\$1.475	04-04-2006	Christie's
Contador + 2 cofres	63,5 (comp.)		\$15.000		\$20.000		\$15.600	20-03-2007	Christie's
Contador duas portas	120x63					£9.000	\$11.267	12-11-2008	Bonhams
Contador duas portas	29,2x65,1x35,3	4.100 €	\$5.000	5.700 €	\$7.000	0 €	\$0	15-12-2009	Bonhams

Tabela IX – Contadores namban no mercado leiloeiro internacional. Lotes realçados a cinzento referem-se a informação obtida através da Artfact. Números em itálico referem-se a valores convertidos para US\$ pela autora.

ID	Dimensões (cm)	Estimativa Mín.	Estimativa Máx.	Martelo	Data	Leiloeira
Contador	25,5x33x22	10.000 €	12.500 €	10.000 €	05-02-1996	CML
Contador	52x76,5x41	8.000 €	12.000 €	n/d	06-05-2004	PCV
Contador	69x36x115	2.000 €	3.000 €	2.000 €	12-04-2005	L&N
Contador	68x95x48	10.000 €	15.000 €	10.000 €	31-05-2011	CML

Tabela X – Contadores namban no mercado leiloeiro nacional.

ID	Dimensões (cm)	Estimativa Mínima		Estimativa Máxima		Martelo		Data	Leiloeira
Escritório 1	85,1	£2.000	\$3.541	£3.000	\$5.312	£4.620	\$8.181	13-11-1991	Christie's
Escritório 2	53,5x37x35	£6.000	\$9.132	£8.000	\$12.176	£6.325	\$9.627	14-06-1993	Christie's
Escritório 3	40,5x42,5x46,5	£18.000	\$27.396	£20.000	\$30.440	£45.500	\$69.251	14-06-1993	Christie's
Escritório 4	89x65x52	£20.000	\$30.440	£25.000	\$38.050	£51.000	\$77.622	14-06-1993	Christie's
Escritório 5	42x37,8x23,5		\$3.000		\$4.000		\$5.175	19-06-1993	Christie's
Escritório 6	31,2x30,6x44	£6.000	\$8.877	£8.000	\$11.836	£6.900	\$10.208	12-11-1993	Sotheby's
Escritório 7	32x30x45,5	£1.000	\$1.577	£1.500	\$2.366	£2.070	\$3.264	17-11-1994	Christie's
Escritório 8	89x46x58	£50.000	\$80.500	£60.000	\$96.600	£0	\$0	28-03-1995	Christie's
Escritório 9	87,7x53,4x72,5	£1.200	\$1.932	£1.400	\$2.254	£1.265	\$2.037	28-03-1995	Christie's
Escritório 10	49,5x36,5x32,8	£3.000	\$4.830	£4.000	\$6.440	£5.520	\$8.887	28-03-1995	Christie's
Escritório 11	32,5x50,3x33	£6.000	\$9.660	£7.000	\$11.270	£0	\$0	29-03-1995	Sotheby's
Escritório 12	24x35,5x42,5	£3.000	\$4.830	£4.000	\$6.440	£3.680	\$5.924	29-03-1995	Sotheby's
Escritório 13	43,3x36,5x64	£10.000	\$16.100	£15.000	\$24.150	£11.500	\$18.514	29-03-1995	Sotheby's
Escritório 14	42,2x37x23,7		\$20.000		\$30.000		\$23.000	26-04-1995	Christie's
Escritório 15	43,8x27,9x30,5	£800	\$1.284	£1.200	\$1.924	£7.500	\$12.034	21-06-1995	Bonhams
Escritório 16	30,5x45,7x30,5		\$15.000		\$20.000		n/d	19-09-1995	Sotheby's
Escritório 17	51	£800	\$1.252	£1.200	\$1.878	£5.850	\$9.155	23-11-1995	Christie's
Escritório 18	44,3x28,7x31,2		\$4.000		\$6.000		\$5.750	01-11-1996	Christie's
Escritório 19	44,5x31,2x38	£2.000	\$3.381	£3.000	\$5.071	£2.300	\$3.888	19-11-1997	Sotheby's
Escritório 20	24,4x24,4x15,5	£2.000	\$3.300	£2.500	\$4.125	£4.370	\$7.355	07-04-1998	Sotheby's
Escritório 21	Indefinido	£40.000	\$66.964	£50.000	\$83.703	£0	\$0	17-06-1998	Sotheby's
Escritório 22	27,5x27x26,5	£3.000	\$5.011	£4.000	\$6.681	£0	\$0	19-11-1998	Sotheby's
Escritório 23	43,3x33,2x30,5	£3.000	\$4.830	£4.000	\$6.440	£8.625	\$13.886	28-04-1999	Christie's
Escritório 24	27x36	£1.800	\$2.511	£2.000	\$2.790	£0	\$0	19-06-2001	Sotheby's
Escritório 25	24,5x25,5x25		\$8.000		\$10.000		\$12.925	22-03-2002	Christie's
Escritório 26	44	£800	\$1.153	£1.200	\$1.729	£3.760	\$5.418	17-04-2002	Christie's
Escritório 27	62,5x46x32,7		\$2.000		\$3.000		\$5.975	24-03-2003	Christie's
Escritório 28	45,7x68,6x40,6		\$8.000		\$10.000		\$9.600	22-09-2005	Christie's
Escritório 29	32	2.500 €	\$3.100	3.800 €	\$4.700	0 €	\$0	22-02-2006	Bonhams
Escritório 30	30,3x42,2x29	£3.000	\$5.499	£5.000	\$9.165	£9.600	\$17.575	12-07-2006	Christie's
Escritório 31	31,6x44x30,8	£1.000	\$1.836	£1.500	\$2.754	£3.840	\$7.050	17-07-2006	Christie's
Escritório 32	Indefinido	£15.000	\$31.395	£20.000	\$41.860	£38.900	\$81.418	05-11-2007	Christie's
Escritório 33	38x53,5x34,8	1.500 €	\$2.180	2.500 €	\$3.633	11.650 €	\$16.931	06-11-2007	Christie's
Escritório 34	23x41x35,5	4.000 €	\$6.000	6.000 €	\$8.900	18.750 €	\$29.186	24-07-2008	Christie's
Escritório 35	27,7x26,7x30	£6.000	\$9.772	£8.000	\$13.030	£7.200	\$11.726	12-05-2011	Bonhams
Escritório 36	33x63,5x43,2		\$18.000		\$22.000		\$0	14-09-2011	Christie's
Escritório 36	33x63,5x43,2		\$10.000		\$15.000		\$10.000	21-03-2012	Christie's

Tabela XI – Contadores namban no mercado leiloeiro internacional. Lotes realçados a cinzento referem-se a informação obtida através da Artifact. IDs realçados a negrito referem-se a lotes que voltaram ao mercado após

terem sido retirados num leilão anterior. Números em itálico referem-se a valores convertidos para US\$ pela autora.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mín.</i>	<i>Estimativa Máx.</i>	<i>Martelo</i>	<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Escritório 1	33x47x33	11.000 €	15.000 €	11.500 €	11-03-1996	CML
Escritório 2	31,3x44,7x31	7.500 €	10.000 €	0 €	25-03-1996	PCV
Escritório 3	34x46x33	6.000 €	9.000 €	0 €	10-12-1996	CML
Escritório 4	23x40,6x36	1.250 €	1.750 €	1.250 €	12-04-1997	PCV
Escritório 5	26x25x24	1.750 €	2.500 €	2.600 €	03-02-1999	CML
Escritório 6	25,8x38,5x27,4	10.000 €	15.000 €	11.500 €	27-04-1999	PCV
Escritório 7	26,5x27,5x26,5	2.000 €	3.000 €	0 €	02-07-2001	CML
Escritório 8	33x43,5x30,5	15.000 €	25.000 €	17.000 €	03-06-2002	PCV
Escritório 9	57,5x81x55	30.000 €	45.000 €	0 €	13-10-2003	CML
Escritório 10	43x63x34	6.000 €	9.000 €	28.000 €	19-04-2004	CML
Escritório 11	23x30,5x21	4.000 €	6.000 €	7.800 €	11-10-2004	CML
Escritório 12	33x46x30	8.000 €	12.000 €	17.500 €	30-03-2010	CML
Escritório 13	30x43x36	2.500 €	3.750 €	0 €	01-06-2010	CML
Escritório 14	30x44x30	6.000 €	9.000 €	0 €	13-12-2011	CML
Escritório 14	30x44x30	5.000 €	7.000 €	0 €	29-05-2012	CML
Escritório 15	24x25,5x25	300 €	500 €	800 €	19-07-2012	PCV
Escritório 14	30x44x30	4.000 €	6.000 €	0 €	11-12-2012	CML

Tabela XII – Escritórios namban no mercado leiloeiro nacional. Lotes realçados a negrito referem-se a lotes que voltaram ao mercado após terem sido retirados em outro leilão.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mínima</i>		<i>Estimativa Máxima</i>		<i>Martelo</i>		<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Mesa	36,2x56,5x43,5	£12.000	\$17.088	£15.000	\$21.360	£14.100	\$20.078	16-11-2000	Christie's
Mesa	35,8x37,8x25,5	£12.000	\$19.000	£15.000	\$24.000	£0	\$0	11-11-2010	Bonhams

Tabela XIII – Mesas namban no mercado leiloeiro internacional.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mínima</i>		<i>Estimativa Máxima</i>		<i>Martelo</i>		<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Gamão 1	44x9,2x42,7		\$17.000		\$24.000		\$0	17-11-1999	Christie's
Gamão 1	44x9,2x42,7	£1.500	\$2.351	£2.000	\$3.134	£18.800	\$29.460	03-04-2003	Christie's

Tabela XIV – Contadores namban no mercado leiloeiro internacional. Lotes realçados a cinzento referem-se a informação obtida através da Artifact. IDs realçados a negrito referem-se a lotes que voltaram ao mercado após terem sido retirados num leilão anterior.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mínima</i>		<i>Estimativa Máxima</i>		<i>Martelo</i>		<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Tokkuri (2)	30 (alt.)	£20.000	\$32.714	£30.000	\$49.071	£47.700	\$78.023	19-06-1997	Christie's
Moldura	43,4x40	£1.500	\$2.525	£2.000	\$3.366	£2.629	\$4.425	18-06-2003	Christie's
Estrutura	89x105,5x43,2		\$6.000		\$8.000		\$10.755	22-09-2004	Christie's

Tabela XV – Diversos objetos de laca namban no mercado leiloeiro internacional.

ID	Dimensões (cm)	Estimativa Mínima		Estimativa Máxima		Martelo		Data	Leiloeira
Oratório 1	45,5x32x4,5		\$200.000		\$250.000		\$0	24-04-1997	Christie's
Oratório 1	45,5x32x4,5		\$100.000		\$150.000		\$127.000	19-09-2000	Christie's
Oratório 2	37,5x29,2x5,1		\$80.000		\$120.000		\$94.000	22-03-2002	Christie's
Oratório 3	43,5	£6.000	\$8.700	£8.000	\$11.000	£9.375	\$14.297	13-05-2009	Christie's
Oratório 4	27	£10.000	\$16.090	£15.000	\$24.135	£32.450	\$51.855	10-11-2010	Christie's
Oratório 5	48,7	£20.000	\$32.700	£30.000	\$49.050	£61.250	\$100.205	11-05-2011	Christie's

Tabela XVI – Oratórios namban no mercado leiloeiro internacional. Lotes realçados a cinzento referem-se a informação obtida através da Artfact. IDs realçados a negrito referem-se a lotes que voltaram ao mercado após terem sido retirados num leilão anterior.

ID	Dimensões (cm)	Estimativa Mínima		Estimativa Máxima		Martelo		Data	Leiloeira
Est. Missal	37	£4.000	\$7.440	£6.000	\$11.160	£30.800	\$57.288	16-06-1992	Christie's
Est. Missal	36	£40.000	\$60.700	£60.000	\$91.050	£74.800	\$113.509	23-11-1992	Christie's
Est. Missal	34	£15.000	\$22.830	£18.000	\$27.396	£32.200	\$49.008	14-06-1993	Christie's
Est. Missal	35,1	£40.000	\$65.428	£50.000	\$81.785	£87.300	\$142.797	19-06-1997	Christie's
Est. Missal	34,8	£15.000	\$20.925	£18.000	\$25.110	£30.550	\$42.617	20-06-2001	Christie's
Est. Missal	31,8x26	£8.000	\$13.464	£12.000	\$20.196	£8.963	\$15.084	18-06-2003	Christie's

Tabela XVII – Estantes de missal namban no mercado leiloeiro internacional.

ID	Dimensões (cm)	Estimativa Mínima		Estimativa Máxima		Martelo		Data	Leiloeira
Píxide	6,7x10,5cm		\$30.000		\$40.000		\$30.000	21-09-2006	Christie's
Píxide	Indefinido	£800	\$1.522	£1.000	\$1.903	£600	\$1.142	08-11-2006	Christie's

Tabela XVIII – Píxides namban no mercado leiloeiro internacional.

ID	Dimensões (cm)	Estimativa Mínima		Estimativa Máxima		Martelo		Data	Leiloeira
Fumibako	21,5x6,5	£6.000	\$9.814	£8.000	\$13.086	£7.475	\$12.227	19-06-1997	Christie's
Suzuribako	21,2x 5,9x4,6		\$10.000		\$15.000		\$29.900	17-09-1997	Christie's

Tabela XIX – Caixas namban para guardar material de escrita/documentos no mercado leiloeiro internacional.

ID	Dimensões (cm)	Estimativa Mínima		Estimativa Máxima		Martelo		Data	Leiloeira
Sela	40	£3.000	\$4.526	£4.000	\$6.034	£5.175	\$7.806	15-04-1996	Christie's
Par de estribos	30,2		\$30.000		\$40.000		\$108.000	29-03-2005	Christie's
Conjunto	S: 38,8 E: 31,1		\$12.000		\$18.000		\$0	22-09-2005	Christie's
Par de estribos	27,9		\$20.000		\$25.000		\$24.000	28-03-2006	Christie's
Conjunto	S: 38,8 E: 31,1		\$6.000		\$8.000		\$72.000	28-03-2006	Christie's
Estribo	27,9		\$4.000		\$5.000		\$18.000	21-09-2006	Christie's
Par de estribos	24,3		\$10.000		\$15.000		\$74.500	23-10-2009	Christie's

Tabela XX – Selas estribos namban no mercado leiloeiro internacional. Lotes a cinzento denotam informação obtida através da Artfact.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mín.</i>	<i>Estimativa Máx.</i>	<i>Martelo</i>	<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Par de estribos	28x29x15	3.000 €	4.500 €	3.000 €	06-11-2006	CML
Par de estribos	27x30x14	4.000 €	6.000 €	0 €	01-06-2011	CML
Par de estribos	26x30x14,5	4.000 €	6.000 €	4.000 €	27-09-2011	CML
Par de estribos	27x30x14	4.000 €	6.000 €	4.000 €	13-12-2011	CML

Tabela XXI – Estribos namban no mercado leiloeiro nacional.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Período</i>	<i>Escola</i>	<i>Estimativa Mín.</i>	<i>Estimativa Máx.</i>	<i>Martelo</i>	<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Biombo	167,8x346,2	Séc.XVII (1º quartel)		\$600.000	\$800.000	\$662.500	25-10-1994	Christie's
Biombo	155x350	Séc.XVII (1º quartel)	Kanō	\$600.000	\$800.000	\$0	31-10-1995	Christie's
Biombo	118x369	Séc.XVII (2º quartel)		\$400.000	\$600.000	\$442.500	24-04-1997	Christie's
Biombo (duas folhas)	159,4x159,4	Séc. XVII		\$125.000	\$150.000	\$0	18-09-1998	Sotheby's
Biombo	160x357	Séc.XVII (1º quartel)		\$500.000	\$600.000	\$497.500	23-03-1999	Christie's
Par de biombos	105x260,6	Séc.XVII (1º quartel)		\$250.000	\$300.000	\$552.500	23-03-2000	Christie's
Biombo	56x202	Séc. XVIII		\$35.460	\$53.190	\$55.318	12-06-2003	Christie's
Par de biombos	141,8x350,2	Séc.XVII (1º quartel)		\$300.000	\$400.000	\$589.900	22-09-2004	Christie's
Biombo (duas folhas)	148,5x60,5	Séc.XVII (1º quartel)	Tosa	\$150.000	\$200.000	\$0	22-09-2005	Christie's
Par de biombos	160x360,4	Séc.XVII (1º quartel)	Kanō Naizen	n/d	n/d	\$4.786.500	23-13-2011	Christie's

Tabela XXII – Biombos namban no mercado leiloeiro internacional. Lotes realçados a cinzento referem-se a informação obtida através da Artfact. Todos os lotes referem-se a biombos de seis folhas, excepto quanto especificado.

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mín.</i>	<i>Estimativa Máx.</i>	<i>Martelo</i>	<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Menino-Jesus*	16,7	5.000 €	7.500 €	6.900 €	16-12-1996	PCV
Menino-Jesus	19	2.000 €	3.000 €	2.800 €	14-03-2005	CML
Menino-Jesus**	22	10.000 €	20.000 €	14.000 €	09-05-2006	PCV
Menino-Jesus*	24,5	10.000 €	20.000 €	12.000 €	09-05-2006	PCV
Menino-Jesus*	22	10.000 €	20.000 €	12.000 €	09-05-2006	PCV
Menino-Jesus	17	4.350 €	6.525 €	10.500 €	11-12-2012	CML

Tabela XXIII – Esculturas cristãs de arte namban no mercado leiloeiro nacional.

* Escultura namban ou sino-portuguesa

** Escultura namban ou cingalo-portuguesa

<i>ID</i>	<i>Dimensões (cm)</i>	<i>Estimativa Mín.</i>	<i>Estimativa Máx.</i>	<i>Martelo</i>	<i>Data</i>	<i>Leiloeira</i>
Escultura bifronte 1	12,5	1.000,00 €	1.500,00 €	1.000,00 €	06-11-2006	CML
Escultura bifronte 1	12,5	1.500,00 €	2.250,00 €	0,00 €	13-12-2011	CML
Escultura bifronte 1	12,5	1.500,00 €	2.250,00 €	0,00 €	25-09-2012	CML

Tabela XXIV – Esculturas profanas de arte namban no mercado leiloeiro nacional.

ANEXO II – IMAGENS



Figura 1 – Arca namban com duas gavetas na base, decoração em laca ilustrando reservas de *nanban* karakusa em fundos preenchidos por madrepérola incrustada. Cerca 1600.

Proveniência: Coleção do Príncipe de Ligne do Château de Belœil.

Estimativa: £30.000 - £40.000

Martelo (inc. prêmio): £0

Lote 999, Leilão “*Japanese and Korean Works of Art*”, Sotheby’s, Londres, 14 de Julho de 2004



Figura 2 – Arca namban com uma gaveta na base, início do século XVII. Dim.: 27 x 49,5 x 34 cm

Estimativa: €4.000 - €6.000

Martelo (inc. prêmio): €15.000

Lote 64, Leilão PF1201 “*Important Mobilier, Sculptures et Objets d’Art*”, Sotheby’s, Paris, 20 de Abril de 2012



Figura 3 – Arca namban sem gavetas do estilo “transitivo”, século XVII. Dim.: 73x151x78 cm

Base: €17.000

Martelo: €0

Lote 152, Leilão 17 “Arte e Antiguidades”, Aqueduto, Lisboa, 18 -21 de Fevereiro de 2010



Figura 4 - Bandeja rectangular de cantos recortados em estilo namban com decoração representando cena do Conto de Genji, Dim.: 76,3 x 40,7 cm

Estimativa: £30.000 (\$48.699) - £40.000 (\$64.932)

Martelo (inc. prémio): £23.000 (\$37.336)

Lote 17, Leilão 6215 “Netsuke & Lacquer from the Japanese Department of Eskenazi”, Christie’s, Londres, 17 Novembro 1999



Figura 5 – Bandeja em madeira talhada com decoração lacada *nanban karakusa*, século XVI/XVII. Dim.: 6,8 x 44,8 cm

Estimativa: €400 - €600

Lote 109, Leilão “*Colecção Comandante Ernesto Vilhena e outras proveniências*”, Leiria & Nascimento, Lisboa, 4 de Dezembro de 1992



Figura 6 – Bandeja em madeira talhada com decoração lacada vegetalista, século XVII. Dim.: 6 x 65,5 x 40 cm.

Estimativa: €3.000 - €6.000

Martelo: €4.000

Lote 229, Leilão 169 “*Especial III*”, Palácio do Correio Velho, Lisboa, 14 de Dezembro de 2006



Figura 7 – Baú em laca namban finais do século XVI, Dim.: 48cm

Estimativa: £2.000 (\$4.186) - \$3,000 (\$6.279)
Martelo (inc. prêmio): £8.750 (\$18.314)

Lote 257, Leilão 7553 “*The Bob Moore Collection of Japanese Art and Design*”, Christie’s Londres, 5-7 de Novembro de 2007



Figura 8 – Baú namban com decoração rara representando escudos heráldicos (*mon*), século XVI. Dim.: 45,2 cm

Estimativa: £3,000 (\$4,827) - £4,000 (\$6,436)
Martelo (inc. prêmio): £4,375 (\$6,978)

Lote 248, Leilão 6071 “*Japanese Art and Design*”, Christie’s Londres, 16 de Maio de 2012.



Figura 9 – Baú namban com pele de raia na decoração exterior. Interior com pintura de crustáceos sobre laca negra. Dim.: 29,5 x 46 x 25 cm

Estimativa: €10.000 - €15.000
Martelo (inc. prémio): €16.000

Lote 114, Leilão 101, Palácio do Correio Velho, Lisboa, 3 de Junho de 2002



Figura 10 – Baú namban com tampa decorada com precintas de madeira relevada, século XVI/XVII. Dim.: 36 x 55 x 31 cm.

Estimativa: €12.000 - €18.000
Martelo (inc. prémio): €16.000

Lote 139, Leilão 90 “*Pintura, Antiguidades, Obras de Arte e Pratas*”, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 5 de Novembro de 2007



Figura 11 – Baú namban, início do século XVII. Dim.: 30,5 x 40,5 x 24 cm

Estimativa: €10.000 - €16.000

Martelo (inc. prémio): €0

Lote 141, Leilão 90 “*Pintura, Antiguidades, Obras de Arte e Pratas*”, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 5 de Novembro de 2007



Figura12 – Baú com decoração lacada *nanban karakusa* em painéis divididos por bandas de madreperola incrustada, século XVI. Dim.: 33 x 70,5 x 24 cm

Estimativa: €10.000 - €15.000

Martelo (inc. prémio): €14.500

Lote 62, Leilão 90 “*Pintura Portuguesa, Antiguidades, Obras de Arte, Moedas e Pratas*”, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 24-25 de Novembro de 2004



Figura 13 – Caixa rectangular de cantos arredondados com um escudo heráldico (*mon*) na decoração da tampa, e painéis de *shippo-tsunagi* nas faces, século XVI/XVII. Dim.: 39 cm

Estimativa: £10,000 (\$19,860) - £15,000 (\$29,790)

Martelo (inc. prémio): £9,600 (\$19,066)

Lote 38, Leilão 7416 “*Japanese Art and Design and the Francois Storno Collection of Netsuke*”, Christie’s Londres, 16 de Maio de 2007



Figura 14 – Caixa redonda, possivelmente feita para guardar golas de rufos, século XVI/XVII. Dim.: 39 cm

Estimativa: £20.000 (\$32.466) - £30,000 (\$48.699)

Martelo (inc. prémio): £89.500 (\$145.797)

Lote 194, Leilão 6193 “*Japanese Art and Design*”, Christie’s Londres, 17 de Novembro de 1999



Figura 15 – *Tabikushibaku* (necessaire de viagem), século XVII. Dim: 13 x 22,4 x 16,6 cm.

Estimativa: £4.000 (\$6.708) - £6.000 (\$10.062)

Martelo (inc. prémio): £9.560 (\$16.032)

Lote 49, Leilão 6821 “*Fine European Furniture, Sculpture, Tapestries and Carpets.*”, Christie’s Londres, 13 de Novembro de 2003



Figura 16 – Caixa-cofre para guardar joias, século XVI. Dim.: 29 x 22 x 7.5 cm.

Estimativa: €4.000 - €6.000

Valor do Martelo : €20.000

Lote 222, Leilão 150 “*Especial I*”, Palácio do Correio Velho, 7 de Junho de 2005



Figura 17 – Caixa-cofre, século XVI/XVII. Dim.: 18 x 28 x 22 cm

Estimativa: € 2.500 – 3.750

Valor do Martelo : € 2.500

Lote 400, Leilão 120 “*Antiguidades e Obras de Arte Pinturas, Pratas e Jóias*”, Cabral Moncada Leilões, 27 a 28 de Setembro de 2010



Figura 18 – Caixa-cofre com tampa de levantar ligeiramente abaulada. Este objecto apresenta motivos decorativos muito comuns nas lacas namban: bandas de “chevrons” a rematar as arestas, motivos axadrezados na decoração da tampa, e painéis rectangulares e cartelas ao centro das faces e da tampa com animais envoltos por densos enrolamentos de *nanban karakusa*. Século XVI/XVII. Dim.: 19,5 x 36 x 21,5 cm

Estimativa: € 5.000 - 7.500

Valor do Martelo : € 7.200

Lote 113, Leilão 78 “*Pintura, Antiguidades, Obras de Arte e Pratas*”, Cabral Moncada Leilões, 6 de Março de 2006



Figura 19 – Cofre namban. Decoração representado uma cena da História de Genji executada em várias técnicas (*hiramaki-e*, *usu-niku-takamaki-e*, *heidatsu*, *tsukemaki*, *nashiji* e *kirikane*), ouro e prata sobre laca negra. Com inscrição “MOROCAUA LUÍS,”. Período Edo, meados do século XVII. Dim: 23,3cm

Estimativa: £12.000 (\$19.620) - £15.000 (\$24.525)

Martelo (inc. Prémio): £15.000 (\$24.540)

Lote 99, Leilão 6099 “*Japanese Art & Design*”, Christie’s Londres, 2 de Junho de 2011



Figura 20 – Cofre namban com tímpanos na estrutura da tampa e uma única argola de pegar, século XVI/XVII. Dim: 18 x 24 x 14cm

Estimativa: £4.000 - £6.000

Martelo (inc. prémio): £4.560

Lote 150, Leilão 14911, “*Furniture, Early Works of Art, Carpets & Rugs*”, Bonhams, Londres, 10 de Julho de 2007



Figura 21 –Cofre em laca namban com decoração típica representando painéis de *namban karakusa* divididos por faixas de madrepérola incrustada, e bandas de losangos em madrepérola e *maki-e* a rematar as arestas. Século XVI. Dim.: 15,5 x 22,5 x 13 cm.

Estimativa: €6.000 - €10.000

Martelo: €12.000

Lote 266, Leilão 219 “*Antiguidades*”, Palácio do Correio Velho, Lisboa, 4 de Novembro de 2009



Figura 22 – Cofre namban em muito mau estado de conservação, século XVI/XVII. Dim.: 15,5 x 23 x 13,5 cm

Estimativa: €500 - €750

Valor do martelo: €500

Lote 308, Leilão 113 “*Antiguidades e Obras de Arte, Pinturas, Pratas e Jóias*”, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 14-15 de Dezembro de 2009



Figura 23 – Contador do estilo “Ambras”, com nove gavetas iguais aparentes e sete reais (duas são ilusórias), séc. XVI. Dim.: 32,3 x 45,5 x 30,5 cm

Estimativa: f. 4.500 (\$2.397) – f. 6.000 (\$3.197)

Martelo (inc./ prêmio): f. 15.213 (\$8.105)

Lote 601, Leilão 2433 “*Chinese and Japanese Ceramics and Works of Art*”, Christie’s Amsterdão, 19 de Outubro de 1999



Figura 24 – Contador de duas portas com várias gavetas desiguais no interior, início século XVI. Dim.: 63 x 43,9 x 34,6cm

Estimativa: £6.000 (\$9.144) - £7.000 (\$10.668)

Martelo (inc./ prêmio): £6.463 (\$9.849)

Lote 157, Leilão 6310 “*Arts of the Samurai and Japanese Art & Design*”, Christie’s Londres, 7 de Junho de 2000



Figura 25 – Contador de 8 gavetas e uma gaveta central recurada, séc. XVI. Dim.: 25,5 x 33 x 22 cm

Estimativa: €10.000 - €12.500

Martelo: €10.000

Lote 211, Leilão 1, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 5 de Fevereiro de 1996

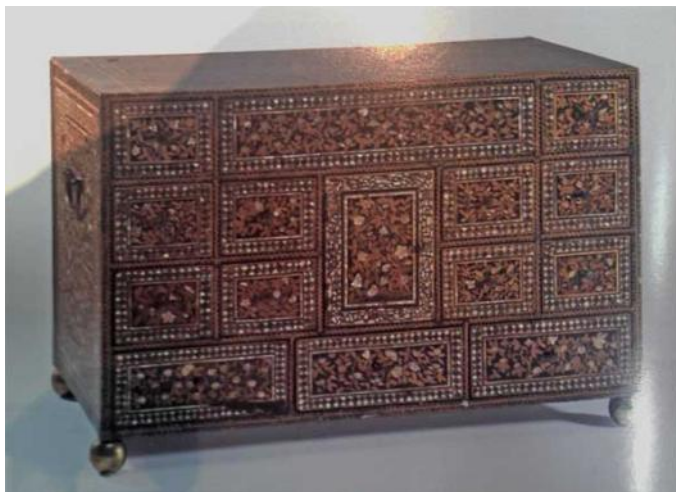


Figura 26 – Contador de 14 gavetas com uma portinhola central. Pés de fabrico posterior. Séc. XVI. Dim.: 52 x 76,5 x 41 cm

Estimativa: €8.000 - €12.000

Lote 330, Leilão 126 “Importante Leilão de Porcelana Chinesa e Antiquidades”, Palácio do Correio Velho, Lisboa 6-7 de Maio de 2004



Figura 27 – Escritório de grandes dimensões com decoração lacada *nanban karakusa* e painel central com insígnia jesuíta (provavelmente proveniente de uma estante de missal), século XVI. Suporte provavelmente de fabrico chinês.

Estimativa: £15.000 (\$31.395) - £20.000 (\$41.860)

Martelo (inc. prémio): £38.900 (\$81.418)

Lote 258, Leilão 7553 “The Bob Moore Collection of Japanese Art and Design”, Christie’s, Londres, 5 de Novembro de 2007



Figura 28 – Escritório de grandes dimensões, século XVI. Dim.:57,5 x 81 x 55 cm

Estimativa: €30.000 - €45.000

Martelo: €0

Lote 149, Leilão 60 “Pintura Portuguesa, Antiguidades, Obras de Arte, Moedas, Pratas e Jóias”, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 13-16 de Outubro de 2003



Figura 29 – Escritório, século XVI/XVII. Dim.: 43 x 63 x 34cm

Estimativa: €6.000 - €9.000

Martelo: €28.000

Lote 56, Leilão 64 “*Pintura Portuguesa, Antiguidades, Obras de Arte e Pratas*”, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 19-22 de Abril de 2004



Figura 30 – Escritório cúbico sem tampo frontal de abater, século XVI. Dim.: 26 x 25 x 24 cm.

Estimativa: € 1.750 - € 2.500

Lote 445, Leilão 35, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 1-3 de Fevereiro de 1999



Figura 31 – Mesa de formato europeu com decoração em laca namban desgastada, século XVI/XVII Dim.: 36,2 x 56,5 x 43,5cm.

Estimativa: £12.000 (\$17.088) – £15.000 (\$21.360)

Martelo (inc. prêmio): £14.100 (\$20.078)

Lote 126, Leilão 6385 “*Japanese Art and Design*”, Christie’s, Londres, 16 de Novembro de 2000



Figura 32 – Mesa namban pequena de formato incomum, século XVII. Dim.: 35,8 x 37,8 x 25,5cm

Estimativa: £12,000 (\$19.000) – £15.000 (\$24.000)

Martelo (inc. prêmio): £0

Lote 175, Leilão 17858 “*Fine Japanese Art*”, Bonhams, Londres, 11 de Novembro de 2010



Figura 33 – Mesa de formato europeu com decoração em laca namban desgastada, século XVI/XVII Dim.: 30,5 x 45,7 x 38,7cm

Estimativa: €5.000 - €6.5000

Martelo: €0

Lote 993, Leilão 3 “*Os Descobrimentos Portugueses e a Expansão Marítima I*”, Palácio do Correio Velho, Lisboa, 6-8 de Dezembro de 1989



Figura 34 – Tabuleiro de jogo gamão namban, primeira metade do século XVII. Dim.: 86 cm (aberto), 44 x 9,2 x 42,7cm (fechado).

Estimativa: £1.500 (\$2.351) - £2,000 (\$3.134)

Martelo (inc. prémio): £18.800 (\$29.460)

Lote 130, Leilão 9602 “*Asian Decorative Arts*”, Christie’s, Londres, 3 de Abril de 2003



Figura 35 – Moldura de espelho com decoração geometrizada namban, em *hiramaki-e* e incrustações de madrepérola sobre laca negra, início do século XVII. Dim.: 43,4 x 40cm.

Estimativa: £1.500 (\$2.525) - £2.000 (\$3.366)

Martelo (inc. prêmio): £2.629 (\$4.425)

Lote 150, Leilão 6733 “*Japanese Art & Design*”, Christie’s, Londres, 18 de Junho de 2003



Figura 36 - Par de *tokkuri* (garrafas de sake) namban. O Museu Nacional de Kyoto dispõe um conjunto de 6 *tokkuri* muito semelhante a este, datado de finais do séc. XVI. (Christie’s, 1997)

Estimativa: £20.000 (\$32.714) - £30.000 (\$49.071)

Martelo (inc. prêmio): £47.700 (\$78.023)

Lote 621, Leilão 5807 “*Japanese Lacquer*”, Christie’s, Londres, 19 de Junho de 1997



Figura 37- Estrutura em madeira talhada com decoração ao estilo namban, com decoração em *hiramaki-e* incrustações de madrepérola (prateleira superior de noqueira não faz parte do conjunto original). Século XVI/XVII. Dim.: 89 x 105,5 x 43,2 cm

Estimativa: \$6.000 - \$8.000

Valor do martelo (inc. prêmio): \$10.755

Lote 226, Leilão 1410 “*Japanese and Korean Works of Art*”, Christie’s, Nova Iorque, 22 de Setembro de 2004



Figura 38 – Oratório namban em forma de tabernáculo hexagonal. Dim.: 58 cm

Leilado pela Christie’s (Londres) a 12-13 de Novembro de 1996 por uma estimativa de £40.000 - £60.000.

Fotografia retirada de Jorge Manuel da Silva Gonçalves (1996-97), “*Lacas Namban*”, p.77



Figura 39 – Oratório portátil de pousar namban, com pintura a óleo representando Virgem e Menino. Século XVI.
Dim.: 45,5 x 32 x 4,5cm

Estimativa: \$100.000 – 150.000
Martelo (inc. prêmio): \$127.000

Lote 140, Leilão 9472 “*Japanese and Korean Art*”, Christie’s, Nova Iorque, 19 de Setembro de 2000



Figura 40 – Oratório portátil de suspender com pintura a óleo representando São Francisco de Paula, meados do século XVII. Dim.: 43,5cm

Estimativa: £6,000 (\$8,700) - £8,000 (\$11,000)
Martelo (inc. prêmio): £9,375 (\$14,297)

Lote 1, Leilão 5967 “*Japanese Art and Design*”, Christie’s, Londres, 13 de Maio de 2009

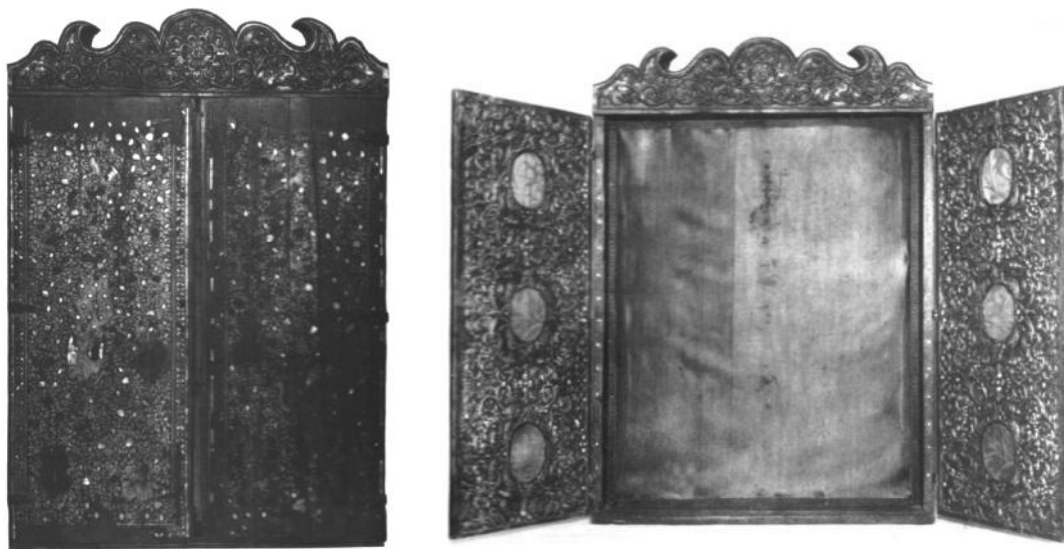


Figura 41 – Oratório com laca namban no exterior da decoração das portas, século XVII. Segundo Bernardo Ferrão (1990: 302) o fabrico deste oratório é possivelmente de origem indiana. Este oratório esteve à venda no antiquário Carucho (Porto) em 1973, e foi depois leiloado pela Distania.

Fotografias retiradas de Ferrão:1990, p.302-303, figs. 529.1 e 529.2



Figura 42 – Oratório portátil de suspender com pintura representando São Domingos. Século XVI/XVII. Dim.: 15,5 x 17 x 2,4 cm

Estimativa: €10.000 - €15.000

Martelo: €18.000

Lote 131, Leilão 68, Palácio do Correio Velho, Lisboa 20 de Maio de 1998



Figura 43 – Estante de missal de decoração em estilo *Kodaji maki-e*, em *hiramaki-e* e incrustações de madrepérola sobre laca negra. Provavelmente Período Edo. Dim.: 31.8x 26cm
O único outro exemplar semelhante que se conhece, do espólio do Colégio Jesuíta de Coimbra, foi exposto na Exposição *Art Namban: Les Portugais au Japon/Nambankunst: Portugezen in Japan. Europáloa/89* (1989, cat. no. 42)

Estimativa: £8.000 (\$13.464) - £12.000 (\$20.196)
Martelo (inc. prémio): £8.963 (\$15.084)

Lote 152, Leilão “Japanese Art and Design” [SALE 6733], Christie’s London, 18 Junho 2003



Figura 44 – Estante de missal namban com insígnia IHS ao centro, século XVI. Base e reverso com decoração *namban karakusa* rodeada por padrão geométrico. Dim.: 35,1cm

Estimativa: £40.000 (\$65.428) - £50.000 (\$81.785)
Martelo (inc. prémio): £87.300 (\$142.797)

Lote 622, Leilão 5807 “*Japanese Lacquer*”, Christie’s, Londres, 19 de Junho de 1997



Figura 45 – Estante de missal com insígnia jesuíta ao centro, séc. XVI/XVII. Dim.: 36 x 15,5 x 22,6 x 13 cm.

Estimativa: € 30.000 – €45.000

Valor do martelo: €30.000

Lote 137, Leilão 90 “*Pintura, Antiguidades, Obras de Arte e Pratas,*” Cabral Moncada Leilões, 5 de Novembro de 2007



Figura 46 – Caixa para hóstias namban decorada com flor estilizada ao centro, baseada num símbolo budista. Século XVI/XVII. Dim.: 10,5x6,7cm

Estimativa: \$30.000 - \$40.000

Martelo (inc. prémio): \$30.000

Lote 280, Leilão 1702 “*Japanese and Korean Art*”, Christie’s, Nova Iorque, 21 Setembro 1996



Figura 47 – Caixa de hóstias com decoração namban sem insígnia IHS, século XVII.

Estimativa: £800 (\$1.522) - £1.000 (\$1.903)

Martelo (inc. prêmio): £600 (\$1.142)

Lote 101, Leilão 7271 “*Japanese Art & Design*”, Christie’s, Londres, 8 de Novembro de 2006



Figura 48 – Rara *fumibako* (caixa de escrita) namban pequena, século XVI/XVII. Dim: 21,5 x 6.5 cm

Estimativa: £6.000 (\$9.814) - £8.000 (\$13.086)

Martelo (inc. prêmio): £7.475 (\$12.227)

Lote 628, Leilão 5807 “*Japanese Works of Art*”, Christie’s, Londres, 16 de Junho de 1997



Figura 49 – Polvorinho de Madeira lacada a castanho e decorada com pintura de figuras de Europeus e cão (pintura posterior). Início do século XVII. Dim.: 15.5 cm

Estimativa: £5.000 (\$8.300) - £6.000 (\$9.900)

Martelo (inc. prémio): £0

Lote 626, Leilão 5807 “*Japanese Lacquer*”, Christie’s, Londres, 19 de Junho de 1997



Figura 50 – Polvorinho em metal forrado de couro lacado, séc. XVI/XVII. Dim.: 20cm.

Preço: €62.500

Jorge Welsh, *Oriental Porcelain & Works of Art*, London (*Imagem e informação retirada do artigo “Maastricht Beckons” de Susan Moore (Março de 2010), publicado online pela Apollo Magazine*)



Figura 51 – Conjunto de sela e estribos em laca vermelha, início do século XVII. Dim.: 38,8 cm (sela); 31,1 cm (estribo).

Estimativa: \$6.000 - \$8.000

Martelo (inc. prêmio): \$72.000

Lote 336A, Leilão 1638 “*Japanese Art Including Property of The Metropolitan Museum of Art*”, Christie’s, Nova Iorque, 28 de Março de 2006



Figura 52 – Par de estribos namban assinadas “*Komura saku*”, início do século XVII. Dim.: 30,2cm (cada)

Estimativa: \$30.000 - \$40.000

Martelo (inc. prêmio): \$108.000

Lote 67, Leilão 1490 “*Japanese and Korean Art*”, Christie’s, Nova Iorque, 29 de Março de 2005



Figura 53 – Biombo de duas folhas representando mercadores portugueses e japoneses vestidos em trajes ocidentais, século XVI/XVII. Dim.: 82,5 x 44 cm

Lote 116, Leilão “*Japanese Swords and Sword Fittings, Namban Objects, Two Wood Sculptures, and other Works of Art*”, Christie’s, Londres, 5 de Julho de 1971



Figura 54 – Par de biombos de seis folhas, século XVI/XVII. A composição deste biombo insere-se no primeiro grupo, atribuível a Kanō Domi. Dim.: 141,8 x 350,2cm (cada)

Estimativa: \$300.000 - \$400.000

Preço realizado (inc. prémio): \$589.900

Lote 167 do Leilão 1410 “*Japanese and Korean Works of Art*”, Christie’s, Nova Iorque, 22 de Setembro de 2004



Figura 55 – Par de biombos namban com os selos de “Kanō Naizen” e “Shigesato”. Em cima: Biombo do lado esquerdo; em baixo: biombo do lado direito. Início do século XVII. Dim.: 160 x 360,4cm (cada)

Martelo (inc. prémio): \$4.786.500

Lote 854, Leilão 2426 “*Japanese and Korean Art*” Christie’s, Nova Iorque, 23 de Março de 2011



Figura 56 – Par de biombos de seis folhas (painéis) representando a linha costeira de Nagasáqui a Osaca, século XVII. Dim.: 134 x 47 cm (cada painel); 134 x 564 cm (total)

Estimativa: £35,000 (\$64,155) - £45,000 (\$82,485)

Martelo (inc. prémio): £66,000 (\$120,978)

Lote70, Leilão 7304 “*Exploration and Travel: Asia Including China Trade Paintings*”, Christie’s, Londres, 13 de Julho de 2006



Figura 57 – Pedra de forma circular com cruz cristã talhada com centro, com inscrição “*Tenshu... mesubeku...min and dated Tenna ninen...gatsu juhachinichi*” (décimo oitavo dia do ...mês, 1683). A outra face apresenta talhado o caracter sânscrito *Taraaku* (símbolo budista). Dim.: 25,4 cm

Estimativa: \$1,000 - \$1,500
Martelo (inc. prémio): \$4.800

Lote 345, Leilão 1638 “*Japanese Art Including Property of The Metropolitan Museum of Art*”, Christie’s, Nova Iorque, 28 de Março de 2006



Figura 58 – Menino-Jesus deitado em marfim, século XVII. Escultura cingalo-portuguesa ou namban. Dim.: 22 cm

Estimativa: €10.000 - €20.000
Martelo (inc. prémio): €14.000

Lote 120, Leilão 158 “*Especial II*”, Palácio do Correio Velho, Lisboa, 9 de Maio de 2006



Figura 59 – Incensório esculpido em forma de *kara-inu* (cão estrangeiro) em bronze. Início do século XVII.
Dim.: 23,5 cm

Martelo (inc. prémio): \$14.640

Lote 3150, Leilão 19121 “*Fine Japanese Works of Art*”, Bonhams, Nova Iorque, 22 de Março de 2011



Figura 60 – Escultura bifronte, representando figura de mercador português numa face e figura de jesuíta na outra face. Dim.: 12,5 cm

Estimativa: €1.000 - €1.500

Martelo (inc. prémio): €1.000

Lote 205, Leilão 83 “*Pintura, Antiguidades, Obras de Arte e Pratas*”, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 6 de Novembro de 2006



Figura 61 – Dois capacetes italianos com decoração renascentista, adaptados a *kabuto namban*, c.1580.

(cada um)

Estimativa: \$60.000 - \$80.000

Martelo (inc. prêmio): \$62.500

Lotes 56 e 57, Leilão 2378 “*Arts of the Samurai*”, Christie’s, Nova Iorque, 23 de Outubro de 2009



Figura 62 – Uma Mino Wakizashi (tipo de espada de samurai) assinada “Daido saku” com *koshirae* decorado com motivos namban, retratando um barco europeu, missionários e grupos de europeus sendo que um deles monta um elefante. Século XVI/XVII.

Estimativa: \$10.000 - \$15.000

Martelo (inc. prêmio): \$13.750

Lote 47, Leilão 2378 “*Arts of the Samurai*”, Christie’s New York, 23 de Outubro de 2009



Figura 63 – Tsuba de ferro com decoração *takabori* (alto-relevo) representando um navio europeu com tribulação, século XVII. Não assinado.

Martelo (inc. prémio): £1.560

Lote 98, Leilão 16023, Bonhams, Londres, 12 de Novembro de 2008



Figura 64 – Tsuba de ferro com decoração representando *karakusa* (arabescos entrelaçados de vinhas) e figuras de portugueses, século XVII. Não assinada. Dim.: 7,3 cm

Martelo (inc. prémio): \$5.490

Lote 3132, Leilão 17513 , Bonhams, Nova Iorque, 16 de Setembro de 2009



Figura 65 – *Fumi-e* oval em bronze, montado numa placa de madeira, com decoração representando Virgem Maria.

Estimativa: \$6.000 - \$10.000

Martelo (inc. prêmio): \$10.000

Lote 599, Leilão 2296 “*Japanese & Korean Art*”, Christie’s, Nova Iorque, 24 de Março de 2010



Figura 66 – *Fumi-e* em bronze dourado, montado numa placa de madeira, com decoração representando Cristo crucificado.

Estimativa: \$6.000 - \$8.000

Martelo (inc. prêmio): \$27.500

Lote 835, Leilão 2426 “*Japanese & Korean Art*”, Christie’s, Nova Iorque, 23 de Março de 2011



Figura 67 – *Inrō* com decoração a dourado sobre laca negra representado um pavão, e as palavras *Zun* de um lado (*sol* em holandês) e *Maan* (“lua” em holandês) do outro lado. *Ojime* de metal em forma de cruz e *netsuke* de porcelana representando um barco de mercadorias europeu. Contém no interior placa de madeira entalhada representando a Virgem e o Menino de um lado e Cristo crucificado no outro lado. Assinado Shonzui. Século XVIII. Dim.: 8,3cm

Martelo (inc. prêmio): \$20.740

Lote 3015, Leilão 17513 "Fine Japanese Works of Art", Bonhams, Nova Iorque, a 16 de Setembro de 2009.



Figura 68 – *Inrō* lacado de negro com decoração a cores representando mercadores portugueses, e um *netsuke* de marfim representando um holandês segurando uma flauta com escravo de um lado. Não assinado, início do século XIX. Dim.: 9cm

Martelo (inc. prêmio): £46.850

Lote 37, Leilão 20023 "Fine Japanese Art", Bonhams, Londres, 6 de Novembro de 2012



Figura 69 – Três pratos do mesmo conjunto, em porcelana de Arita feito para o mercado português, com as armas de Brandão, Carvalhal e Vasconcelos. Século XVIII. Dim.: 22cm (cada) Um exemplar de outro prato do mesmo conjunto foi ilustrado na revista *Arte & Leilões*, nº21, Ano 4, Agosto/Setembro 1993, pág.42

(Em cima, à esquerda)

Estimativa: €1.500 – €2.250

Lote 205, Leilão 57, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 24 de Fevereiro de 2003

(Em cima, à direita)

Martelo (inc. prémio): £840

Lote 177, Leilão 11797, Bonhams, Londres, 13 de Setembro de 2005

(É possível que este prato seja o mesmo o prato do lote 65 do leilão nº 9 da VERITAS Art Auctioneers, leiloado a 4 de Junho de 2012)

(Em baixo)

Martelo (inc. prémio): \$0

Lote 405, Leilão 51, Sloans & Kenyon, Chevy Chase, 18 de Junho de 2010



Figura 70 – Espelho de bronze com decoração representando um europeu (muito provavelmente português) segurando um leque e um cachimbo longo, e um escravo segurando um cinzeiro e outro leque. Assinado “Tenkaichi Sado”. Século XVII. Dim.: 20,3cm

Estimativa: \$4.000 - \$6.000

Valor do martelo (inc. prêmio): \$26.290

Lote 225, Leilão 1410 “*Japanese and Korean Works of Art*”, Christie’s, Nova Iorque, 22 de Setembro de 2004



Figura 71 – “Namban boshi”, pertencente à colecção do Museu do Oriente (Lisboa). Século XVI/XVII

Este objecto foi leiloado pela Sotheby's com uma estimativa de \$60.000 - \$80.000 e vendido por \$68.500, no dia 21 de Março de 2000 (Lote 85, Leilão 7436).



Figura 72 – Taça japonesa em laca possivelmente namban. Dim.: 6,5 x 11 cm

Estimativa: €800 - €1.200
Martelo (inc. prémio): €5.500

Lote268, Leilão 109 “*Antiguidades e Obras de Arte Pintura, Pratas e Jóias*”, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 29-28 de Setembro de 2009